



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO -CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - (PPGED)

**O NEOFASCISMO NA COTIDIANIDADE: uma análise das reverberações neofascistas
no cotidiano de estudantes do Ensino Médio**

Mestranda: Antonia Márcia da Silva Magalhães

Orientadora: Maria Escolástica de Moura Santos

TERESINA- PI

2024

ANTONIA MÁRCIA DA SILVA MAGALHÃES

**O NEOFASCISMO NA COTIDIANIDADE: uma análise das reverberações neofascistas
no cotidiano de estudantes do Ensino Médio**

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de mestrado do programa de pós-graduação em educação (PPGED) da Universidade Federal do Piauí, sob a orientação da professora Dra. Maria Escolástica de Moura Santos.

TERESINA- PI

2024

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação
Serviço de Representação da Informação

M189n Magalhães, Antonia Márcia da Silva

O Neofascismo na cotidianidade: uma análise das reverberações neofascistas no cotidiano de estudantes do Ensino Médio / Antonia Márcia da Silva Magalhães. – 2024.

112 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí,
Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, Teresina, 2024.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Escolástica de Moura Santos.

1. Totalitarismo e fascismo. 2. Fascismo Clássico. 3. Neofascismo.
I. Santos, Maria Escolástica de Moura. II. Título.

CDD 320.53

ANTONIA MÁRCIA DA SILVA MAGALHÃES

**O NEOFASCISMO NA COTIDIANIDADE: uma análise das reverberações
neofascistas no cotidiano de estudantes do Ensino Médio**

Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de mestrado do programa de pós-graduação em educação (PPGED) da Universidade Federal do Piauí como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Dra. Maria Escolástica de Moura Santos.

Aprovado em: 23 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIA ESCOLASTICA DE MOURA SANTOS
Data: 06/03/2024 08:15:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Presidente

Dra. Maria Escolástica de
Moura Santos

Documento assinado digitalmente
gov.br ELIANA DE SOUSA ALENCAR MARQUES
Data: 05/03/2024 16:03:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Eliana de Sousa Alencar Marques

Examinador (a) interno



Anita Helena Schlesener
Examinador(a) externo

À resistência antifascista

AGRADECIMENTOS

Antonio Gramsci em um texto intitulado “A herança” nos faz refletir qual a herança a classe trabalhadora pode deixar. Para o filósofo italiano quem não é capitalista deixa uma herança que é fruto do trabalho de muitos, não só do pai, avô ou bisavô. Os nossos ascendentes nos concederam inúmeras heranças, usufruímos de uma mais recente: a liberdade de fazer greve, associar-se com outros e discutir os interesses imediatos e até mesmo a liberdade para nós mesmos ou nossos descendentes (GRAMSCI, 2022).

Heranças que não são pequenas comparadas às deixadas aos filhos da grande burguesia. Afinal, se hoje uma filha de trabalhadores rurais recebe o título de mestre em educação e tem acesso ao conhecimento historicamente reservado a elite do nosso país é resultado dessa herança contruída por muitos que lutaram para que isso fosse possível.

Um legado do qual sou herdeira e que por isso começo agradecendo Antonio Gramsci por ter deixado uma grande contribuição na luta contra a exploração da classe trabalhadora e o fascismo, sobretudo por ser um exemplo de resistência e sacrifício por aquilo que se acredita e almeja para os seus descendentes, que não se restringe aos filhos, mas a coletividade.

Em sequência, agradeço aos meus pais: minha mãe Cleusa por ser a primeira pessoa com a qual aprendi a ter disciplina, força, coragem e resiliência. E ao meu pai Teodoro por me apresentar o mundo da leitura como a fuga do mundo real, caótico e perverso. Assim, como aquele velho da obra “O Velho e o Mar” de Ernest Hemingaw (primeiro livro que ele leu comigo) me ensinou a lutar pelos meus sonhos com muita teimosia, mas sem deixar de ver a vida com leveza, contemplação e até mesmo admiração e encanto pelo que se apresenta como adversário. Ensinou-me a fazer poesia quando nada mais poderia acontecer (definição sublime de poesia de Charles Bukowski). Com certeza sem os contrastes de ambos jamais teria chegado aqui.

Sou imensamente grata ao meu amor, amigo e grande parceiro Lucas Lopes por estar sempre presente em todos os momentos, dos mais felizes aos mais conflituosos, sobretudo por ser meu ponto de equilíbrio e ter trazido leveza para minha vida.

Agradeço aos meus professores da Educação Básica, dos quais não vou citar nomes para não correr o risco de deixar de citar alguém. Todos contribuíram de alguma forma na minha trajetória, outros mais, outros menos. Alguns como inspiração de como exercer essa profissão, outros de como não ser.

Sou grata aos professores da Universidade Federal do Piauí (UFPI) dos quais tive a honra de ser aluna na graduação em Pedagogia e somar à bagagem do que levo dos da Educação

Básica.

Agradeço as minhas colegas da 33ª turma do mestrado em educação: Alessadra, Ayla, Denise, Naiandra, Thais e DeJane (minha “duplinha” e parceira de orientação) pelos momentos compartilhados de alegria e aflição inerente ao mestrado.

Agradeço meu amigo Denis por mesmo longe estar por perto emanando carinho e afeto.

Agradeço meus irmãos Márcio e Maria Antonia por compreenderem minha constante ausência.

Apresento também gratidão aos meus sobrinhos Marcioni e Bianca por serem uma das minhas razões de perseverança. Com eles aprendi a enxergar de novo a vida como mais inocência e encanto.

Agradeço a tia Roselma e ao tio Edivaldo pelos convites para os almoços e cafés aos domingos. Obrigada por me adotarem como sobrinha!

Demonstro meu agradecimento também a dona Marcelina pelo carinho, cuidado e compreensão por eu sumir repentinamente e aparecer esporadicamente nos dias festivos.

Agradeço os meus filhotes não humanos Lupinho, Pita, Janine e Mini por serem uma das melhores companhias durante o processo de isolamento necessário para escrita e construção de projetos futuros. Obrigada, filhinhos, por me cercarem com os olhares mais lindos e meigos e me lembrarem sempre, pontualmente, quando deveria sair do quarto de estudos e procurar comida para nós.

Apresento minha gratidão à minha querida orientadora Escolástica Santos pela confiança em deixar-me fazer escolhas entre muitas alternativas, especialmente por nos ensinar sobre leveza e competência.

Deixo registada também minha gratidão ao meu querido ex-orientador, Pedro Santos, pela co-orientação, parceria e amizade construída ao longo dos anos vividos na UFPI.

Agradeço meu querido amigo Isaías pelos concelhos serenos que você ouve somente de quem um dia foi um quase padre (risos).

Agradeço o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Emancipação Humana (NESPEM), o Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia da Práxis, Educação e Subalternidade em Antonio Gramsci (FILOGRAMSCI) e o Grupo de Estudos e Pesquisas em Instván Mészáros (GESPIM) pelas valiosas contribuições ao longo da minha vida acadêmica.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro, o que possibilitou minha dedicação integral para a realização desta pesquisa.

Não poderia de deixar de agradecer os inúmeros professores da Educação Básica, que conheci ao longo da minha aventura enquanto mestranda concursada, pelas inspirações de

luta.

Por fim, sou grata a banca avaliadora: Anita Schlesener e Eliana Alencar pelas preciosas contribuições dadas desde a qualificação à defesa.

Gratidão a todos que de alguma maneira contribuíram nesta etapa da minha vida.

Gratidão ao universo e as sutilezas da vida.

Por fim, enquanto filha da classe trabalhadora essa é a minha herança que prometo dar continuidade e ampliá-la.

[...] É espantoso o que fazem essas pessoas generosas e desapegadas, arriscando a própria vida para ajudar a salvar os outros. O melhor exemplo disso são as pessoas que nos ajudam [...] Nunca disseram uma única palavra sobre o fardo que devemos representar para elas, nunca reclamam dizendo que causamos problemas demais [...] Estampam no rosto as expressões mais alegres, trazem flores e presentes nos aniversários e nos feriados, e estão sempre prontos para fazer tudo o que podem. Não devemos nos esquecer disso nunca; enquanto outros demonstram heroísmo nas batalhas ou contra os alemães, nossos benfeitores provam o seu com a alegria e o afeto.

Anne Frank

MAGALHÃES, Antonia. Márcia. da. **O NEOFASCISMO NA COTIDIANIDADE:** uma análise das reverberações neofascistas no cotidiano de estudantes do Ensino Médio. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação). 109f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2024.

RESUMO

A presente pesquisa, vinculada à linha de pesquisa Formação Humana e Processos Educativos do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí (PPGED/UFPI) tem como problema central a seguinte indagação: quais as reverberações do neofascismo no cotidiano de estudantes do Ensino Médio de uma escola da rede pública de ensino no município de União-PI? E como objetivo geral: analisar as reverberações do neofascismo no cotidiano de estudantes do Ensino Médio de uma escola pública em União-PI. Para tanto, trilhamos como caminho teórico e metodológico o materialismo histórico e dialético, fundamentado em Karl Marx, Antonio Gramsci e Gyorgy Lukács, que visa analisar um determinado objeto em sua totalidade, considerando sua relação dialética com a particularidade e a singularidade. No primeiro momento realizamos uma pesquisa bibliográfica a fim de demonstrar a relação entre o neofascismo brasileiro e o fascismo clássico, este entendido como um movimento reacionário ocorrido entregueras, sobretudo na Itália liderada por Benito Mussolini, bem como no Império Nazista sob liderança de Adolf Hitler. Em seguida buscamos identificar as instituições responsáveis por disseminar a ideologia neofascista no âmbito educacional escolar brasileiro. Entendemos que perante um contexto de crises políticas, econômicas e sociais, apresentam-se reformas nos mais diferentes setores, dentre os quais a educação escolar que tem sido visada por várias organizações liberais e neoconservadoras como as *thinks tanks* e o Banco Mundial que buscam garantir a manutenção da ordem social vigente. Nessa etapa, além da pesquisa bibliográfica realizamos uma pesquisa documental. Posteriormente nos dedicamos a caracterizar aspectos do neofascismo e sua expressão no cotidiano de estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública da cidade de União-PI. Nessa terceira e última etapa da pesquisa foi feita uma pesquisa de campo em uma escola pública da supracitada cidade, da qual participaram sete estudantes, escolhidos através dos seguintes critérios: disponibilidade, interesse em participar da pesquisa, estar cursando o 3º ano do ensino médio e ter faixa etária de 16 a 18 anos. Para a análise das falas dos participantes utilizamos a técnica de Análise Textual Discursiva (ATD) de Moraes (2003). Para concluir, constatamos que o neofascismo brasileiro

se caracteriza pelo reaparecimento de elementos típicos do fascismo clássico, como o uso da violência e ataque a organizações políticas dissidentes, o fim da liberdade de imprensa sob a máscara da defesa da liberdade de expressão, aniquilação da democracia liberal etc. Todas essas características têm reverberado em vários âmbitos sociais, inclusive na educação e na cotidianidade de estudantes que, assim como a maioria da população estão suscetíveis a serem convencidos pelos movimentos reacionários neofascistas.

Palavras-chave: Fascismo Clássico. Neofascismo. Cotidianidade. Ensino Médio

MAGALHÃES, Antonia. Márcia. da. **O NEOFASCISMO NA COTIDIANIDADE:** uma análise das reverberações neofascistas no cotidiano de estudantes do Ensino Médio. 2024. Dissertação (Mestrado em Educação). 109f. Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2024.

ABSTRACT

This research, linked to the Human Formation and Educational Processes research line of the Graduate Program in Education at the Federal University of Piauí (PPGED/UFPI), addresses the central problem: what are the reverberations of neofascism in the daily lives of high school students in a public school in the city of União-PI? The general objective is to analyze the reverberations of neofascism in the daily lives of high school students in a public school in União-PI. The theoretical and methodological path chosen is historical and dialectical materialism, grounded in Karl Marx, Antonio Gramsci, and Gyorgy Lukács, aiming to analyze a specific object in its entirety, considering its dialectical relationship with particularity and singularity. Initially, a bibliographic research was conducted to demonstrate the relationship between Brazilian neofascism and classical fascism, the latter understood as a reactionary movement that occurred in the interwar period, especially in Italy led by Benito Mussolini, and in the Nazi Empire under the leadership of Adolf Hitler. Subsequently, efforts were made to identify institutions responsible for disseminating neofascist ideology in Brazilian school education. In the context of political, economic, and social crises, various sectors undergo reforms, including school education targeted by liberal and neoconservative organizations such as think tanks and the World Bank, seeking to ensure the maintenance of the current social order. In addition to bibliographic research, a documentary research was conducted. Later, the focus shifted to characterizing aspects of neofascism and its expression in the daily lives of third-year high school students in a public school in the city of União-PI. In the third and final stage of the research, a field study was conducted in a public school in the aforementioned city, involving seven students selected based on criteria such as availability, interest in participating in the research, enrollment in the third year of high school, and an age range of 16 to 18 years. The participants' statements were analyzed using the Discursive Textual Analysis (DTA) technique by Moraes (2003). In conclusion, it was observed that Brazilian neofascism is characterized by the reappearance of typical elements of classical fascism, such as the use of violence and attacks on dissident political organizations, the suppression of press freedom under the guise of defending freedom of expression, and the annihilation of liberal democracy, among

others. All these characteristics have reverberated in various social spheres, including education and the daily lives of students who, like the majority of the population, are susceptible to being influenced by neofascist reactionary movements.

Keywords: Classical Fascism. Neofascism. Daily Life. High Sch

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. O QUE OS ESTUDOS REVELAM SOBRE AS REVEBERAÇÕES DO NEOFASCISMO NA COTIDIANIDADE DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: dados gerais do levantamento bibliográfico.....	20
2.1 O que dizem os estudos realizados entre 2012 e 2022.....	23
3. MÉTODO E METODOLOGIA.....	26
3.1 Universo e participantes	26
3.2 Instrumentos de produção de dados.....	28
3.3 Dispositivo de análise.....	31
3.4 riscos e benefícios	32
4. CAPÍTULO 01: DO FASCISMO CLÁSSICO AO NEOFASCISMO BRASILEIRO.....	35
5. CAPÍTULO 02: ORGANIZAÇÕES RESPONSÁVEIS POR DISSEMINAR A IDEOLOGIA NEOFASCISTA NO ÂMBITO EDUCACIONAL ESCOLAR.....	57
6. CAPÍTULO 03: A IDEOLOGIA NEOFASCISTA E SUA EXPRESSÃO NO COTIDIANO DE ESTUDANTES DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO.....	74
6.1 O cotidiano como ponto de partida e de chegada do ser social.....	76
6.2 A ideologia neofascista na cotidianidade de estudantes do ensino médio: o caótico entre essência e aparência.....	73
7. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS.....	95
8. REFERÊNCIAS	98
9. APÊNDICE	107
9.1 Apêndice 2- Questionário sócio-econômico.....	108
9.2 Apêndice 3- Roteiro do Grupo Focal	109

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, sobretudo a partir da eleição de Donald Trump nos Estados Unidos em 2016, a palavra fascismo voltou ao cenário acadêmico e mediático como nunca visto após a Segunda Guerra Mundial. Dificilmente houve uma palavra tão disseminada e não compreendida como esta. Na maioria das vezes é utilizada como um insulto ou acusação na arena política (Bolinaga, 2007; Konder, 2009; Orwell, 2017; Togliatti, 1978; Zetlin, 2019).

Para Fresu (2017), o fascismo foi um fenômeno essencialmente italiano, originado de elementos especificamente italianos em decorrência da crise pós Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Todavia, para Gramsci (2004), Togliatti (1978) e Bolinaga (2007) o fascismo ultrapassa os limites geográficos daquele país europeu e perpassam outros tempos e contextos históricos, pois é uma reação do próprio sistema do capital diante de instabilidades econômicas, políticas e sociais. Gramsci (2004) aprofunda que embora a Grande Guerra tenha intensificado essa crise na Itália, o fascismo não era algo especificamente italiano, mas de todo o sistema capitalista.

O ressurgimento das características do fascismo clássico, aquele de entreguerras, caracterizam o neofascismo no século XXI. No Brasil, o neofascismo aprofundou e se manifestou mais explicitamente desde o governo de extrema-direita que assumiu a presidência do país em 2018. O discurso de ódio à esquerda, a difusão de *fake news*, a apologia à violência, a postura contrária ao feminismo e ao debate de gênero, a política do armamento da população, a defesa da meritocracia e de uma educação de caráter técnico para os estudantes oriundos da classe trabalhadora são sinais do neofascismo que pode ter ressonâncias nas mais diversas esferas sociais, inclusive no campo educacional.

Entendemos a partir das lentes gramscianas que para uma análise do neofascismo brasileiro é indispensável levar em consideração tanto os fatores nacionais, quanto internacionais, pois para o filósofo Gramsci o próprio fascismo italiano era uma expressão da devastação da Itália pós-guerra, mas também do sistema do capital por inteiro. Tendo isso em vista, é válido destacar que diante da atual crise estrutural do capitalismo são apresentadas reformas que visam favorecer o capital nacional e internacional e ampliar os instrumentos de controle, tais como a reforma trabalhista, da previdência, o teto de gastos públicos e a reforma no ensino, dentre estas a reforma do Ensino Médio (Lei nº 13.415/2017) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Santos e Santos, 2020).

Ambas reformas no âmbito educacional tem causado grandes impactos na formação humana no cotidiano escolar. Além delas, faz-se presente a defesa da Escola Sem Partido

(ESP), da Educação Domiciliar (*homeschooling*), e o Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares – Pecim (decreto nº 10.004, de 5 de setembro de 2019) que são projetos que apresentam marcas explícitas do conservadorismo e, sobretudo, do avanço do neofascismo no Brasil.

Nesse contexto, destacamos que órgãos financeiros internacionais como o Banco Mundial tem contribuído para a elaboração de políticas educacionais reacionárias neofascistas. Ademais, o Instituto Millenium (Imil), Instituto Liberal (IL), Instituto Von Mises Brasil (IMB) são as maiores *thinks tanks*¹ nacionais que agem em articulação com organizações internacionais como Atlas Network e exercem o papel de verdadeiros partidos políticos que objetivam produzir consenso para a hegemonia burguesa através da defesa do livre comércio e da propriedade privada. A defesa da moral e da família patriarcal também integram suas pautas, caracterizando uma farsa que anuncia uma tragédia. As redes sociais como *facebook*, *Twitter* e *Instagram* são os principais meios de comunicação para a difusão de suas ideologias, mas a escola também tem sido um dos espaços de disputa dessas organizações políticas (Casemiro, 2020).

Partindo dessa problemática, definimos como questão central da nossa pesquisa a seguinte indagação: quais as reverberações do neofascismo no cotidiano de estudantes do Ensino Médio da rede pública? A partir desse questionamento definimos como **objetivo geral**: compreender as reverberações neofascistas no cotidiano de estudantes do Ensino Médio da rede pública. E como **objetivos específicos** pretendemos: demonstrar a relação entre o fascismo clássico e o neofascismo no Brasil; investigar instituições responsáveis por disseminar a ideologia neofascista no âmbito educacional escolar brasileiro e; caracterizar aspectos do neofascismo e sua expressão no cotidiano de estudantes do Ensino Médio.

Por cotidiano, entende-se “o plano mais imediato das objetivações humanas, mas a partir do qual se alargam atividades mais complexas”(Santos *et al*, 2005, p. 270) como a arte, a política, a filosofia, a ciência, dentre outras.

É pelo cotidiano que se produz e se amplia as mais diversas objetivações do sujeito histórico, superando o plano da imediatividade. Assim, estudar o cotidiano de uma sala de aula requer a compreensão de um conjunto de ideias, saberes, crenças e valores que os sujeitos utilizam de forma imediata para se posicionar sobre o neofascismo no Brasil. Requer também relacionar a concepção imediata de mundo dos estudantes com as condições materiais, visando

¹Santos e Santos (2022, p. 37) entendem as *thinks tanks* como “fábricas de ideias estadunidenses” que apesar de se apresentarem como apartidárias e anti ideológicas, disseminam ideais, valores e princípios burgueses.

elevá-la de forma crítica e rigorosa para intervenção na realidade social.

Com essa finalidade, utilizamos como fundamentos teóricos-metodológicos o materialismo histórico e dialético que tem como ponto de partida para a análise de um dado problema o real, isto é, as condições materiais existentes, de modo que esta análise contemple a totalidade. Nessa direção nos sustentaremos nas lentes gramscianas para análise das reverberações neofascistas no cotidiano de estudantes de uma sala de aula do 3º ano do Ensino Médio, pelo fato de Antonio Gramsci ter vivido em um contexto histórico fascista e ter em perspectiva a educação como um dos maiores instrumentos de luta contra o reacionarismo burguês. E em Gyorgy Lukács para a compreensão da cotidianidade, pois este autor húngaro discute o cotidiano a partir da luz teórica marxista.

O interesse pelo estudo dessa temática surgiu a partir da participação em três planos de trabalho de Iniciação Científica Voluntária (ICV) na Universidade Federal do Piauí. No primeiro de 2017 a 2018, analisamos o conceito de educação nos Escritos pré-carcerários de Gramsci (1910-1920); no segundo, de 2018 a 2019, demos continuidade ao estudo do conceito de educação nos mesmo escritos, porém considerando o recorte histórico de 1921 a 1926; no terceiro, aprofundamos a análise do mesmo conceito, porém buscando elementos em alguns escritos carcerários, especialmente nos cadernos 11, 12, 19 e 25.

Além disso, a partir desses estudos, elaboramos um projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com o seguinte tema: A educação no contexto fascista italiano na perspectiva gramsciana. Nesse trabalho, discutimos sobre o conceito de educação segundo o prisma fascista e também na perspectiva de Antonio Gramsci. Demonstramos que uma educação fascista tem como fim validar o contexto econômico, político, social e cultural que cerceia o ímpeto criador das classes subalternas.

E uma das formas de submetê-las é pelo viés educacional, que contribui para que os subalternizados aprendam a respeitar as autoridades, a não criticarem o sistema de dominação, a acatarem as normas instituídas, a defenderem uma visão fatalista que valida o *status quo* e a se conceberem como inaptos para a atividade intelectual e aptos apenas para as atividades manuais.

Na contramão dessa concepção de educação, Gramsci (1999) propõe outra que é comprometida com a classe trabalhadora, pois pretende contribuir com o seu processo de formação humana omninaetal. Por formação humana entendemos o processo de tornar-se parte do gênero humano, este constituído ao longo da história a partir da educação que possibilita a transmissão dos conhecimentos historicamente construídos pelas gerações anteriores às atuais (Leontiev, 1978). Para que esta formação humana seja omnilateral, requer

a superação da condição de subalternidade dos sujeitos históricos a fim de que se tornem mestres de si mesmos.

Nesse seguimento, para Lukács (2018) “o essencial da educação dos seres humanos consiste [...] em qualificá-los a reagir adequadamente a eventos e situações novas, inesperados que ocorrerão mais tarde em suas vidas”. A educação, portanto, tem como principal função preparar os indivíduos para saberem reagir de maneira assertiva perante situações cotidianas. Ressaltamos que para esse intelectual marxista há dois tipos de educação, a saber: a educação em *sentido lato*, que está presente em todas as formas de sociabilidades humanas (coletivismo, escravismo, feudalismo, capitalismo etc.) e é reproduzida por cada indivíduo espontaneamente. E a educação em *sentido estrito*, originada a partir do antagonismo de classe, logo é elaborada pela classe que se encontra em posição de domínio.

Convém ressaltar, que em diálogo com Gramsci (2004) tudo é educador, o estado, o ambiente, as relações sociais etc. Assim, para o italiano o tipo de educação predominante num determinado contexto histórico depende dos interesses econômico, político, social e cultural dos sujeitos históricos que disputam posição na arena social. Nesse sentido, os que vencem a disputa tendem a definir um modelo de educação alinhado a sua concepção de mundo.

Isso ocorreu na Itália que saiu da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) profundamente devastada econômica, política e socialmente. O aumento do desemprego, sobretudo, da classe trabalhadora, desencadeou fortes manifestações por todo o país, ocasionando uma crise hegemônica. E foi nesse cenário que o fascismo surgiu com a promessa de solucionar essa crise que, para Gramsci, não era algo especificamente italiano, mas próprio de todo o sistema do capital.

Pelo apresentado, há diferenças teóricas e metodológicas entre Georg Lukács e Antonio Gramsci, embora ambos sejam adeptos do marxismo. Ressaltamos que não aprofundaremos essa questão neste trabalho, pois isso requer uma ampla pesquisa nas obras desses intelectuais, o que a brevidade do tempo concedido ao metrado em educação não nos permite. Assim, para não cairmos na superficialidade deixaremos esse estudo para pesquisas posteriores.

Posto isso, nesta pesquisa **formulamos as seguintes hipóteses**: há fortes relações entre o fascismo clássico, sobretudo, o fascismo alemão e o neofascismo brasileiro; Instituições liberais e neoconservadoras como os *thinks tanks* e o Banco Mundial têm contribuído na disseminação de elementos neofascistas no âmbito educacional escolar e; o

anticomunismo, distorção da verdade e aversão aos grupos historicamente marginalizados como os LGBTQIA+ são alguns aspectos do neofascismo que se expressam no cotidiano de estudantes do último ano do Ensino Médio, que na maioria das vezes crescem sob valores tradicionais, além de estarem constantemente conectados às redes sociais, onde ideais neofascistas têm buscado adeptos.

Nesse sentido, a presente pesquisa possui a seguinte **justificativa**: compreendemos que em um cenário de avanços das forças neofascistas de extrema-direita no Brasil e em escala internacional, nosso trabalho pode contribuir na compreensão das correlações de forças políticas, econômicas e sociais do cenário atual e, sobretudo, na busca de alternativas para o enfrentamento de forças reacionárias neoliberais de ataque às instituições democráticas e desmonte da educação pública brasileira.

Além disso, esperamos que esta pesquisa possa contribuir na construção de novos referenciais teórico-metodológicos acerca das reverberações do neofascismo na cotidianidade. Espera-se também que o conhecimento produzido neste percurso contribua para o fortalecimento do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Emancipação Humana (NESPEM) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Filosofia da Práxis, Educação e Subalternidade em Antonio Gramsci (FILOGRAMSCI), ambos da Universidade Federal do Piauí.

Por exposição didática importa dizer que o presente texto será organizado em três capítulos. No primeiro, trataremos das relações entre o fascismo da década de 1920 com o neofascismo brasileiro. O segundo apresentará as organizações internacionais que têm contribuído na propagação de ideologias neofascistas no âmbito escolar. No terceiro e último caracterizaremos aspectos do neofascismo e sua expressão no cotidiano de estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública em União. Nesse capítulo, demonstraremos que o ressurgimento das características do fascismo clássico tem reverberado nos mais diversos espaços sociais, incluindo a cotidianidade de estudantes do 3º ano da supracitada etapa de ensino.

A seguir, apresentaremos nossa revisão de literatura.

2. O QUE OS ESTUDOS REVELAM SOBRE AS REVEBERAÇÕES DO NEOFASCISMO NA COTIDIANIDADE DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: dados gerais do levantamento bibliográfico

De antemão, será reiterado em vários momentos neste trabalho que há várias confusões terminológicas sobre o conceito de fascismo. E quanto ao neofascismo não poderia ser diferente. No Brasil, além disso não há consenso entre os autores sobre o que ocorreu de fato no Brasil liderado por Jair Messias Bolsonaro (2018-2022). Alguns configuram como bolsonarismo, outros compreendem como conservadorismo reacionário e a grande maioria, como fascismo. Já uma parcela minoritária de pesquisadores entende aquele contexto como neofascista que chegou ao seu ápice em 2018 com a vitória nas urnas eleitorais do citado candidato do Partido Liberal (PL).

Ciente da complexidade que envolve esse debate realizamos uma revisão de literatura a fim de situarmos nosso objeto de estudo, as reverberações do neofascismo na cotidianidade de estudantes do Ensino Médio, dentre as dissertações e teses até o presente momento escritas no Brasil. Para tanto, analisamos especificamente dissertações e teses que possuem alguma relação com as reverberações do neofascismo na cotidianidade de estudantes do Ensino Médio. Nesse processo, dos trabalhos encontrados analisamos apenas o título e o resumo.

Dito isso, sabe-se que muitas políticas educacionais elaboradas por organizações com viés neofascistas têm reverberado diretamente na formação humana dos estudantes das nossas escolas públicas e nas suas cotidianidades na medida que tais grupos possuem o domínio ideológico dos meios de comunicação e espaços educativos em geral. Tendo isso em vista, utilizamos os seguintes descritores: **Neofascismo e Educação, Bolsonarismo e Educação e, Extrema Direita e Educação.**

O Google Acadêmico, Portal de Periódicos da Capes e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) foram nossas bases de dados. Como critério de inclusão consideramos os trabalhos que foram produzidos entre os anos de 2012 e 2022, os que têm alguma relação com o nível de educação escolar básica, bem como os que tratam de algum tipo de reverberação neofascista na cotidianidade de estudantes do Ensino Médio. Excluímos os que estavam fora do nosso critério de inclusão.

Para analisar os dados seguimos a análise sincrônica, que consiste na descrição de determinado tema apenas ao longo do tempo e do espaço, considerando seu movimento de maneira linear, sem discutir sua historicidade, evolução e involução.

Em cada trabalho selecionado analisamos o título e resumo, este considerado por

Ferreira (2002) como a escrita de uma das possíveis Histórias, pois varia conforme suas finalidades e normas do local em que se encontra. Assim, buscamos nos resumos os objetivos e os resultados alcançados.

A seguir, apresentaremos a quantidade de teses e dissertações encontradas por Base de Dados e descritores, os respectivos trabalhos e uma análise sincrônica desses achados.

Quadro 1 - Quantidade de trabalhos encontrados no Google Acadêmico

Google Acadêmico		
Descritor	Resultados	Selecionados
Neofascismo e Educação	Aproximadamente 2.890	1 dissertação e 2 teses
Bolsonarismo e Educação	Aproximadamente 3. 850	4 dissertações e 2 teses
Extrema Direita e Educação	Aproximadamente 24. 600	3 teses

Quadro 2 - Quantidade de trabalhos encontrados no Portal de Periódicos da Capes

Portal de Periódicos da Capes		
Descritor	Resultados	Selecionados
Neofascismo e Educação	2	0
Bolsonarismo e Educação	1	1 dissertação
Extrema Direita e Educação	5	0

Quadro 3 - Quantidade de trabalhos encontrados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)

Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações		
Descritor	Resultados	Selecionados
Neofascismo e Educação	9	1 tese
Bolsonarismo e Educação	80	2 (1 dissertação, 1 tese)
Extrema Direita e Educação	273	1 (tese)

Quadro 4 - Dissertações e teses localizadas no levantamento bibliográfico

AUTOR/ANO	TÍTULO	TIPO
TOMMASELLI, 2018	ESCOLA SEM PARTIDO: INDÍCIOS DE UMA EDUCAÇÃO AUTORITÁRIA	TESE
SANTOS, 2021	ASCENSÃO DE BOLSONARO AO GOVERNO: UM ESTUDO DE CASO DE UMA CIDADE DO INTERIOR DA BAHIA	DISSERTAÇÃO
BRANDÃO, 2021	ESCOLA SEM PARTIDO E O ATAQUE À LIBERDADE DE ENSINO: A EXPRESSÃO DO PENSAMENTO REACIONÁRIO DA EXTREMA DIREITA NA EDUCAÇÃO	TESE
SANTOS, 2021	"A EDUCAÇÃO NA PAUTA ULTRALIBERAL": UMA ANÁLISE CRÍTICA DOS DISCURSOS SOBRE EDUCAÇÃO PRODUZIDOS E DIVULGADOS PELO INSTITUTO LUDWIG VON MISES BRASIL NA ESFERA PÚBLICA DIGITAL BRASILEIRA	DISSERTAÇÃO
ANDRADE, 2021	SENTIDOS DE RESPEITO E HONESTIDADE EM TEMPOS DE BOLSONARISMO: UMA PESQUISA COM JOVENS NUMA ESCOLA PÚBLICA PARAIBANA	TESE
SILVA, 2021	A ESCOLA SEM PARTIDO E O DISCURSO CONSERVADOR NO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	DISSERTAÇÃO
CATUCCI, 2021	EMBATES DISCURSIVOS ENTRE O GOVERNO FEDERAL, A BNCC E OS MARCOS LEGAIS DA EDUCAÇÃO NACIONAL: UMA ABORDAGEM DIALÓGICA	DISSERTAÇÃO
MACHADO, 2021	POLÍTICAS PÚBLICAS EDUCACIONAIS DO GOVERNO FEDERAL NOS ANOS DE 2019 E 2020: UMA ANÁLISE DOS FUNDAMENTOS IDEOLÓGICOS	TESE
SILVA, 2021	RESTAURAÇÃO CONSERVADORA NA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE O PROJETO DAS ESCOLAS CÍVICO-MILITARES NO BRASIL	DISSERTAÇÃO
GROHS, 2022	O ENSINO DOMICILIAR: UM MOVIMENTO DE RELAÇÕES SOCIOEDUCATIVAS COM A CRISE NA ESCOLA?	DISSERTAÇÃO
RESENDE, 2022	O CONTRAMOVIMENTO PELA DESPÚBLICIZAÇÃO: O ESCOLA SEM PARTIDO E OS IMPACTOS DA NOVA DIREITA SOBRE A POLÍTICA PÚBLICA DE EDUCAÇÃO	TESE
BUENO, 2022	ESCOLAS PÚBLICAS MILITARIZADAS: UMA ANÁLISE NA PERSPECTIVA DOS DIREITOS HUMANOS	DISSERTAÇÃO

2.1 O QUE DIZEM OS ESTUDOS REALIZADOS ENTRE 2012 E 2022

Pelo exposto, ao longo desta revisão de literatura selecionamos 17 produções acadêmicas. No entanto, apenas 12 foram analisados seguindo nossos critérios de inclusão visto que alguns textos foram encontrados em mais de uma base de dados.

Percebemos que esses trabalhos se concentram entre os seguintes temas: Escola sem Partido (4); Motivação de apoio a Bolsonaro (1); Participação de aparelhos privados de hegemonia no debate público sobre a educação brasileira (1); Influências da experiência moral na compreensão dos problemas sociopolíticos brasileiros durante a eleição de 2018 (1); Embate discursivo entre os valores do governo bolsonarista e os marcos legais da educação nacional (1); Fundamentos ideológicos do pensamento bolsonarista e suas materializações nas políticas educacionais; Ensino Domiciliar (1) e; Militarização das escolas públicas (2).

Através dos textos que abordam o Projeto Escola Sem Partido foi possível identificar que esse debate esteve presente nas produções científicas ao longo de todo o governo de Bolsonaro. A partir de Brandão (2021), Resende (2022), Silva (2021) e Tommaselli (2018) compreendemos que esse projeto político está alinhado com pautas mais amplas como a mercantilização da educação e disseminação da ideologia reacionária neoconservadora nas escolas públicas brasileiras.

Quando se trata das motivações do apoio de milhares de brasileiros que culminou na eleição de Bolsonaro em 2018, Santos (2021) destaca que o antipetismo, o desejo de mudança, o racismo velado, a defesa da família patriarcal branca e cristã e o militarismo estão na base da guerra que o autor considera cultural, a qual sustenta o bolsonarismo. Todavia, a partir das lentes marxistas, a adesão às pautas bolsonaristas não se limita a uma questão meramente cultural, porém é intrínseca a luta de classes, como também à crise do sistema do capital vigente.

Já quanto a participação de aparelhos privados de hegemonia no debate público sobre a educação brasileira, Santos (2021) afirma que o aparelho ultraliberal de hegemonia, o Instituto Ludwig Von Mises Brasil (IMB), tem participado do debate sobre a educação pública nacional, inclusive na elaboração de políticas que prevê a disseminação de valores conservadores de grupos reacionários.

Andrade (2021) destaca que a honestidade e respeito são os principais valores que influenciaram a experiência moral de jovens de uma escola pública paraibana na compreensão dos problemas sócio-políticos brasileiros durante a eleição de 2018. Lembremos que Stanley (2028) destaca que a lei e ordem é uma das características do fascismo. Uma lei e ordem fundamentada nos princípios burgueses para conservação do modelo de sociedade patriarcal.

Niclotticatuci (2021) constata que a ideologia bolsonarista é avessa aos valores dos documentos oficiais que orientam a educação nacional brasileira, sobretudo ao que propõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). No entanto, diferente do que pensa o citado autor, entendemos que a BNCC não se distancia do reacionarismo de Bolsonaro, pois a própria constituição do documento perde de vista a formação crítica dos estudantes na medida que diminui os conteúdos curriculares, nas escolas públicas, das disciplinas de sociologia, filosofia e história, imprescindíveis para o combate de líderes que fletam com o autoritarismo.

Nesse ínterim, Machado (2021) acredita que a meritocracia, o autoritarismo, sectarismo, reacionarismo, neoliberalismo e conservadorismo são os alicerces dos fundamentos ideológicos do bolsonarismo que se materializa nas políticas educacionais através do ID Estudantil, implementação do Programa Nacional das Escolas Cívico-Militares (Pecim), Política Nacional de Alfabetização (PNA), Educação Domiciliar (Homeschooling) e do Programa Institutos e Universidades Empreendedoras e Inovadoras (Future-se).

Grohs (2022) apreende que o movimento do Ensino Domiciliar é mais uma tentativa de privatização da educação. Ademais, a autora aborda que muitos estudiosos que tratam da crise da escola apontam as limitações dessas instituições sem propor soluções ou alternativas para seus problemas, o que pode ter deixado uma lacuna que foi preenchida por órgãos do setor privado, como no caso do ensino domiciliar.

Isso nos leva a seguinte indagação: é possível a crescente defesa do Ensino Domiciliar e a busca incessante da privatização da educação pública ser um problema agravado pela falta de propostas de soluções dos pesquisadores da educação? Ou é um anseio de grupos liberais e conservadores que visam perpetuar tanto o controle ideológico, quanto econômico?

No tocante ao tema militarização das escolas públicas Silva (2021) assegura que o Programa Nacional de Escolas Cívico-militares, criado em 2019 por meio do Decreto nº 10.004/2019, atende aos interesses de grupos neoconservadores que visam instituir uma escola que atenda os interesses da sociedade do capital na medida que oferece educação acrítica e que dissemine a ideologia conservadora.

Nesse sentido, Bueno (2022) enfatiza que as normas impostas aos estudantes das escolas públicas militarizadas em Goiás ferem a dignidade e igualdade, a gestão democrática e a diversidade ética-racial. Além disso, a hierarquia, civismo e patriotismo são os valores base desse modelo de escola, oposto a uma educação para a emancipação.

Vale ressaltar que na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) é garantido ao ensino militar regulação própria. O que significa que não é obrigatório nas escolas militares, assim como nas escolas públicas, o cumprimento do princípio de gestão democrática. O que

predomina, portanto, é a cartilha militar.

Em síntese, todas as teses e dissertações analisadas embora não tratem diretamente sobre as reverberações do neofascismo na cotidianidade de estudantes do Ensino Médio trazem contribuições para nosso objeto de estudos, pois tanto o Projeto Escola Sem Partido, o de militarização das escolas e todas as temáticas que abordam as políticas educacionais do governo Bolsonaro têm reverberando nos últimos anos na formação humana e conseqüentemente na cotidianidade de estudantes das escolas públicas brasileiras.

Por fim, com base nas citadas pesquisas realizadas entre 2012 e 2022 encontramos trabalhos escritos a partir de 2018, o que revela que a discussão, ainda que indireta, sobre o que entendemos como neofascismo no Brasil ganhou destaque após a eleição de Jair Bolsonaro. No entanto, para Boito (2020) bem antes disso a elite brasileira em conjunto com a burguesia de países líderes do sistema do capital como os Estados Unidos já vinha construindo caminhos para desestabilizar democracias liberais contrárias aos seus interesses. Prova disso foi o julgamento do Mensalão², iniciado em 2012, demarcando o estopim da descrença nas instituições democráticas burguesas que culminaria anos mais tarde no *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016, marcado pela votação de Bolsonaro em homenagem ao Carlos Alberto Brilhante Ustra, chefe DOI-CODI, centro de torturas e assassinato de opositores da Ditadura Militar.

Essa sequência de crises das instituições parlamentares brasileiras abriu alas para que em 2018 Bolsonaro que já tinha ganhado visibilidade nacional em 2016 com sua fala antidemocrática ganhasse milhões de admiradores e simpatizantes.

Sabe-se que na medida que a democracia burguesia é colocada em xeque e suas fragilidades ficam à mostra surgem os líderes com soluções mágicas como o que ocorreu na Itália e Alemanha de entre guerras. Portanto, a ascensão do neofascismo no Brasil é resultado da crise da democracia burguesa que vem se alastrando há mais de 10 anos.

Assim, perante as pesquisas observadas ainda falta muito a ser pesquisado sobre como de fato o neofascismo tem reverberado na vida e cotidianidade humana. Desse modo, nosso trabalho se demonstra pioneiro no Brasil sobre essa temática e pode trazer grande contribuição para a compreensão desse fenômeno no cotidiano de estudantes de escolas públicas brasileiras.

Na página seguinte apresentaremos o caminho metodológico trilhado ao longo do desenvolvimento da presente pesquisa.

² Processo que investiga os esquemas de corrupção do Partido dos Trabalhadores (PT).

3. MÉTODO E METODOLOGIA

Para Politzer (1970) o método é o caminho pelo qual se alcança um fim. O caminho trilhado na presente pesquisa foi o materialismo histórico e dialético, sobretudo o fundamentado em Karl Marx, Antonio Gramsci e Gyorgy Lukács, que para análise de um determinado objeto sempre parte do real, indo além da aparência fenomênica, a fim de capturar a essência, envolvendo universalidade, singularidade e particularidade (Neto, 2011).

Nesse horizonte, Gatti (2002, p. 43) entende que o “método não é algo abstrato. Método é ato vivo, concreto, que se revela nas nossas ações, na nossa organização do trabalho investigativo, na maneira como olhamos as coisas no mundo”. O método, portanto, é um caminho trilhado para a realização de uma dada pesquisa, mas também é o modo como vemos e observamos a realidade.

Desse modo o método também é teoria. Para Pinto (1979, p. 8) “a teoria não está ausente na obra dos pesquisadores, que aparentemente se despreocupam destas discussões chamadas ‘especulativas’; o que está ausente é a consciência dela”. Seguindo essa lógica, todo e qualquer trabalho científico se fundamenta em uma teoria, mesmo que o pesquisador não esteja atento a isso.

Em razão disso, para o citado autor é preciso mostrar a importância, a necessidade e utilidade da formação da consciência do pesquisador de que precisa ter uma teoria e que esta deve ter um ponto de partida. O que significa que quem faz ciência precisa conhecer a natureza de seu trabalho, tudo que o envolve dentro do processo de produção científica como os fundamentos epistemológicos, metodológicos e filosóficos.

Em consonância com Sirgado (2000, p. 50), o materialismo histórico e dialético, portanto, não é somente um método, mas também uma teoria, “um complexo conceitual que permite pensar um objeto”. Nesse sentido, o citado método foi nosso caminho metodológico e nossa lente teórica através da qual foi possível compreendermos as reverberações do neofascismo no cotidiano — este entendido como as impressões mais imediatas — de estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública em União-PI.

A seguir, apresentaremos o Universo e Participantes desta pesquisa.

3.1 UNIVERSO E PARTICIPANTES

O objeto investigado na presente pesquisa é as **reverberações do neofascismo no cotidiano de estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola da rede pública de**

ensino em União- PI. Para tanto, além da pesquisa bibliográfica e documental, utilizamos dois instrumentos para construção dos dados, um questionário socioeconômico e Grupo Focal, ambos foram realizados inicialmente com dez alunos selecionados com base nos seguintes **critérios de inclusão**:

- disponibilidade, interesse em participar da pesquisa, estar cursando o 3º ano do ensino médio e faixa etária de 16 a 18 anos, pois nessa idade muitos já exercem o direito do voto, e fazem bastante uso das redes sociais como *Facebook e Instagram*, território demasiadamente ocupado por grupos neofascistas, e influenciam na formação política de familiares, amigos etc.

Já como **critérios de exclusão** consideraremos o oposto dos citados critérios, a saber:

- não disponibilidade, não interesse pela participação nesta pesquisa, não estar cursando o 3º ano do ensino médio e estar fora da faixa etária entre 16 a 18 anos.

A escolha pela quantidade de dez alunos **justifica-se** com base em Gatti (2005) que assegura que em grupo focal “para projetos de pesquisa, o ideal é não trabalhar com mais de dez participantes. Grupos maiores limitam a participação, as oportunidades de trocas de ideias e elaborações, o aprofundamento no tratamento do tema e também os registros”. Portanto, com base nessa autora essa quantidade permite abordar as questões com maior profundidade. Ainda que haja desistências de alguns participantes, comum nos processos de pesquisa, não teremos impactos nos nossos resultados.

Todavia, desses dez alunos selecionados, apenas setes aceitaram participar da pesquisa. Dentre os quais três meninas e quatro meninos. Frisamos que a escola lócus da pesquisa tem dois 3º anos (3º A e 3º B) no turno manhã e tarde. O turno escolhido pela pesquisadora foi o da manhã pelo fato dos estudantes terem maior disponibilidade.

Para preservar a identidade dos participantes em conformidade com a resolução nº 466 de 2012 e a resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, foi solicitado que eles escolhessem nomes fictícios que poderiam ser nomes de personagens de livros, filmes ou séries. Os nomes escolhidos pelas três meninas foi Sininho, Lisa e Ariel. Já pelos meninos, Asep, Prudêncio, Bocarral e Coringa. Ariel e Coringa estudam na turma 3º A; Lisa, Asep, Bocarral e Prudêncio são do 3º ano B.

Terminada a apresentação do universo e participantes da nossa pesquisa, apresentaremos, a seguir, os instrumentos utilizados para a produção dos dados.

3.2 INSTRUMENTOS DE PRODUÇÃO DE DADOS

Fundamentada no método histórico e dialético, a primeira parte da investigação visa compreender o movimento fascista no contexto histórico italiano e demonstrar sua relação com o neofascismo no Brasil. Para tanto, foi realizada uma **pesquisa bibliográfica**, entendida por Gil (2002) como aquela que é desenvolvida com base em materiais já elaborados como livros, artigos de revistas, jornais, sites de publicação científica etc.

Para o desenvolvimento e aprofundamento do segundo objetivo desse trabalho além da pesquisa bibliográfica, fizemos uso da **pesquisa documental** que para Gil (2002) se assemelha muito à pesquisa bibliográfica, mas se distancia desta última na natureza das fontes, pois enquanto na pesquisa bibliográfica utilizamos principalmente contribuições de vários autores sobre determinado assunto, na pesquisa documental usamos materiais que ainda não foram analisados ou que podem ser reelaborados conforme os objetivos da pesquisa.

Com base no materialismo histórico e dialético esta pesquisa tem como problema central a seguinte indagação: quais as reverberações do neofascismo no cotidiano de estudantes do Ensino Médio de uma escola pública no município de União-PI?

Para aprofundarmos essa questão, utilizamos duas técnicas para construção dos dados. A primeira foi a aplicação de um **questionário**, este entende-se por um conjunto de questões fechadas, concisas e que devem possibilitar uma única interpretação e não sugerir respostas, “respondidas por escrito pelo pesquisado” (Gil, 2002, p.114).

Nessa etapa, fizemos as seguintes perguntas: Qual sua idade? Qual gênero? Onde você mora (zona rural ou urbana)? Qual o número de pessoas que moram com você? Seus pais possuem algum emprego remunerado? Qual a carga horária semanal deste emprego? Qual o nível salarial da sua família? Quantos livros seus pais compram para você ler anualmente? Você faz uso de alguma rede social? Você é adepto de alguma religião? Você já vota?

Ressaltamos que esse questionário foi respondido individualmente pelos estudantes e entregue por eles no primeiro dia de visita da pesquisadora à escola *locus* de pesquisa.

A segunda técnica foi a realização de um **Grupo Focal** a princípio com dez estudantes do Ensino Médio, no qual a pesquisadora responsável foi a moderadora, isto é, a mediadora das discussões. Para Poweel e Single (1996, p. 449) *apud* Gatti (2005, p. 7) o Grupo Focal consiste em um “conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal” . É focalizado porque envolve alguma atividade coletiva, como assistir a um filme e discutir

sobre ele, examinar um texto sobre determinado assunto ou debater um conjunto de questões particulares (Kitzinger, 1994 *apud* Gatti, 2005).

Nessa etapa selecionamos dez frases próprias do discurso neofascista que foram confeccionadas em um baralho para que fossem discutidas ao longo do grupo focal que foi realizado em três sessões que duraram entre uma hora e uma hora e meia, o que nos possibilitou a partir de Gatti (2005), obter as informações necessárias e uma boa análise. Mais do que isso ficaria muito cansativo.

Na primeira sessão, realizada no dia 19 de junho de 2023, fizemos a apresentação da pesquisadora e da pesquisa, destacando os objetivos e procedimentos metodológicos. Além disso, foi feita a entrega e explicação dos documentos para serem assinados e a escolha de um nome fictício por cada participante que foi escrito em um crachá.

Na sessão seguinte trabalhamos as frases que se enquadram nas características neofascistas anticomunismo, defesa de um passado mítico, propaganda, distorção dos fatos e conservadorismo. Já no último encontro foram debatidas as falas que configuram o vitimismo como outro elemento do neofascismo no Brasil. Sabe-se que o ataque às mulheres, negros, indígenas e LGBTQIA+ foram umas das marcas do bolsonarismo.

Assim, na segunda sessão, acontecida no dia 23 de junho, pedimos que cada participante durante esse encontro se identificasse pelo nome fictício, pois suas falas seriam gravadas por meio de dois aparelhos celulares (por serem materiais de maior domínio pela pesquisadora) para posterior transcrição e análise.

E logo em seguida, solicitamos que os estudantes também se posicionassem acerca de cinco afirmações proferidas pelo ex-governo brasileiro liderado por Jair Messias Bolsonaro que foram propagadas nos meios de comunicação, a saber: “vamos unir o Brasil pela vontade de nos afastarmos de vez do socialismo [...]”; “o que seria do Brasil sem as obras do governo militar? Não seria nada. Seria uma republiquela. É uma luta da verdade contra a mentira, da história contra a estória, do bem contra o mal”; “vamos fuzilar a petralhada aqui no Acre”; “no meu caso particular, pelo meu histórico de atleta caso fosse contaminado pelo vírus (Covid-19), nada precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria quando muito acometido por uma gripizinha ou resfriadinho [...]” e; o último slogan do ex presidente da República (2019-2022) “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”. Terminadas as discussões sobre essas frases foi servido um lanche aos nossos voluntários da pesquisa.

Já na terceira sessão, efetuada no dia 7 de julho, os participantes entregaram assinados os documentos Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Assentimento. Conferidas as assinaturas, a pesquisadora mediadora colocou a música “Ponto

de Vista” de João Cavalcanti a fim de deixar os estudantes que haviam ficado tímidos no encontro anterior mais à vontade para expor suas opiniões. Após isso, dialogamos sobre o respeito a opiniões diferentes.

Em seguida foi solicitado novamente que os participantes se identificassem pelos nomes fictícios para debatermos sobre as seguintes cinco frases ditas e divulgadas nos diversos meios de comunicação durante o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022): “jamais iria estuprar você, porque você não merece”; “a educação é técnica; a universidade é para poucos; “direitos humanos é para bandidos”; “as leis no meu entender existem para proteger a maioria, as minorias têm que se adequar”; “Eu fui num quilombo [...] o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Acho que nem para procriadores servem mais. Mais de 1 bilhão de reais por ano gastado com eles”.

Essa última etapa da pesquisa de campo foi concluída com agradecimentos aos estudantes por suas disponibilidades e interesses em participar de nosso trabalho. Além disso, realizamos um pequeno lanche e em seguida ouvimos a música “Estudantes” de Flaira Ferro visando refletirmos um pouco sobre o direito à educação escolar e a ameaça a esse direito perante o avanço de governos neofascistas.

Ressaltamos que garantimos todos os direitos dos participantes da pesquisa em conformidade com a resolução nº 466 de 2012 e a resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Mas mesmo tendo o direito de ficar em silêncio, todos participaram com afinco das discussões. O que demandou o desenvolvimento de uma postura de confiança, parceria e escuta da pesquisadora mediadora. Afinal, a pesquisa de campo nos proporciona não apenas a coleta de dados, mas também o convívio, ainda que breve, com nossos sujeitos de pesquisa, o que indiscutivelmente é essencial para nosso processo de humanização e construção enquanto pesquisadores comprometidos com a transformação social do mundo.

Em suma, o procedimento realizado para a coleta de dados condiz com o pensamento de Marx e Engels (2007, p. 49) quando afirmam que as ideias derivam das condições reais de produção da existência humana. Por essa razão, o processo de construção do conhecimento:

[...] não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam, ou engendram mentalmente(...); parte-se dos homens realmente ativos e de seu processo de vida real para daí chegar ao desenvolvimento dos reflexos ideológicos e aos ecos do processo de vida.

Pelo exposto, procuraremos saber quais as condições materiais dos estudantes para depois relacionar com o que pensam sobre o neofascismo que propõe uma educação de caráter

técnico, meritocrático e de intolerância à diversidade de pautas da classe trabalhadora.

Assim, com base no questionário socioeconómico foi possível compreendermos as condições materiais dos sujeitos da pesquisa e, posteriormente através do Grupo Focal, o que pensam acerca de um conjunto de frases referentes ao discurso neofascista, disseminadas por integrantes do governo brasileiro que durou de 2019 a 2022. Através da pesquisa bibliográfica identificamos as relações do fascismo clássico com o neofascismo brasileiro. E por meio da pesquisa documental, as instituições responsáveis por disseminar a ideologia neofascista na educação básica, especificamente na etapa do Ensino Médio.

A seguir, apresentaremos nossos dispositivos de análise.

3.3 DISPOSITIVOS DE ANÁLISE

O material selecionado sobre o fascismo clássico e o neofascismo no Brasil foi apropriado com base na leitura imanente.

Para Lessa (2014), essa técnica visa possibilitar a apropriação e a interpretação das ideias do autor pelo leitor e se constitui de quatro passos. No primeiro, o investigador precisa reorganizar a sua vida cotidiana, o que demanda definir o tempo disponível para a pesquisa, ter um espaço adequado para a leitura, elaborar um plano de estudo e se disciplinar para obter maior concentração.

No segundo, realiza-se a leitura cuidadosa de cada parágrafo e a anotação da ideia central de cada um deles, sem exceção. Feito isso, estabelece relações entre eles, seja aditiva (e, além disso), adversativa (mas, contudo, todavia, entretanto) ou um contraponto (por outro lado, na contramão), etc.

O terceiro passo é a elaboração de uma estratégia de recuperação rápida do que já foi investigado, o que requer anotações das ideias centrais dos parágrafos e construção do esquemalógico do pensamento do autor lido.

Já o quarto passo constitui-se de dois momentos. O primeiro deles é a produção de um pequeno resumo de cada capítulo ou da parte significativa do texto. O segundo é a junção desses resumos em um único texto.

Para Lessa (2014), a leitura imanente é uma técnica de estudo que nos permite uma profunda compreensão do texto, superando o desafio de sobrepor as nossas impressões e sensações individuais às ideias defendidas por um determinado autor.

É nesse sentido que utilizamos essa técnica de leitura a fim de apropriar e interpretar de forma a mais fidedigna possível, as ideias dos autores sobre o processo histórico de

constituição do fascismo clássico e do neofascismo no Brasil.

Para a organização e análise das falas emitidas pelos estudantes, utilizamos a técnica de Análise Textual Discursiva (ATD) de Moraes (2003), que possui três etapas: unitarização, categorização e comunicação. Embora essa técnica esteja amparada em outra abordagem epistemológica, diferente da adotada neste trabalho, entendemos que as orientações, no que se refere ao passo a passo do processo de análise, ajudou-nos a organizar o rico material produzido na pesquisa de campo. Reafirmamos que em nenhum momento perdemos de vista nosso referencial teórico que se ampara no autêntico pensamento marxiano e marxista.

Na primeira etapa da ATD segundo Moraes (2003), o pesquisador faz uma análise detalhada de todo o material obtido no processo de investigação, desconstruindo e fragmentando-o em unidades de significados que contém elementos do texto que o pesquisador considera que merecem ser salientados.

Na segunda etapa, o olhar para o material analisado deixa de ser superficial e avança a partir da análise detalhada de cada unidade em direção à totalidade das unidades e delas às categorias, nas quais o pesquisador estabelece relações e comparações entre dados e informações a fim de categorizá-las.

E na terceira etapa, que consiste o processo de escrita, elabora-se um novo texto (metatexto) com base na apropriação do que foi lido e analisado na primeira etapa e categorizado na segunda.

Assim, seguindo ATD primeiramente fizemos uma análise aprofundada das falas dos estudantes, depois estabelecemos relações e comparações entre elas e, por fim, elaboraremos um novo texto, que consistiu na escrita do terceiro capítulo da nossa dissertação.

É conforme essa técnica e em consonância com os objetivos definidos, tomando por base nosso referencial teórico, que foi possível compreendermos as reverberações do neofascismo na cotidianidade de estudantes do Ensino Médio.

Exposto nossos dispositivos de análise, apresentaremos os riscos e benefícios desta pesquisa.

3.4 RISCOS E BENEFÍCIOS

Em conformidade com a resolução nº 466 de 2012 e a resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, que dispõe sobre as normas aplicáveis às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, toda e qualquer pesquisa científica possui riscos e benefícios para o ser humano, para a comunidade

em que está inserido e para a sociedade. Sendo assim, a presente pesquisa implica riscos e benefícios para os participantes.

Entendemos a partir do parágrafo terceiro do capítulo I da resolução 510/2016 que trata dos termos e definições, que benefícios são:

contribuições atuais ou potenciais da pesquisa para o ser humano, para a comunidade na qual está inserido e para a sociedade, possibilitando a promoção de qualidade digna de vida, a partir do respeito aos direitos civis, sociais, culturais e a um meio ambiente ecologicamente equilibrado (Brasil, 2016, p. 2).

Benefícios são contribuições para a vida dos participantes da pesquisa, o meio em que está inserido e para a humanidade. Tendo isso em vista, **asseguramos que esta pesquisa possui os seguintes benefícios:**

- Reflexão acerca das reverberações do fascismo e neofascismo na cotidianidade
- Contribuições na luta em defesa da educação pública, laica e de qualidade, da Ciência, sobretudo, das instituições democráticas constituídas em nosso país.

Não obstante, cientes dos princípios éticos que regem a pesquisa científica que envolve seres humanos, asseguramos que esta pesquisa possui riscos, estes conforme o parágrafo XXV do capítulo I da supracitada resolução consistem na “possibilidade de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural do ser humano, em qualquer etapa da pesquisa e dela decorrente.” (Brasil, 2016, p. 2).

Destacado isso, **a presente pesquisa possui os seguintes riscos:**

- Constrangimentos
- Intimidações
- Exposições indevidas
- Estigmatização
- Desconforto com o debate

Todavia, foram tomadas todas as medidas de precaução e proteção para evitar danos ou atenuar os efeitos de todos esses riscos, sobretudo, através da garantia dos seguintes direitos dos participantes estabelecidos na resolução 510/2016: I - ser informado sobre a pesquisa; II - desistir a qualquer momento de participar da pesquisa, sem qualquer prejuízo; III - ter sua privacidade respeitada; IV – ter garantida a confidencialidade das informações pessoais; V – decidir se sua identidade será divulgada e quais são, dentre as informações que forneceu, as que podem ser tratadas de forma pública; VI – ser indenizado pelo dano decorrente da pesquisa,

nos termos da Lei; e VII – o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa.

Por fim, esclarecemos que esta pesquisa como qualquer outra que envolve seres humanos, possui riscos e benefícios em conformidade com as normas éticas da pesquisa acadêmica.

4. CAPÍTULO 01: DO FASCISMO CLÁSSICO AO NEOFASCISMO BRASILEIRO

Mas verão! As quatro mulheres conseguirão demonstrar... a sua inocência; as máscaras da bolsa, o grande vexame da polícia, serão demonstrados muito mais inofensivos que as inúmeras máscaras que os homens carregam nas ruas, que serão sempre aquelas das quais devemos especialmente observar, porque somente depois de sermos enganados nos daremos conta que são máscaras e não rostos.

Antonio Gramsci

Antonio Gramsci em um texto intitulado “A máscara e o rosto”, escrito em 1916, conta que, na Quaresma, quatro mulheres veteranas da feira de Novara foram declaradas por policiais como possíveis batedoras de carteiras por levarem em suas bolsas máscaras e perucas, mesmo não tendo sido flagradas. O que para Gramsci não dar para se opor a isso, pois a ação dessas mulheres foi ingênua, e deveriam fazer como muitos que colam sobre o rosto uma máscara de honestidade, seriedade e cavalheirismo. As máscaras destes últimos, para o filósofo italiano, são muito mais ofensivas que as daquelas mulheres, por isso devemos observá-las atenciosamente para não sermos enganados (Gramsci, 2022).

Tendo isso em vista, viajaremos pela imensa Selva de Papel, que é a literatura fascista, permeada por várias disputas políticas, filosóficas e ideológicas (Konder, 2009). Buscamos entender as relações entre o fascismo clássico, ocorrido pós Primeira Guerra Mundial, sobretudo na Itália e na Alemanha, e o neofascismo que se apresenta no Brasil e em vários países da América Latina e do mundo. Este último com uma nova máscara, mas com características que se conservam, como o anticomunismo, a defesa de um passado próspero e a anti classe trabalhadora.

O termo fascismo, como dito, nos últimos anos tem sido demasiadamente citado e debatido em diversos espaços como jornais, plataformas digitais e universidades, o que tem gerado importantes discussões para o entendimento da sociedade civil sobre o ocorrido após as duas grandes guerras, em especial na Itália sob domínio de Mussolini e na Alemanha de Hitler. Todavia, assim como naqueles contextos históricos não falta também aqui o uso demagógico desse conceito.

Ciente disso, Konder (2009) e Orwell (2017) afirmam que a palavra fascismo tem sido vulgarizada, isto é, utilizada em tonalidade acusatória por grupos políticos que disputam posição de poder na arena social, o que compromete a compreensão com rigor científico de movimentos reacionários.

Nesse cenário, surge a discussão efervescente se o fascismo é de esquerda ou de direita. A partir de Bolinaga (2007), Togliatti (1978) e Zetkin (2019), entendemos que o fascismo é ideologia heterogênea que varia conforme o contexto socio-histórico e as ambições de seu líder político. Assim, não é um movimento que podemos de imediato enquadrar à direita ou à esquerda, mas é próprio do sistema do capital, logo em determinado contexto e/ou época se camufla no que lhe for mais favorável.

Para Zetkin (2019, p. 14), líder marxista alemã, mesmo que há “algum nível de semelhança entre a maioria dos movimentos e regimes de direita, o fascismo em si é um fenômeno muito específico, com características únicas”. Nessa mesma linha, Bolinaga (2007) afirma que o fascismo não é de direita e nem de esquerda, mas uma terceira via revolucionária, de caráter antissistema, o que o distancia do extremismo de centro.

No entanto, para Konder (2009), o fascismo foi um fenômeno reacionário originado no período da expansão territorial das grandes potências europeias e que se sustenta em ideologias conservadoras, apesar de apresentar-se como modernizador. É um fenômeno chauvinista, pois tem em seu projeto de governo políticas anti-imigratórias. Além disso, defende a supremacia do Estado como principal meio para a concentração do capital, sendo assim uma reação antiliberal. É antidemocrático, porque nega os princípios da democracia burguesa como liberdade e igualdade. Comporta-se como antissocialista, pois tem como uma das suas principais armas o ataque às organizações comunistas. É anti-operário porque esse fenômeno combate assiduamente a classe trabalhadora e extingue seus direitos conquistados via legalidade burguesa, assim como também aniquila suas organizações políticas.

Desse modo, entendemos que o fascismo varia conforme o contexto histórico, geográfico e político. Se na Itália, conforme Bolinaga (2017) e Togliatti (1978), esse movimento na sua fase inicial não apresentava uma ideologia clara, mas mista que aliava diferentes pautas, desde as demandas da classe trabalhadora as dos industriais do norte e ruralistas do sul. No Brasil o neofascismo encontrou nas organizações e partidos políticos de extrema-direita seus grandes aliados.

Por exposição didática, em nossos discursões consideraremos no fascismo clássico essencialmente o fascismo italiano por este ter influenciado vários movimentos na Europa e em todo o Globo nos anos que sucederam as duas grandes guerras mundiais, inclusive a

Alemanha hitlerista. Não é por acaso que ao se referir à palavra fascismo, a primeira coisa que vem à memória da maioria das pessoas é o fascismo italiano e alemão, como afirma Owell (2017). Todavia, entendemos que o fascismo, ainda que tenha sua origem no período de entreguerras, varia conforme as condições políticas, sociais e económicas de cada país e/de cada tempo histórico (Bolinaga, 2007; Konder, 2009; Togliatti, 1978 e; Zetkin, 2009).

Nesse ínterim, parafraseando Carvalho (2017) e Mészáros (2005), compreendemos que tanto o fascismo de entreguerras quanto o neofascismo no século XXI são expressões da irracionalidade humana. Se ao longo da história o ser humano desenvolveu sua racionalidade através do processo de trabalho a fim de produzir valores de uso, aprimorando seus meios de sobrevivência, hoje, segundo Carvalho (2017, p. 36), “a racionalidade já não é a mesma, sofreu uma ruptura. A racionalidade que preside a produção de valores de uso (suportes materiais dos valores de troca) choca-se com a irracionalidade da sociedade produtora de mercadorias, presidida, como tal, pela relação-capital”. Assim, na atual sociedade do capital a racionalidade está circunscrita à produção de mais-valia, não importa as consequências que isso possa causar, seja a destruição do meio ambiente, a exploração sem limites da classe trabalhadora ou o confinamento da liberdade de expressão e propagação do terror e do medo.

Recordemos que diante da crise da sociedade do capital, o fascismo surgiu na Itália como a grande solução de todos os problemas sociais, políticos e económicos. Para tanto, ultrapassou todos os limites da racionalidade histórica, tornando-se então, uma das mais extremas demonstrações da irracionalidade humana. Mussolini não poupou a pluralidade de ideias como também perseguiu, aprisionou matou os que se opunham ao seu governo, dentre eles, António Gramsci e tantos outros, liberais e comunistas.

Para Mészáros (2006), nosso momento atual também está marcado por uma profunda crise na própria estrutura do sistema do capital iniciada nas últimas décadas do século XX e vem se agravando ao longo dos anos. Em tempos de crise, as técnicas manipulatórias, como o sistema de internalização, não são suficientes. Por isso, “a questão mais importante é que as instituições do capitalismo são inerentemente violentas e agressivas; são construídas sobre a seguinte premissa: “guerra, se os métodos ‘normais’ falharem” (Mészáros, 2006, p. 282). Foi pensando em solucionar seus problemas socioeconômicos que liberais, católicos, nacionalistas e alguns membros do Partido Socialista Italiano (PSI) defenderam a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial em 1915 (Duggan, 2016).

Assim, conforme Meszáros (2006), diante da permanente crise do capital os problemas não são solucionados, mas apenas adiados ou lançados para o plano militar. Por isso, do mesmo modo que as utopias educacionais de Schiller, Adam Smith e Robert Owen, as reformas

educacionais como a do Ensino Médio e BNCC apontam os problemas na educação, mas não desvelam as fissuras da estrutura do sistema. Cury, Reis e Zanardi (2018) acrescentam que o currículo escolar historicamente é um espaço de disputas e a tradição de reformas educacionais tem atribuído ao currículo os problemas de qualidade da educação, bem como a responsabilidade pela superação das mazelas e desigualdades sociais.

Meszáros (2006) acrescenta ainda que, diante de contextos desfavoráveis para a manutenção do *status quo* burguês, o conflito bélico é a única solução possível. Foi em um contexto de intensas manifestações da classe trabalhadora e perda de privilégios da pequena e grande burguesia que a Itália entrou na primeira Guerra Mundial em busca de solucionar seus problemas econômicos, políticos e sociais.

Foi nesse contexto que o fascismo clássico teve início e na segunda década do século XX de forma processual ganhou força e se efetivou na Itália. Esse movimento quando emergiu não tinha um programa político já consolidado e demandou a conquista de forças políticas, religiosas e econômicas para se implantar como política de Estado.

Para Togliatti (1978), o fascismo não nasceu totalitário, mas tornou-se totalitário. O que significa que se sustentou tanto na construção do consenso para conquista de forças aliadas, quanto posteriormente no predomínio da força contra os seus opositores. Já para Gramsci (2004), quando Mussolini chegou no poder todos os sustentáculos do estado passaram para o lado do fascismo, como o exército, a polícia e a magistratura. Por isso, para o líder do Partido Comunista Italiano (PCI), não existe Democracia, mas ditadura permanente, porque a qualquer momento a classe trabalhadora pode sofrer as investidas reacionárias do capital.

Nessa acepção, entendemos que o fascismo foi um fenômeno que se originou de entrelaçamento de fatores econômicos, políticos e sociais num contexto de conflito armado mundial (1914-1918). Mas isso não significa que alguns de seus elementos, mesmo modificados ao longo do processo histórico, não possam influenciar grupos de extrema-direita que, embora neoliberais, defendem o aniquilamento de vozes antagônicas.

Segundo Boito (2020), do mesmo modo que há várias discussões que caracterizam o governo de *Donald Trump* - que perdurou de 2016 a 2020 nos Estados Unidos - de fascista também ocorre no Brasil com o governo de Jair Bolsonaro (2019-2022). Entretanto, o que ocorreu no país latino-americano foi um movimento neofascista em uma democracia que na sociabilidade burguesa é fragilizada.

Em vista disso, para o supracitado autor, o conceito de fascismo não é específico da Itália e da Alemanha. Ele pode ser generalizado como outros conceitos como Democracia,

República e Monarquia, o que significa que o fascismo apesar de possuir suas raízes na década de 20, tem suas variações como afirmam Konder (2009); Orwell (2017); Togliatti (1978) e Zetkin (2009).

Para Cavalcante (2020), mesmo que a maioria dos 57 milhões de pessoas que elegeram Bolsonaro em 2018 não seja formada por defensores declarados de políticas autoritárias ou fascistas, todos apoiaram um candidato que de maneira explícita e assumida defendeu ferrenhamente a ditadura militar no Brasil e a tortura dos seus dissidentes. Além de prometer criminalizar organizações consideradas por ele de socialistas (PT, CUT e MST). Comprometeu-se, ainda, em dá carta branca para a polícia executar cometedores de atos ilícitos, com a liberação do porte e posse de armas em prol da propriedade privada e questionou o sistema eleitoral vigente e as instituições da democracia liberal.

Intui-se a partir de Gramsci, que o que acontece no Brasil e no mundo não é uma mera crise dos regimes democráticos, mas uma crise de hegemonia da classe burguesa que se sente ameaçada. Para Gramsci (2004, p. 104), “não existe a democracia: existe a ditadura, isto é, a reação permanente”, porque essa democracia é determinada pela legalidade burguesa. Na medida em que o poder da classe dominante é ameaçado pelas crises peculiares da sociabilidade do capital, reduz-se drasticamente os direitos conquistados pela classe trabalhadora via aparato democrático.

Nesse contexto, diferente do fascismo italiano, no governo de Jair Bolsonaro, o que ocorreu foi um movimento neofascista que tentou se implantar em uma democracia fragilizada, peculiar da sociabilidade burguesa (Boito, 2020). Democracia debilitada porque é regida pelo ordenamento do capital, no qual os governantes submetem-se aos financiadores dos seus mandatos e aprovam projetos de leis que atendem às classes dominantes em detrimento dos interesses dos subalternos.

É nesse cenário marcado pela defesa da lógica do capital que se define o modelo de educação para a elite e para a classe trabalhadora. Foi comprometido com a perspectiva empresarial que Milton Ribeiro – ex-ministro da Educação de Bolsonaro – afirmou no programa Sem Censura da TV Brasil e foi publicado nos mais diversos meios de comunicação que a formação em nível superior não deveria ser para pobres. Para estes, defendeu uma educação técnica que os prepara para a inserção imediata no mercado de trabalho.

Essa é uma concepção meritocrática que está sendo difundida no país. Infelizmente muitas pessoas da classe trabalhadora absorvem tal ideia contra elas mesmas. Nesse caso, o pensamento gramsciano é uma chave de leitura interpretativa da ideologia dominante, que instiga os sujeitos históricos a rejeitarem a barbárie e a lutarem pela sua superação.

Entendemos, a partir do diálogo com Gramsci, que o que acontece no Brasil e em outros países não é apenas uma crise econômica surgida em decorrência da pandemia da Covid-19, como divulgam nos meios de comunicação, pois ela é a expressão de uma crise mais profunda que se instala na economia e perpassa outras esferas da vida humana.

Gramsci (2004) ensina-nos a compreender o fascismo como uma política da pequena e média burguesia, que surgiu na Itália para barrar a revolução proletária. Esse país sofreu várias perdas humanitárias e econômicas na Primeira Guerra Mundial, o que resultou numa imensa crise de hegemonia burguesa, no fortalecimento do Partido Socialista Italiano (PSI), no aumento de desempregos, no movimento de ocupação de fábricas e na ampliação de greves dos trabalhadores. O Partido Nacional Fascista (PNF) surgiu com a proposta de solucionar esses problemas, chegando a eleger diversos deputados.

Similar ao surgimento do fascismo na Itália, no Brasil a ascensão do governo neofascista de Jair Bolsonaro ocorreu em virtude da crise econômica, política e social que ocasionou a perda de privilégios da pequena e média burguesia, levando estes estratos sociais a serem a principal base de massa desse governo.

Gramsci ao longo de suas obras afirma que o fascismo foi uma reação do grande capital que encontrou na pequena burguesia sua principal base de apoio. O texto que melhor resume essa afirmação é seu conhecido artigo *Il popolo delle scimmie* (O povo dos macacos), publicado no *L'Ordine Nuovo* em 2 de janeiro de 1921. Nesse texto, Gramsci recupera sucintamente alguns elementos da trajetória histórica da pequena burguesia desde o final do século XIX até início do século XX, afirmando que com o desenvolvimento do capitalismo esse estrato social perde espaço no campo da produção e se transforma em uma classe especialmente política, e se põe a serviço do governo por meio da corrupção parlamentar e das demais instituições sustentáculos do estado como o exército, a polícia e a magistratura (Fresu, 2019).

Sendo assim, os tempos de crises que ocasionam perdas de privilégios sociais dessa fração de classe, levam-na a corromper todas as instituições, revelando-se como verdadeira escrava do capitalismo e, sobretudo, como anti classe trabalhadora.

Não obstante, para Zetkin (2019, p. 89), os apoiadores do fascismo italiano eram bastantes heterogêneos, incluía pequena e média burguesia, classe trabalhadora, intelectuais, ex-oficiais e, em geral, todos os “politicamente desabrigados”, tanto os desiludidos com o Partido Socialista Italiano (PSI), quanto os milhares que ficaram pauperizados pela decadência econômica do capitalismo e a desintegração do Estado burguês após a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial.

Zetkin (2019, p. 53) destaca, ainda, a importância de não encarar o fascismo somente

como um fenômeno militar – erro que o Partido Comunista Italiano (PCI) cometeu – mas também seus aspectos ideológicos e políticos. Para a autora, “antes de abater o proletariado por meio de atos de terror, o fascismo italiano já tinha assegurado uma vitória ideológica e política sobre o movimento dos trabalhadores”.

Concordamos com a citada autora marxista que o fascismo chegou em sua falência ideológica depois das inúmeras contradições entre o que prometeu e entregou às massas, porém, inicialmente foi vitorioso.

Nesse processo, o Partido Fascista Italiano (PSI), considerado por Gentile (2005) como o Grande Pedagogo, teve um importante papel na fascistização das massas ao educar a população trabalhadora conforme seus ideais.

Além do PSI, único partido que não foi ilegalizado pelas leis fascistas³, Mussolini criou a *Opera Balilla* que tinha como objetivo unificar, educar, doutrinar e disciplinar jovens menores que 14 anos de idade (Togliatti, 1978); apoiou as ações dos Litorais de cultura⁴; criou a *Opera Nazionale Dopolavoro* (OND)⁵; aprovou a reforma escolar de Giovanni Gentile; fez fortes investimentos na indústria cinematográfica, fundou os estúdios de *Cinecittá* e a Mostra Internacional do Cinema de Veneza, dentre outros feitos educativos e propagandísticos em prol da difusão da ideologia fascista e fortalecimento de seu regime, do qual era o *Duce*⁶.

A formação do cidadão soldado fascista foi possível tanto por meio do consenso e convencimento através da introdução da ideologia fascista em diversos espaços educacionais, quanto também através da força (Gentile, 2005; Togliatti, 1978). Nesse contexto, em seu texto *Os dois fascismos*, publicado no *L'Ordine Nuovo* em 25 de agosto de 1921, Gramsci entende que há dois fascismos: o fascismo parlamentar e o fascismo intransigente. A cisão entre ambos tiraria o fascismo da crise.

Para o filósofo italiano, o primeiro que era liderado por Mussolini, “graças ao apoio da classe média, dos empregados, dos pequenos comerciantes e dos industriais” procuraria “sua organização política, voltada necessariamente para uma colaboração com os socialistas e os populares”. Já o segundo, “que expressa a necessidade da defesa direta e armada dos interesses

³ Leis criadas em 1925 que proibiram as liberdades individuais e de imprensa, tornando ilegal as organizações políticas proletárias.

⁴ Promoviam atividades de arte e discussões políticas uma vez por ano com a participação dos estudantes universitários (Togliatti, 1978).

⁵ Organização que promovia atividades recreativas aos trabalhadores (esportes, apresentações artísticas e culturais) em diversas localidades (Togliatti, 1978).

⁶ Termo que em italiano significa líder. No regime fascista era designado a Mussolini, considerado pelos seguidores como o líder da nação.

capitalistas rurais” prosseguiria com sua peculiar ação anti-proletária. Para essa última fração não teria valor nenhum o “pacto de trégua”. Portanto, essa crise marcaria apenas a saída dos *fasci di combattimento* que tentavam justificar o fascismo com um programa político geral de partido (Gramsci, 2020, p. 3).

Todavia, para esse revolucionário antifascista o verdadeiro fascismo, “aquele que os camponeses e os operários da Emília, do Veneto e da Toscana conhecem através da sofrida experiência dos últimos dois anos de terror branco” (Gramsci, 2020, p. 3), iria continuar possivelmente mudando de nome. No entanto, o fascismo não trocou de nome. Até seus últimos dias no poder conforme Gentile (2005) a cisão entre o *Duce* e o fascismo paramilitar se manteve, o que para esse autor contribuiu para o enfraquecimento e derrocada daquele regime.

Por isso Gramsci afirma a existência desses dois fascismos: o fascismo parlamentar que agia através da colaboração com o partido socialista e popular, e o fascismo liderado pelos *fasci di combattimento* que disseminava o terror às organizações proletárias. Vale deixar claro que o primeiro era sustentado pelo segundo, pois a constante ameaça de violência às organizações da classe trabalhadora forçou o partido socialista a agir nos limites do terreno da transigência e colaboração com os fascistas no país e no Parlamento.

No entanto, para o filósofo sardo, se por um lado a onda de violência impiedosa das esquadras fascistas serviram aos capitalistas, por outro acabou contribuindo para a formação de opiniões hostis e adversas ao fascismo nas camadas médias e populares.

Ciente da existência do fascismo político e militar Togliatti (1978) entende que, devido à coação, muitos membros do Partido Fascista não eram apenas politicamente inativos, sem ocupação política, como também eram ligados ao fascismo por laços políticos bastante frágeis. Para sustentar esse pensamento ele cita o relato de um instrutor militante clandestino do PCI que escreve em seu relatório que em um certo dia se viu na presença de um empregado de uma grande associação comercial que chorava.

[...] Era numa grande cidade industrial. Que é que há? perguntou nosso instrutor. E o outro respondeu que estava desesperado porque tinha que pagar 40 liras para se inscrever no Partido Fascista. E por que então se inscreve? Ele respondeu que tinha que se inscrever se não quisesse ser dispensado na primeira redução de pessoal. Mas então você não é fascista? Eu, fascista? Os fascistas que vão pro diabo! (Togliatti, 1978, p. 42-3).

A partir desse relato o amigo e companheiro de partido de Gramsci enfatiza que os laços de vários membros do Partido Fascista eram exclusivamente de caráter econômico. No imediato muitos se declaravam fascista porque tinham que manter suas famílias. Logo, o que os ligava ao fascismo eram laços políticos muito débeis.

Lembrando que a filiação ao Partido Fascista ocorria de dois modos: pela coeção direta e indireta. As coerções indiretas se caracterizavam pelo fato de que para exercer qualquer emprego público era exigida a inscrição no partido. A coerção direta e aberta era exercida nas fábricas sobre os operários. Na admissão entre dois desempregados, um filiado no partido e o outro não, o fascista era o escolhido. (Togliatti, 1978, p. 42).

Na Alemanha, Bararnowki (2014, p. 243) assegura que embora muitos alemães discordassem da violência aos judeus foram facilmente seduzidos pela “justiça da exclusão legal ou pelos benefícios materiais que a arianização lhes proporcionaria”, visto que as formações acadêmicas e oportunidades de carreira caíram significativamente durante a Depressão de 1929, o que motivou muitas pessoas a participar do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP) como solução para suas necessidades profissionais e tendências ideológicas. É válido frisar que as leis de Nurembergue⁷ permitiam que tudo que era retirado dos judeus fosse compartilhado entre os arianos, alemães considerados puros.

Do exposto podemos entender que o fascismo de entreguerras, para se conservar no poder, inicialmente introduziu sua ideologia na cotidianidade das massas, sustentando-se sobremaneira na base econômica, nas dificuldades materiais e garantia de sobrevivência daquela nação. Fez uso da propaganda e criou organizações políticas. Porém, com o avanço das contradições ideológicas entre realidade e o que se propagava nos meios de comunicação, foi gradativamente enfraquecendo ideologicamente. Nesse momento, o uso da força por organizações militares e paralimitares sustentou o que não se contia mais através do consenso. Nesse cenário, os investimentos na polícia e na força militar em geral, a fim de barrar qualquer oposição política, foram de suma eficiência.

Nesse aspecto, Sznajder (2010) nos alerta que a natureza ideológica do fascismo é a intolerância. Por isso, para sua existência não aceitam a divergência política. E aqueles que não se rendem são eliminados, assassinados, neutralizados. Sendo assim, ainda que a princípio os fascistas agissem via consenso, o que preponderou no seu desenvolvimento foi o uso da força.

No tocante ao neofascismo brasileiro, nosso tema de estudos nesse trabalho, entendemos que pela sua complexidade se faz necessário apresentar os principais elementos que o caracterizam. Para isso, levaremos em conta os fatores nacionais como a crise da burguesia nacional e a debilidade das organizações da classe trabalhadora, a considerar o Brasil como capitalisticamente dependente. Além dos fatores internacionais como a crise estrutural do

⁷Lei aprovada 1935 que ampliaram a desnaturalização dos judeus, as expropriações, as taxas punitivas e o bloqueio de contas bancárias e proibições de judeus em espaços públicos, teatros, restaurantes, piscinas e destinos turísticos (Bararnowki ,2014).

capital.

Entretanto, antes de apresentarmos mais a fundo o que caracteriza o neofascismo brasileiro enfatizamos que, no Brasil, um dos primeiros estudiosos a utilizar esse termo foi o Armando Boito Júnior. Para o intelectual brasileiro, o neofascismo surgiu no século XXI e, no caso do nosso país, na semiperiferia do sistema imperialista. É um movimento reacionário de massa, predominantemente da classe média, contra a reformismo burguês populista, que mobiliza uma crítica à corrupção e ao sistema democrático fundamentada no conservadorismo. E que chegou ao governo em 2018 financiado pelo capital financeiro internacional com o apoio da burguesia brasileira (Boito, 2020).

Nesse quadro, consideramos o **anticomunismo** como uma das características do fascismo clássico que ressurgiu no neofascismo brasileiro. Sabe-se que paralelo ao advento da Primeira e Segunda Guerras Mundiais houve aumento de movimentos e partidos proletários pelo mundo inspirados na Revolução Russa de 1917. Assim, o comunismo era o monstro real capaz de esmagar o capitalismo. O fascismo na Itália e o nazismo na Alemanha surgem como promessas de também barrar aquela ameaça.

Nesse contexto de guerras no Brasil, conforme Doria (2020), surge o Integralismo, liderado por Plínio Salgado, com inspiração fascista⁸, mas não perdurou porque logo foi contido pelo então presidente de República, Getúlio Vargas, que era aliado dos Estados Unidos. O que revela que não é a primeira vez que o fascismo bate à nossa porta. Grupos de extremas direita bolsonaristas têm em suas pautas o anticomunismo. Exemplo disso é o movimento “Escola sem Partido” que visa combater professores de cunho marxista ou minimamente progressistas, e as inúmeras falas de Jair Bolsonaro que assume que um dos seus objetivos de governo era “varrer o comunismo do Brasil”.

Ressaltamos que embora o anticomunismo seja um dos elementos presente no neofascismo brasileiro e internacional, é preciso levar em conta que diferentemente do contexto de entreguerras, no qual havia uma forte mobilização de partidos da classe trabalhadora em oposição às ideologias fascistas, no século XXI tanto no Brasil quanto no cenário internacional a classe operária encontra-se órfã politicamente.

Se no século passado a ameaça comunista era real na medida em que a luta da classe trabalhadora contra o sistema do capital avançava em vários países com a fundação de partidos operários tendo como horizonte a Revolução Russa em 1917, no atual cenário encontramos partidos liberais que aderem em suas pautas políticas algumas demandas da classe

⁸ Plínio Salgado viveu o encontro mais importante de sua vida no dia 14 de junho de 1930, quando visitou Mussolini em Roma (Doria, 2020).

trabalhadora, a exemplo disso, no Brasil dos últimos anos, é o Partido dos Trabalhadores (PT), o qual a partir das lentes gramscianas entendemos que age nos moldes da contrarrevolução, o que significa que assume em seu projeto de governo o regime de conciliação entre burguesia e proletariado, atitude de todos aqueles que agem conforme a legalidade burguesa a fim de manter estanque o atual sistema de exploração dos que produzem toda riqueza existente por aqueles “parasitas, isto é, pessoas que consomem sem produzir, que não ‘trocam’ trabalho por trabalho, mas o trabalho alheio pelo ‘ócio’ próprio” (Gramsci, 1999 p. 416), os conhecidos capitalistas.

Explicado isso, conforme Stanley (2028), a **defesa de um passado mítico** também é uma das características do neofascismo brasileiro. Para Mussolini, o Império Romano era um passado glorioso que precisava ser reestabelecido. O governo de Jair Bolsonaro foi marcado por inúmeras manifestações de seus adeptos clamando a volta da Ditadura Militar. Isso se evidenciou para o mundo logo após os resultados da disputa eleitoral à Presidência da República, em 30 de outubro de 2023. Mesmo com a vitória do candidato do PT, Lula, várias manifestações seguiram acontecendo nas rodovias brasileiras e em frente aos quartéis militares, com pedidos de intervenção das forças armadas, inclusive com a quebra do silêncio de Bolsonaro excitando os manifestantes a continuarem lutando pelo seus ideais, estes por sinal antidemocráticos.

A passividade das forças de segurança pública perante essas manifestações levou à invasão do Congresso Nacional no dia 8 de janeiro de 2023, contando inclusive com o aval de diversos integrantes da defesa desse local e até mesmo por quem havia assumido o cargo de ministro da Justiça e Segurança Pública do Brasil entre 30 de março de 2021 a 31 de dezembro de 2022, Anderson Gustavo Torres.

Mas isso não foi o suficiente, uma minuta de golpe, uma proposta para estabelecer um decreto de defesa e impedir que o presidente eleito, Luiz Inácio Lula da Silva, tomasse posse em 2023 foi encontrada na casa do referido ex ministro da justiça.

Antes disso, vale por em destaque que a corrida à presidência da República em 2022 foi marcada por inúmeras tentativas de barrar as eleições, com a disseminação de *Fake News* sobre o sistema eleitoral e o Supremo Tribunal Federal. Além dessas informações inverídicas, no dia 30 de outubro desse mesmo ano, data do segundo turno, o uso da coerção às classes mais pobres do país se fez presente, a Polícia Rodoviária Federal (PFR) sob comando de Silvinei Vasques, intensificou as operações nas estradas federais da região Nordeste, maior base eleitoral do candidato do PT, possivelmente buscando inviabilizar a chegada desses eleitores em seus locais de votação.

Por meio da **propaganda**, considerada a segunda tática fascista por Stanley (2018), que se caracteriza como um disfarce anticorrupção, os grupos da extrema-direita condenam a corrupção no Estado, acusando seus opositores de corruptos, mesmo sendo invariavelmente muito mais corruptos do que os que procuram derrotar na arena política eleitoral.

Desse mesmo modo agiam os fascistas de entreguerras que usavam os meios de comunicação de massa (rádio, TV, jornais, cinema etc.) para propagar seus ideais e conspirações contra todos que lhes representam uma ameaça. Os nazistas, por exemplo, acusavam constantemente a imprensa, a oposição e os judeus como transgressores da lei.

No Brasil, grupos da extrema-direita, utilizam os meios de comunicação para hostilizar seus dissidentes, os partidos de esquerda, especialmente o Partido dos Trabalhadores (PT), atacar as Universidades Públicas, acusando os docentes dessas instituições de comunistas ou feministas radicais que propagavam um plano ideológico de esquerda sob a farsa de pesquisa. Além disso, qualquer manifestação de estudantes e professores para esses grupos são consideradas balbúrdia.

Inspirados no governo de *Donald Trump*, que defendia explicitamente uma política de armamento da população e de intolerância aos imigrantes, muitos brasileiros rejeitam e culpabilizam os venezuelanos pela situação do aumento de desemprego no país. Além disso, incentiva-se também a aquisição de armas com a justificativa de se obter maior segurança do cidadão.

Além disso, **a distorção dos fatos** que caracteriza o negacionismo é outra característica do neofascismo brasileiro. Jair Bolsonaro não somente negou a existência da Covid-19 em suas redes sociais, nos pronunciamentos na TV e em todos os seus discursos, como também negligenciou uma lista de problemas sociais existentes no Brasil: violência urbana, propondo o uso de mais armas; miséria e fome, aprofundada pela crise pandêmica e sua mal gestão; desmatamento e; a violência contra mulheres, negros, nordestinos e LGBTQIA+.

Destacamos que tudo isso não era feito de maneira desintencional. A Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) revelou que na negligência do ex governo federal, liderado por Jair Bolsonaro, perante às vidas perdidas pelo acometimento da COVID-19 havia interesses econômicos. Essa comissão demonstrou que houve a tentativa de superfaturamento do ex presidente da república nas compras de vacinas, o que atrasou a aquisição de medicamentos, resultando em 689.853 pessoas mortas até 11 de dezembro de 2022.

Ademais, a negação do aquecimento global tinha como pano de fundo o fortalecimento de medidas provisórias em prol de madeireiros, garimpeiros e ruralistas do agronegócio. Um dos resultados mais drásticos dessa aliança entre Bolsonaro e esses grupos

foi o ocorrido na aldeia Yanomani, revelado pela equipe de transição do governo Lula: fome, desnutrição, estupros e contaminação por doenças causadas pelo garimpo, perante as inúmeras negações de pedidos de socorro de representantes desses povos ao então governo.

Soma-se a isso a morte do jornalista britânico Dom Phillips e do indigenista Bruno Pereira no Vale do Javari na Amazônia em 5 junho de 2022 e a reação do ex presidente Jair Bolsonaro diante do caso culpabilizando-os pela violência sofrida por estarem em uma área, segundo seu discurso, inóspita. Isso revela o conformismo e passividade do ex chefe da República diante dos grupos que ameaçam cotidianamente a liberdade política a quem se opõem a suas práticas de silenciamento e extermínio.

A morte de Dom e Bruno e o explícito deboche do ex chefe da República nos lembra a do deputado italiano *Giacomo Matteotti* que após intensas pressões levou Mussolini a assumir publicamente com quem estava comprometido, e conseqüentemente ao avanço do fascismo totalitário. Jair Bolsonaro em nenhum momento durante quatro anos de seu mandato apresentou críticas aos grupos que exploram e destroem as terras indígenas.

Não esqueçamos que *Giacomo Matteotti* foi o deputado que denunciou as ilegalidades cometidas nas eleições italianas de 1924. O parlamentar socialista apresentou um pedido de anulação das eleições junto a um dossiê que provava o financiamento ilegal do movimento fascista a candidatos do Partido Nacional Fascista (PNF), sobretudo de industriais e ruralistas. Em reação a essa atitude, em 10 de junho de 1924, membros do PNF sequestraram e mataram *Mateotti* e esconderam seu corpo que foi encontrado somente dois meses depois do assassinato (Magalhaes, Santos e Santos, 2022).

Após a morte de *Mateotti*, a partir do diálogo com Fresu (2017) e Togliatti (1978) constatamos que o fascismo enfrentou uma das suas mais duras crises. A repercussão do crime e o evidente envolvimento de Mussolini provocou intensas manifestações por todo o país. Os deputados da oposição como republicanos, socialistas e populares confiantes na intervenção do rei para restabelecer a ordem abandonaram o parlamento.

Somente o PCI, liderado por Antonio Gramsci, não deixou a tribuna, mas propôs a convocação de uma greve geral com a participação da classe trabalhadora e a criação de um parlamento alternativo antifascista. No entanto, não teve apoio suficiente dos demais partidos que àquela altura temiam *Mussolini*, este que ao perceber a fragilidade e fragmentação de seus opositores assumiu a responsabilidade pela morte do ex-parlamentar e sinalizou que poderia fazer o mesmo com quem se opunha a seu regime que a partir daquele momento para Togliatti (1978) entraria na sua fase totalitária.

Nessa fase, denominada por Fresu (2017, p. 72) de “caça ao homem, rua por rua”

Antonio Gramsci foi preso em 8 de novembro de 1926, ficando detido entre um cárcere e outro durante 11 anos. Gramsci faleceu no dia 27 de abril de 1937, longe dos seus dois filhos Delio e Giuliano e da esposa Giulia. Mas seu legado continua vivo entre nós. A leitura do atual cenário neofascista a partir das lentes gramscianas nos prova a atemporalidade de seu pensamento.

Feita essa breve explicação da semelhança entre o compatamento de Mussolini perante a morte de *Mateotti* e Bolsonaro diante da de Bruno e Dom, ressaltamos que a tentativa de eliminação dos povos indígenas é um problema não especificamente do governo bolsonarista (2019-2022), mas perdura ao longo da história do Brasil, desde a colonização do século XVI. A aprovação na câmara pela bancada ruralista do Projeto de Lei (PL) 490 no dia 30 de maio de 2023 que institui o marco temporal, o qual visa definir uma data a partir da qual os territórios podem ou não ser considerados Terra Indígena, contrariando o artigo 231⁹ da Constituição Brasileira, demonstra que essa questão é um problema brasileiro antigo que sempre se renova.

Nos quatro anos sob controle bolsonarista a Fundação Nacional dos Povos indígenas (FUNAI) se tornou uma instituição de repressão desses povos e eliminação de direitos conquistados. A aprovação do PL 409 por 283 votos de deputados a favor e 155 contra é uma alerta que o Bolsonarismo continua vivo e atuante. A fala do atual presidente da câmara, Arthur Lira, afirmando que o Congresso é conservador e liberal é um recado dado ao atual presidente Lula que vai ter que ceder às ambições do centrão¹⁰ se não quiser maiores complicações em seu governo.

Nesse ângulo, no que diz respeito ao extermínio de um povo, a partir de Baranowki (2014), consideramos que o neofascismo brasileiro se assemelha mais ao fascismo de Hitler do que o de Mussolini. Para essa estudiosa, uma das principais metas do império nazista era o extermínio dos judeus, o principal inimigo da nação, culpados pelo não progresso e ruína alemã.

Nesse aspecto, Bolinaga (2007) afirma que o racismo não é uma característica essencialmente do movimento fascista italiano, pois ele só surge de maneira mais evidente a partir da aproximação entre Hitler e Mussolini em 1938. Isso intensificou o já existente conflito interno entre membros do PNF e o *Duce*. Para os integrantes do partido, as medidas raciais italianas não passavam de cópias dos ideais nazistas.

⁹Reconhece que são reconhecidos aos índios sua organização, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

¹⁰ Parafraseando Maquiavel (2015) consideramos os partidos que compõem o centro da política brasileira (Partido Liberal, Republicanos, Movimento Democrático Brasileiro, Partido Social Democrático e Partido Social Cristão) não são fiéis ao neofascismo, mas configuram-se como tropa de mercenários que lutam ao lado de quem lhe entregar mais rendimentos econômicos.

Ademais, consideramos que o governo neofascista brasileiro se aproxima mais do fascismo alemão não somente por conta de seus apoiadores, sobretudo os ruralistas, desejarem o extermínio dos indígenas, mas por conta de ao longo desse governo células nazistas terem aumentado significativamente, adolescentes idolatradores de Hitler terem realizado massacres em escolas. Além disso, o próprio Bolsonaro inúmeras vezes bebeu leite (símbolo da supremacia branca) em suas *lives*; em 2021 encontrou Beatrix Von Storch, líder do partido nacionalista de extrema-direita alemão (AfD); o slogan Brasil acima de tudo é um frase textualmente nazista; seu ex-secretário de Cultura, Roberto Alvim, faz alusão às palavras de Joseph Goebbels (ministro de propaganda nazista); deputados que compunham sua base partidária exaltavam Hitler. Por fim, convém questionar: será que todas as vezes que seguidores de Bolsonaro levantavam a mão em um gesto semelhante ao *heil hitler* estavam realmente em oração?

Nesse sentido, a partir de Baranowki (2014), entendemos que assim como o nazismo na Alemanha, o neofascismo brasileiro está mais à direita, pois tem como maior base de apoio os movimentos de extrema-direita. Estes, por sua vez, encontram sustentação no conservadorismo de religiosos que pregam a defesa de Deus e da família cristã.

De acordo com a supracitada autora, a propaganda de Goebbels recorria com frequência aos temas cristãos da morte e ressurreição, sobretudo, quando o ministro de propaganda já não podia mais esconder as derrotas militares do público. O antissemitismo e anti-bolchevismo também eram características preponderantes do Terceiro Reich. No Brasil, percebemos o desprezo da extrema-direita a grupos marginalizados e ao comunismo.

Nesse sentido, o **conservadorismo** é outra característica marcante, senão, base de toda ideologia bolsonarista. Lembremos que o ex presidente foi eleito em 2018 com o lema Deus, pátria e família. Um Deus cristão, uma família heterossexual patriarcal branca e elitista e um patriotismo entreguista de viés estadunidense.

Nesse cenário, o ataque aos grupos historicamente marginalizados como os indígenas, negros, nordestinos, LGBTQIA+ e sobretudo às mulheres se fez presente. Damares Alves, ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (2019-2022) não somente foi uma das porta-vozes do conservadorismo, como também exerceu o papel de veemente perseguidora dos direitos das mulheres: abominou a educação sexual para crianças e adolescentes nas escolas e dilacerou discursos antiaborto.

Conforme um estudo realizado pela antropóloga Debóra Diniz, Bolsonaro criou várias barreiras aos direitos femininos, como a cartilha que considerava qualquer aborto como crime e obrigava médicos a comunicar esses procedimentos à polícia.

Vale frisar que nessa onda conservadora, Bolsonaro não estava sozinho. Um estudo realizado por Sepulveda, Sepulveda e Sepulveda (2020, p. 215) destaca que Steve Bannon, chefe da campanha eleitoral de Donald Trump em 2016, também auxiliou na eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Além disso, através de um projeto chamado *The Movement* tem influenciando nas eleições de países europeus. “Começando com o partido Vox na Espanha, no qual conseguiu eleger treze deputados, Marine Le Pain na França e Salvini na Itália. O discurso de Bannon pode ser visto também no partido CHEGA em Portugal, numa mensagem de ataque à globalização e à diversidade”.

Lembremos que Steve Bannon estava envolvido com o escândalo da Cambridge Analytica que usava dados da internet dos usuários.

O ex-estrategista-chefe de Trump teria usado dados de usuários — suas buscas em pesquisadores de internet, comentários em redes sociais e influenciadores — para desenvolver seu projeto de convencimento do eleitorado. Tanto na produção de fake news sobre Hillary Clinton — adversaria de Trump nas eleições presidenciais — quanto na exploração da xenofobia com latinos e negros (Sepulveda, Sepulveda e Sepulveda, 2020, p. 216).

Ainda para os citados autores, esse modelo tem sido importado por vários países. Os candidatos que Bannon apoia possuem narrativas semelhantes, essencialmente o discurso fundamentalista religioso, mas adaptados conforme a realidade política, econômica e social de cada lugar. Ademais, é através da construção de vilões que Bannon alicerça sua política. No Brasil, o vilão foi o atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva e o partido dos trabalhadores (PT), em Portugal o Partido Socialista (OS) e os imigrantes, na Espanha os refugiados e, nos Estados Unidos da América os mexicanos.

Nessa perspectiva, a partir do diálogo com Stanley (2018), entendemos que no Brasil a classe média faz uso do sétimo pilar do fascismo, a **vitimização**, pois diante da perda de seu *estatu s quo* afirmam serem vítimas das minorias historicamente marginalizadas. Em razão disso, atacam as cotas raciais com a justificativa de que os negros por meio dessa política afirmativa estão “tomando” a vaga de quem realmente merece, reafirmando assim, o discurso da meritocracia. Além disso, dizem-se vítimas do feminismo, pelo fato das mulheres passarem a ocupar espaços antes dominados por homens e lutarem pela igualdade de gênero.

Considerado isso, compreendemos que os valores da sociedade patriarcal conservadora é um dos alicerces do neofascismo que não surgiu de um dia para o outro, mas há anos habita entre nós, como demonstra Reich (1933).

Reich (1933, p. 49) em sua obra a Psicologia de Massas do Fascismo levanta uma

importante questão que nos ajuda a compreender porque milhões de alemães apoiaram sua própria opressão.

A questão fundamental é saber por que motivo as massas se deixam iludir politicamente. Se tinham a possibilidade de avaliar a propaganda dos diferentes partidos políticos, por que motivo não descobririam que Hitler simultaneamente prometia a expropriação dos meios de produção, quando se dirigia aos trabalhadores, e dava garantias contra a expropriação, quando se dirigia aos capitalistas?

Para o supracitado autor, isso não é um questionamento de fácil resposta. Por isso, em primeiro lugar é preciso compreender essas contradições, e em segundo, conhecer a origem comum dessas mesmas contradições, nas contradições de produção imperialista. Para tanto, Reich limita-se às questões de ideologia sexual.

Reich (1933), assim como Paris (1976) e Stanley (2018), entendem que o fascismo não decorreu apenas de fatores sociais, econômicos e políticos, mas tudo isso juntaram-se às contradições da vida sexual, à repressão da vida amorosa de homens e mulheres.

Nesse quadro, a partir do diálogo com ambos autores, acreditamos que o reacionarismo neofascista encontra raízes também nos valores da sociedade patriarcal fundamentada na propriedade privada – esta garantida segundo Engels (2019) pelo casamento monogâmico – que reprime os desejos sexuais, sobretudo das mulheres.

Nos interessa frisar que nesses regimes de cunho neofascista um dos primeiros grupos a perseguir e retirar direitos são as mulheres. Margaret Atwood em sua obra *O Conto da Aia* escrito em 1985 relata que em Gilead, um país fictício governado por fundamentalistas religiosos do Antigo Testamento bíblico, as Aias eram utilizadas para gestarem crianças para comandantes e esposas inférteis. É incrível como essa obra distópica nos ajuda a compreender a onda reacionária neofascista no Brasil. A extrema-direita brasileira encontrou nos movimentos conservadores seus principais aliados.

Gentile (2005), um dos poucos autores a abordar a situação das mulheres no fascismo italiano, enfatiza que, naquele país sob comando de Mussolini, às mulheres lhes cabia apenas a tarefa de assistência e mobilização civil, permanecendo excluídas da participação política. De antemão, consideramos que a atuação feminina no fascismo de entreguerras carece de estudos posteriores, infelizmente pela brevidade de nosso tempo, não aprofundaremos essa questão.

Destacado isso, no Brasil, nos últimos dias um acontecimento que nos auxilia a compreender o conservadorismo antifeminista bolsonarista é a votação de 10 deputadas contra o projeto de lei de paridade salarial entre mulheres e homens, felizmente aprovado no dia 4 de

maio. Anterior a isso, Bolsonaro ao longo de suas campanhas eleitorais fez ataques às mulheres, utilizou da imagem e companhia de Michele Bolsonaro, a qual em várias ocasiões defendeu o pensamento que coloca a mulher como mera “ajudadora” de seu marido.

Esses fatos nos levam a entender que não foi, portanto, por mera rejeição aos escândalos de corrupção nos governos do PT e à crise econômica que grupos e igrejas evangélicas declararam e ainda declaram apoio às pautas bolsonaristas, que reprimem à liberdade de ser e existir de quem não se enquadra nos moldes do que consideram como verdadeiros cristãos, como feministas e LGBTQIA+.

Exposto isso, embora o **nacionalismo** seja outra característica marcante do fascismo de entreguerras, isso se evidenciava nos discursos de Mussolini e Hitler, nos seus lemas de partido, nos programas e reformas educacionais, nas propagandas etc. No governo de Bolsonaro mesmo que o slogan Brasil acima de tudo, Deus acima de Todos, fosse uma tradução do lema nacionalista nazista, compreendemos que o nacionalismo bolsonarista era um **nacionalismo subserviente aos interesses internacionais**, pois defendia a entrega de riquezas naturais como petróleo, pedras preciosas e madeiras para companhias estrangeiras a preço abaixo de seus valores no mercado internacional.

Isso distancia o nacionalismo neofascista de Bolsonaro do nacionalismo fascista italiano e alemão do pós-guerra. Na Itália, Mussolini aproveitou a acusam da vitória mutilada para fortalecer o nacionalismo fascista. O chefe italiano acusava de traição os aliados sob a justificativa que estes não reconheceram a contribuição da Itália na Guerra e nem cumpriram o Pacto de Londres, assinado em 1915 e que legitimou a entrada da Itália na Primeira Guerra Mundial para lutar ao lado da Tríplice Entente composta por Grã-Bretanha, França e Rússia.

Na Alemanha, um dos elementos através do qual Hitler uniu os alemães em torno das ideias nazistas foi a defesa de que a Alemanha teria sido prejudicada no Tratado de Versalhes¹¹, e de fato foi. Assim, muitos viram no nazismo o retorno de seu país como grande potência mundial.

Pelo visto, em ambos países fascistas europeus o nacionalismo era alicerçado na real busca de soberania nacional. No Brasil, durante o neofascismo liderado por Bolsonaro o que vimos foi milhões de pessoas - apesar de unidas em torno do lema Brasil acima de tudo, Deus acima de todos, e vestidas de verde e amarelo - que defendiam o estado mínimo e o livre

¹¹ Acordo de paz assinado no dia 28 de junho de 1919, em Paris, que pôs um fim oficial à Primeira Guerra Mundial, responsabilizou a Alemanha pelo conflito e impôs uma série de sanções políticas, econômicas e militares aos alemães, dentre as quais a redução de seu exército, reparações de guerra e divisão dos territórios conquistados com países vizinhos. Conhecido também como a “paz do vencedores”.

mercado. Um estado diminuto para as classes populares e um estado macro para empresas nacionais e estrangeiras. Assim, vestidas na camisa da seleção brasileira ecoavam uníssono a defesa da entrega de estatais brasileiras para a administração privada. E também, do ouro das terras indígenas e todas as riquezas da Amazônia para a exploração ilegal. Atitudes de um povo que demonstram não a defesa de sua nação, mas a sua rendição.

Desse modo, consideramos o nacionalismo como um dos elementos do fascismo clássico que ressurgiu no neofascismo brasileiro, mas entendemos que há diferenças no nacionalismo de um país colonizado historicamente do nacionalismo das grandes potências mundiais que permanentemente estão em busca de manter seu *status quo*.

O neofascismo brasileiro não é somente subserviente ao capitalismo internacional, como também é resultado do neofascismo internacional que ressurgiu no Brasil e no mundo no presente século. A onda neofascista que chegou no Brasil e se instalou no poder entre 2019 - 2022 esteve presente em 2016 nos Estados Unidos com a eleição de Donald Trump em 2016, e ainda assombra o país norte americano com a possível volta desse ex-presidente mediático e reacionário.

Na Itália Giorgia Meloni, líder do partido de extrema-direita *Fratelli d'Italia* (Irmãos da Itália), foi eleita a chefe de governo em setembro de 2022. A primeira mulher italiana a se tornar primeira-ministra do país europeu carrega consigo o lema “Deus, pátria e família” e define-se como mulher, mãe e cristã. Além disso, a considerada herdeira do fascismo de Mussolini tem como pauta de governo o antiaborto, proibição do casamento gay e a imigração, e saída da União Europeia.

Seguindo essa mesma direção, na Holanda o Partido pela Liberdade (PVV), liderado por Geert Wilders saiu vitorioso nas eleições de novembro de 2023. O partido de extrema-direita holandês é abertamente contra imigrantes, sobretudo muçulmanos, e anti União Europeia.

Na América Latina, nosso país vizinho, Argentina, elegeu Javier Milei do partido A Liberdade Avança também em novembro de 2023, um economista ultraliberal que propõe a dolarização da economia, eliminação do Banco Central, liberação de armas para os cidadãos e a privatização de empresas públicas. Além disso, afirma-se como antiaborto e defensor da venda de órgãos.

Além desses supracitados países, na Alemanha tem crescido nos últimos anos o partido de extrema-direita AfD (Alternativa para a Alemanha), considerado abrigo de defensores do nazismo, fundado em 2013 a princípio como uma sigla anti União Europeia, mas após a crise dos refugiados de 2015-2016 tendeu a ultradireita, aderindo radicalmente a pautas anti-

imigração. Em 2021, Beatrix Von Storch, uma de suas deputadas, veio ao Brasil a encontro do ex-presidente Jair Bolsonaro. A prova que a sombra do holocausto continua a rondar os alemães é o forte apoio à AfD, especialmente no leste do país que constituía a antiga Alemanha Oriental Comunista. Em julho de 2023 o partido neonazista elegeu seu primeiro prefeito na cidade de Ragnh-Jeßnitz, Robert Sesselmann (Brasildefato, 2023).

Essas são apenas algumas amostras de como a extrema-direita neofascista ganha terreno em vários países, desenvolvidos e em desenvolvimento, o que revela que a eleição de Jair Messias Bolsonaro em 2018, não foi um fato isolado, mas possui conexões com a crise internacional do sistema do capital que para Mészáros (2006) encontra-se em uma das suas mais severas crises. Nesse contexto, a ascensão nos últimos anos de direitos de grupos historicamente marginalizados ocasionou a revolta de grupos extremistas favoráveis a eliminação de políticas públicas mantidas pelo Estado.

Nesse sentido, o nacionalismo bolsonarista é antinacional (por ser contra a soberania da própria nação) e subserviente aos interesses do capital internacional em vista do Brasil ser um país localizado na periferia do imperialismo econômico capitalista.

Nesse panorama, destacamos que para Gramsci (2012, p. 20) quanto mais a vida econômica imediata de uma nação é subordinada às relações internacionais, mais um dado partido se põe como representante dessa situação e a aproveita para impedir o avanço dos partidos opositores. A partir disso para o filósofo italiano pode-se concluir que “com frequência, o chamado ‘partido do estrangeiro’ não é propriamente aquele que é habitualmente apontado como tal, mas precisamente o partido mais nacionalista”, que ao invés de representar as forças e interesses do próprio país, “representa sua subordinação e servidão econômica às nações ou a um grupo de nações hegemônicas”.

Por isso, entendemos a partir de Gramsci (2012) que para entendemos o nacionalismo bolsonarista é necessário compreender que o Brasil é um país subordinado às relações internacionais, situado na periferia do capital. O surgimento do neofascismo, portanto, é uma marca da crise global do sistema vigente que a todo o custo busca matéria prima e mão de obra barata para manter o grande monopólio imperialista em decadência. Para tanto, desestabiliza democracias para impor seus representantes, isso aconteceu no nosso país e em outros países da América Latina.

Nesse percurso, monopólios tecnológicos como *Meta (proprietária do Facebook, Instagram e Whats App)*, *Alphabet (dona do Google e Youtube)*, *Twitter*; *Apple*, *Amazon* e *Microsoft* tiveram um papel crucial na desestruturação de democracias burguesas no mundo. Bolsonaro foi eleito assim como *Donald Trump*, nos Estados Unidos, com o auxílio de *fake*

news divulgadas por meio dessas empresas. Não é por acaso que essas *big techs* tentam barrar, e conseguiram adiar a votação do Projeto de Lei 2630/2020, conhecido como PL das *Fake News*, que visa regulamentar as redes sociais no Brasil.

Nesse contexto, Korybko (2018, p. 100) afirma que visando, sobretudo, seus interesses econômicos, um único país do mundo, os Estados Unidos vêm fazendo uso de um recente e ainda em desenvolvimento estilo de guerra, a guerra híbrida, que consiste em um novo horizonte de combate utilizado por esse país para troca de regimes. Essa estratégia poupa os EUA dos riscos políticos e militares que existe na intervenção direta, visto que usa “indiretamente uma miscelânea de grupos por procuração para realizar, por Washington, o que meio milhão de soldados [...] podem ser capazes de conseguir diretamente”.

Para esse autor estadunidense essa nova tática de conflito possui dois pilares: revoluções coloridas e guerras não convencionais. As primeiras usam procuradores políticos e sociais para abalar o tecido social do Estado-Alvo, isto é, desestabilizar a sociedade e gerar o caos político como a descrença em seus líderes e instituições democráticas. Já o segundo segue alguns padrões e estratégias das teorias militares como uso de grupos armados e é mais violento. Em ambos os estágios as redes sociais são utilizadas. Korybko (2018) analisa especificamente o caso do *Facebook* como grande aliado dos EUA nessa guerra.

Nesse horizonte, as *Thinks Tanks* têm uma importante função em desestruturar democracias formais burguesas contrárias ou que representam um empecilho aos interesses do capital financeiro e industrial internacional. Essas organizações tem ganhado espaço não somente nas plataformas digitais, mas também no âmbito educacional, o que será aprofundado no nosso próximo capítulo.

Em suma, consideramos o governo de Jair Bolsonaro neofascista por apresentar características do fascismo de entreguerras, como o anticomunismo, defesa de um passado mítico e dos valores da sociedade patriarcal, uso massivo da propaganda, distorção da verdade e ataque aos grupos historicamente marginalizados como mulheres, negros, povo originários, LGBTQIA+. Embora no fascismo clássico líderes políticos utilizassem as tecnologias para propagação de suas ideologias, no fascismo do século XXI as tecnologias digitais que permitem a disseminação de *Fake News* e em uma velocidade eletrizante é uma das principais marcas que difere o neofascismo daqueles fascismos.

A compreensão do que foi o fascismo de entreguerras e suas relações com o neofascismo brasileiro revela-se de suma importância para enxergarmos a extrema-direita bolsonarista que se apresenta sob a máscara de defensora de Deus e da família para além de sua aparência fenomênica, desvelando seu rosto de guardião do sistema do capital vigente.

Apresentaremos a seguir, as organizações internacionais responsáveis por disseminar a ideologia neofascista de grupos neoliberais e reacionários de extrema-direita no âmbito educacional escolar.

5. CAPÍTULO 02: ORGANIZAÇÕES RESPONSÁVEIS POR DISSEMINAR A IDEOLOGIA NEOFASCISTA NO ÂMBITO EDUCACIONAL ESCOLAR

Quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado.

George Orwell

George Orwell em sua obra 1984 conta a história de um sistema autoritário comandado pelo partido O Grande Irmão, no qual há o ministério da verdade responsável por notícias, entretenimento, educação e belas-artes. Para a manutenção desse regime, narrativas, literaturas e a história em geral eram constantemente adulteradas como o próprio lema do partido dizia, “quem controla o passado controla o futuro. Quem controla o presente controla o passado”. Assim, a verdade era constantemente alterada conforme os interesses do partido. Como vimos no capítulo anterior, a distorção dos fatos é uma das características do fascismo clássico que ressurgiu no neofascismo brasileiro.

A partir dessa compreensão, estabelecemos como objetivo desta seção investigar as instituições responsáveis por disseminar a ideologia neofascista no âmbito educacional escolar. Para tanto, faremos uma breve análise do que é a ideologia e a educação em seu sentido amplo antes de apresentarmos as instituições que agem no espaço escolar disseminando seus ideais reacionários para conservação da sociabilidade burguesa.

Entendemos que dentro da democracia vigente, a qual Gramsci afirma que é determinada pela legalidade burguesa, portanto uma ditadura permanente, organizações nacionais e internacionais têm agido em diferentes espaços sociais, como a educação escolar, a fim de estabelecer suas ideologias, sobretudo a partir da última grande guerra mundial. Tais grupos na guerra de posição buscam o controle ideológico sobre o passado, presente e futuro como vimos no neofascismo bolsonarista, que nega a ciência por meio da contestação do aquecimento global e das vacinas, e defende o terraplanismo. Além de manipular a História ao defender que a Ditadura Militar foi uma grande realização brasileira e que em nosso país existe uma ameaça comunista.

De antemão, frisamos que ao contrário da visão pós-modernista não consideramos que

a verdade é relativa, mas que ela existe e é construída a partir da totalidade do real. O real existe e tem uma natureza, e essa existência e natureza são capturáveis intelectualmente. “E na medida em que é capturável, pode ser modificada pela ação cientificamente instruída, ideológica e conscientemente conduzida” pelo ser humano (Vaisman, 2010). Assim, tratar a ideologia a partir da perspectiva ontológica é de suma importância para o entendimento de que o real não é uma ilusão dos nossos sentidos, mas que nossa subjetividade pode influenciar na objetivação da realidade e vice-versa.

Lukács (2018) entende que muitos elementos da ideologia já eram existentes no mais inicial desenvolvimento social. Quando um membro de um grupo de caça tentava persuadir seus companheiros para que seus interesses individuais coincidisse com os da coletividade ali já havia embriões da ideologia.

Todavia, a ideologia para Lukács (2018, p. 407) não se confunde com o mero pensamento do indivíduo, pois além de ter uma função social, busca modificar a consciência de outros sujeitos. Nesse aspecto, ele destaca que a educação em sentido *lato* é uma das primeiras tentativas de constituição de uma ideologia, na medida em que “prescrevem-se ao ser humano singulares normas socialmente gerais para seu comportamento futuro, são inculcados exemplos positivos e negativos de tais comportamentos”.

Assim, “a ideologia é, antes de tudo, aquela forma de elaboração intelectual da realidade a qual serve para fazer consciente e capaz de ação a práxis social dos seres humanos” (Ibid. p. 398). O que significa que a ideologia é uma idealização, momento ideal, da objetividade que orienta o que fazer, isto é, as ações dos seres humanos. Mas não é todo e qualquer pensamento do indivíduo, apenas aquele que possui uma função social.

Para explicar esse raciocínio o autor marxista cita que somente após a disputa entre os dois mundos, ciência e religião, no renascimento com Galileu e Darwin que a astronomia heliocêntrica e a teoria do desenvolvimento da vida tornam-se ideologias. Antes disso eram apenas teorias científicas, as quais para Lukács (2018) não são ideologias porque evitam a ontologia da vida cotidiana.

Diferente de muitos autores que consideram a ideologia apenas como um instrumento da luta de classes, Lukács (2018) entende que a ideologia está presente na cotidianidade. Origina-se da necessidade dos seres humanos em buscar respostas para solucionar problemas. Mas é na sociedade de classes que surge o problema da ideologia, pois esta passa a ser um instrumento na luta social.

Nesse seguimento, Gramsci (2004) se aproxima e se distancia de Lukács (2018). Assim como o filósofo húngaro, não entende a ideologia como algo negativo ou pejorativo. Por outro

lado, ao contrário de Lukács que considera as ideologias puras e não puras, o filósofo italiano entende a ideologia como visão de mundo. Por isso, para Gramsci há a ideologia do proletariado e a da burguesia. Dentro da luta de classes o modo como os primeiros veem o mundo é em larga medida influenciado pelos segundos. A exemplo disso são as milhões de pessoas que votaram em Bolsonaro em 2018 e defendem ideologias reacionárias neofascistas que atacam elas mesmas.

Na luta de classe o passado, presente e futuro são determinados por quem possui maior poder hegemônico. Nesse cenário, os *tinks tanks* que se apresentam como não ideológicas e negam a luta entre as classes fundamentais são responsáveis tanto por propagar pensamentos de grupos neoliberais e de reacionários de extrema-direita, quanto produzir consenso em relação aos seus interesses. E o âmbito educacional escolar tem sido um dos principais campos de lutas dessas organizações.

Antes de entendermos a atuação dos *thinks tanks* no meio da educação institucional brasileira, importa situarmos brevemente o que é a educação e sua modificação ao longo da historicidade humana.

Conforme Gramsci (2004), Lima e Jimenez (2011) e Tonet (2005) quando falamos em educação devemos ter em mente que estamos tratando de um conceito amplo, pois educação não se restringe ao espaço escolar, mas ultrapassa outros espaços sociais como partidos políticos, sindicatos, associações de bairro, prisões etc.

Conforme Lima e Jimenez (2011) para Lukács (2018), há dois tipos de educação, a saber: educação em sentido *lato* e da educação em sentido *estrito*. Com base nessa compreensão, as pesquisadoras afirmam que:

A diferença fundamental entre educação em sentido *lato* e educação em sentido *estrito* consiste no caráter universal da primeira e na dependência da divisão de classes da segunda. Por outro lado, em sentido *lato*, a educação é reproduzida espontaneamente e não pressupõe a divisão de classe; já em sentido *estrito*, sua reprodução é influenciada pelos antagonismos de classe. [...] outra diferença essencial entre essas duas formas de educação consiste no fato de que, enquanto a educação em sentido *lato* se realiza pela síntese de atos singulares de qualquer membro da sociedade, em sentido *estrito*, a educação é orientada predominantemente por um grupo particular. Basta pensarmos, para nos determos numa forma concreta, nas leis e diretrizes que incidem sobre a educação e são produzidas por um segmento particular, sob a influência da ideologia da classe dominante (Lima e Jimenez, p. 2011, p. 88).

Pelo supracitado, a educação em sentido *lato* está presente em todas as formas de sociabilidades humanas (coletivismo, feudalismo, escravismo, capitalismo etc) e é reproduzida por cada indivíduo espontaneamente. Já a educação em sentido *estrito* surge com o antagonismo

de classe e é elaborada pela classe que se encontra em posição de domínio.

Vale frisar que entre educação em sentido *lato* e a educação em sentido *estrito* não existe uma linha tênue que as separa, mas ambas se entrelaçam e se influenciam. “Nessa perspectiva, a educação em sentido *estrito*, ao incidir sobre a educação em sentido *lato*, estende a ela a ideologia dominante que influencia sua prática” (Lima E Jimenez, 2011, p. 88).

Nessa acepção, a educação com o advento da sociedade de classes perde sua função primária, repassar a novas gerações todos os saberes necessários à continuação da espécie humana, e torna-se um mecanismo de controle da burguesia sobre as classes subalternas para a manutenção de seu *status quo*.

Nesse ínterim, Marx (p. 435) destaca que a atrofiamento espiritual e corporal é inerente a divisão social do trabalho em trabalho manual e intelectual, intensificado com a maquinaria e grande indústria. Para ele “esse processo de cisão [...] mutila o trabalhador, fazendo dele um trabalhador parcial, [...] separa do trabalho a ciência como potência autónoma de produção e a obriga a servir o capital”. Desse modo, trabalho e conhecimento se tornam opostos, e o desenvolvimento científico em vez de beneficiar a produtividade do trabalhador, contrapõe-se a ele. Quanto mais a ciência avança, mais trabalhadores são jogados na marginalidade e pobreza na medida que perdem seus postos de trabalho.

Ciente que dentro da sociabilidade do capital não é possível uma educação universal, Gramsci (2004, p. 73), em seu texto *Homens ou Máquinas*, compreende que a educação é um dos aparatos de controle burguês, pois “a cultura é um privilégio. A escola é um privilégio”, tendo em vista que perante a desigualdade social nem todos tem acesso aos conhecimentos produzidos ao longo da humanidade. Para o filósofo sardo, os filhos da burguesia dispõem de tempo e condições materiais para concluir seus estudos. Por outro lado, os filhos da classe trabalhadora, devido às condições incertas as quais são obrigados a viver, acabam ingressando no ensino técnico e profissionalizante. Oposto a isso, ele defendia uma escola desinteressada que proporcionasse uma formação ampla a todos indistintamente – a escola unitária.

Nesse processo entendemos, a partir de Mészáros (2006), que é fundamental a educação estética. Esta visa a libertação de todos os sentidos humanos que têm sido considerados historicamente inferiores à razão, tais como os sentidos espirituais, vontade, amor etc, construída apenas com a libertação da Arte em relação às leis da economia capitalista.

Para Santos e Amorim (2021, p. 20) “com a necessidade de formar, em sentido restrito, a força de trabalho para a produção industrial, nasce o que conhecemos por educação profissional, historicamente separada da educação propedêutica”. A educação profissionalizante visa, portanto, formar mão de obra necessária e barata para o sistema de

produção capitalista.

Gramsci (1999), que não faz a distinção entre trabalho intelectual e manual por considerar todos os seres humanos como intelectuais – entende que a educação burguesa separa trabalho intelectual e material na medida que forma os filhos da classe trabalhadora para exercer o trabalho manual na esfera da produção capitalista e os filhos da burguesia para exercer o trabalho intelectual, a fim de perpetuar toda a estrutura social do capital.

Assim, entendemos que a educação é um conceito amplo, complexo e profundamente articulado com os demais complexos sociais, como afirma Lukács (2018). Nesse sentido, o entendimento dos grupos que atuam no âmbito escolar a respeito dessa complexidade é de suma importância, para que não tenhamos a crença ingênua de que a educação institucional por si só é suficiente para construir sujeitos emancipados.

Sabe-se que dentro da sociabilidade burguesa a educação é um terreno de disputas entre os diferentes grupos que almejam posição de poder na arena social. Nesse contexto, os *thinks tanks* têm sido um instrumento de guerra – o que consideramos guerra de posição a partir das lentes gramscianas – de grupos que visam conservar e estabelecer seus interesses e visões de mundo.

Gramsci no caderno 13 (1932-1934) Breves notas sobre a política de Maquiavel, afirma que

Ocorre na arte política o que ocorre na arte militar: a guerra de movimento torna-se cada vez mais guerra de posição; e pode-se dizer que um Estado vence uma guerra quando a prepara de modo minucioso e técnico no tempo de paz. A estrutura maciça das democracias modernas, seja como organizações estatais, seja como conjunto de associações na vida civil, constitui para a arte política algo similar às ‘trincheiras’ e às fortificações permanentes da frente de combate na guerra de posição: faz com que seja apenas ‘parcial’ o elemento do movimento que antes constituía ‘toda’ a guerra etc (Gramsci, p. 24, 2012).

Para o filósofo sardo, na política, sobretudo, nas democracias modernas a guerra de movimento vem sendo substituída cada vez mais pela guerra de posição. A primeira ocorre no embate bélico com uso da maior quantidade possível de soldados. A segunda, configura-se como uma luta silenciosa, construída no campo da superestrutura, na construção ideológica.

Nesse sentido, Semeraro (2019) destaca que as discussões em torno do conceito de armas como relações de forças, estratégia e tática, Estado como grande potência, ações político-militares na revolução Francesa, sublevações populares etc permeiam as obras de Antonio Gramsci, o que leva a cogitar que o revolucionário sardo traz esses debates não somente devido à sua época marcada por intensas guerras, mas sobretudo por acreditar que “toda luta política

tem sempre um subtrato militar” (Gramsci, p.123 *apud* Semeraro, 2029). Além disso, que a política também é um tipo de guerra que possui suas armas próprias.

Para que em tempos de crise não seja esmagada pelo exército burguês, Gramsci (2015) defende que a classe trabalhadora construa também uma tática de guerra de posição e de movimento. Parafraseando Maquiavel que defende que a guerra deve ser construída na paz, ele entende que a revolução proletária também deve ser construída em tempo de paz, pois quem melhor se prepara no tempo de paz, vence.

Portanto, se no período de entreguerras as movimentações de combate ao reacionarismo fascista se fazia através do embate físico com o *Fasci de Combattimento*, de cursos por correspondência e jornais operários, no cenário atual o uso das mais diversas plataformas digitais somadas à luta das organizações políticas e sociais também pode ser uma forte arma de enfrentamento ao neofascismo.

Nessa direção, entendemos os *tinks tanks* como organizações que agem na guerra de posição no campo educacional em *sentido lato* e também no escolar, na medida em que influenciam na visão de mundo, disseminam normas de comportamento, abarcam pautas sociais e, mais especificamente, também atuam na constituição das diretrizes educacionais. Consequentemente definem modos de ser, pensar e agir dos indivíduos.

Originalmente, em termos militares, *think tanks* era como se chamavam as salas seguras e secretas onde se debatiam planos e estratégias militares durante a guerra (Smith, 1971; Rabadán e Onofrio, 2005; Mcgann e Weaver, 2005; Abelson, 2002 e 2006; Smith, 1991 *apud* Texeira, 2017). Isso, para Texeira (2017, p. 106), levou o termo a ser utilizado para se referir às organizações que ofertavam consultoria militar ao governo (*as contract research organizations*), como a *RAND Corporation*, fundada em 1948 em decorrência dos novos desafios estratégicos do Pós-Segunda Guerra Mundial.

Tais instituições na maioria das vezes se apresentam como anti-ideológicas e não partidárias, no entanto muitas prestam serviços ao estado e outras agem por fora dele, mas sempre atendendo aos interesses de grandes monopólios empresariais.

Nesse contexto, destacamos que para Meszáros (1930) sob uma ideologia oculta muitos intelectuais burgueses e até progressistas após a Segunda Guerra Mundial decretam o fim da ideologia e apresentam-se como anti-ideológicos. No entanto, para esse intelectual marxista enquanto houver luta de classe, existirá a ideologia, pois ela é uma forma específica de consciência social que possui sustentação na materialidade.

Para Marx (2007, p. 94) a moral, a religião, a metafísica e toda ideologia não é independente da vida real dos seres humanos, pois não existe história e nem desenvolvimento

sem estes que transformação sua realidade, a si mesmo e os produtos de seu pensamento. Por isso, para o autor do materialismo histórico e dialético “não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência”. Logo, as ideologias não surgem de maneira separada da realidade histórica, mas partem dela. É nesse sentido que entendemos a partir de Lukács (1966) que a cotidianidade é o ponto de partida e de chegada das atividades humanas.

De volta ao assunto em discussão, além dos *thinks tanks* liberais, Teixeira (2017) destaca os *neocons*, grupos neoconservadores que também possuem seus *thinks tanks* que têm como características o forte patriotismo, desconfiança das instituições internacionais e multilaterais, defesa da habilidade do governante de distinguir amigos e inimigos e do nacionalismo que não deve ser apenas geográfico.

Todavia, Santos e Santos (2020) afirmam que na atual crise do capital neoliberais e conservadores andam de mãos dadas. Por isso, entendemos que é difícil distinguir um *think tank* liberal de um neoconservador, apesar do número destes últimos terem aumentado significativamente nos últimos anos.

Na sociedade do capital em um contexto de crise econômica, política e social, liberais e conservadores, como vimos na Itália e na Alemanha na década de 20, tendem a apoiar figuras míticas ¹²como Mussolini e Hitler por oferecerem a grande solução. No Brasil com Jair Bolsonaro não foi diferente.

Apesar de não haver consenso sobre o que são os *thinks tanks* (Santos, Amorim e Santos, 2023; Teixeira, 2017), não há dúvidas entre os estudiosos quanto ao seu surgimento: início do século XX, como ponto de partida concreto de desenvolvimento dessas instituições, o Pós-Segunda Guerra Mundial como momento de consolidação, e a partir da década de 1970 sua vertiginosa expansão (Teixeira, 2017).

Para Rich (2004) *apud* Teixeira (2007), essas instituições nasceram no início do século XX paralelamente à ideologia reformista que predominou durante a Era Progressivista com o intuito de atender à busca de profissionalismo na política norte-americana, por meio do estímulo à formação de especialistas nos mais variados assuntos. Tais formações acontecem tanto em organizações como institutos privados, quanto em universidades públicas.

¹² Para Rocha (1999) o mito possui múltiplas definições. Todavia, o define como uma narrativa através da qual uma sociedade se expressa, indica caminhos e discute consigo mesma. E que muitas consola a todos nós. Mas também pode nos enganar. Nesse sentido, a partir desse autor compreendemos o mito quando tratamos do fascismo como algo ligado a figura de um super-herói capaz de salvar todos de um inimigo comum. Logo, engana muitos. Mussolini na Itália era visto como salvador da nação, na Alemanha com Hitler não era diferente. No Brasil, Bolsonaro era visto por milhões como aquele que salvaria nosso país da catástrofe social, causada pelo PT, e do comunismo, este eleito como principal inimigo, que por sinal, imaginário.

No Brasil, conforme Chacel (2005) *apud* Texeira (2007), surgiram como um fenômeno pós-segunda Guerra Mundial, sendo consideradas como Terceiro Setor. Hoje, possui inteira liberdade de ação e expressão para tratar de problemas de interesse da sociedade.

Para Saviani (2018), se durante a Ditadura Militar no Brasil planejamento educacional saiu do controle dos educadores para os técnicos da economia, a partir da década de 90, com o surgimento das reformas empresariais na educação, as diretrizes educacionais passam a serem orientadas pelos órgãos internacionais como Banco Mundial, Fundo Monetário Internacional (FMI), Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o que o autor brasileiro nomeia como Internacional Capitalista Educativa.

Portanto, esse movimento de organismos internacionais pelo controle pedagógico da educação escolar – avaliação, currículo e formação de professores – não nasceu de um dia para o outro, mas é intrínseco ao próprio sistema do capital. Se nos primórdios da humanidade a educação era apenas um instrumento de continuidade e permanência do gênero humano, a partir da divisão de classes surge a escola para preparar uma classe específica para as funções de comando. Com o advento e avanço do sistema capitalista a questão fica ainda mais complexa uma vez que, conforme Mészáros (2011), tudo se tornou mercadoria, inclusive a educação.

De volta aos *thinks tanks*, Casimiro (2020) destaca que essas instituições atuam no Brasil em parceria com organizações internacionais a fim de disseminar o consenso ideológico burguês, tanto através da difusão da defesa do livre comércio, da propriedade privada e do Estado mínimo, quanto disseminando pensamentos conservadores como a defesa da moral e da família patriarcal. Dentre estas instituições cita: Instituto Millenium (Imil), Instituto Liberal (IL), Instituto Von Mises Brasil (IMB). E outros aparelhos de ação doutrinária: Instituto Rothbard, Instituto Liberdade (IL), Estudantes pela Liberdade (EPL), Movimento Brasil Livre (MBL), Fórum da Liberdade organizado pelo Instituto de Estudos Empresariais (IEE) e o Canal Brasil Paralelo.

Para Casimiro (2020, p. 79):

Direta ou indiretamente, todos estes intelectuais coletivos da direita brasileira – o Millenium, o Instituto Liberal, o Von Mises Brasil, o Rothbard Brasil, o Instituto Liberdade, a Rede Liberdade, o Estudantes Pela Liberdade, o Movimento Brasil Livre e o Instituto de Estudos Empresariais – se articulam por meio de distintas e complexas formas, consciente ou inconscientemente, seja a partir da elaboração e execução de um projeto estrutural único, seja na organização de eventos da agenda liberal (como o Fórum da Liberdade), na replicação de conteúdos ideológicos de doutrinação e recrutamento, seja organicamente, a partir de uma origem comum (IL e Instituto Liberdade), ou mesmo no compartilhamento de quadros de dirigentes e intelectuais

orgânicos. Portanto, estamos diante de uma frente ampla de ação política e ideológica, como um verdadeiro partido, no sentido gramsciano.

Todas essas organizações compõem uma grande frente ampla para a disseminação ideológica e produção de consenso político acerca dos ideais burgueses, o que podemos considerar, conforme o citado autor a partir de Gramsci, um verdadeiro partido político.

Nesse contexto, a educação não passa despercebida por esse grande partido que há cada dia ganha espaço na sociedade civil. Mas como ele dissemina sua ideologia na educação escolar?

Uma pergunta de difícil resposta já que as organizações que o compõem se declaram como grupos apartidários e representantes da sociedade civil. Diante da dificuldade de encontramos registros oficiais que comprovam sua ligação com o Ministério da Educação (MEC) durante o governo de neofascista de Bolsonaro, optamos por fazer um breve estudo sobre o Instituto Millenium, um dos *thinks tanks* mais atuantes na discussão sobre a educação brasileira. Para tanto, mapeamos brevemente os principais assuntos ligados à educação presentes nos *papers* produzidos por intelectuais desse grupo entre os anos 2012 a 2022, entre os assuntos mais debatidos esteve a educação financeira, empreendedorismo, liberdade de ensinar (aliada a Escola Sem Partido), cobrança de mensalidade nas universidades públicas, fortalecimento do ensino privado em detrimento do público, defesa da Educação Domiciliar e de *voucher* educacionais para as famílias mais pobres bem como para o pagamento de mensalidade, transporte e merenda escolar, e acusação de má gestão dos recursos públicos na educação.

Fundado em 2005 pela economista Patrícia Carlos de Andrade com o nome de Instituto da Realidade Nacional e oficialmente lançado em 2006 no Fórum da Liberdade, em Porto Alegre, essa instituição em seu *site* se declara como “uma associação civil sem fins lucrativos e sem vinculação político-partidária, reconhecida como uma entidade que defende interesses públicos e, principalmente, valores e princípios democráticos que pautam o desenvolvimento do país”. Além disso, assume a função de *think tank* que promove valores e princípios que garantem liberdade individual e de mercado, democracia representativa e Estado de Direito.

Sob o discurso de que devemos discutir a educação de forma madura propõe a entrega da educação escolar em sua totalidade para o setor privado. O álibe de que as escolas privadas brasileiras são melhores que as públicas está na justificativa da má gestão dos recursos públicos e forte atuação dos sindicatos de docentes. Assim, na

medida que coloca como alternativa para a melhoria da educação brasileira a sua privatização defende a extinção das organizações docentes, responsáveis por ainda garantir a educação básica para milhões de brasileiros da classe trabalhadora.

Essa defesa da privatização da educação possui estreita relação com o documento do Banco Mundial, *Um Ajuste Justo: Análise da eficiência e equidade do gasto público no Brasil*”, publicado em novembro de 2017. Todos os seus argumentos estão interligados com o supracitado documento, que será analisado posteriormente neste texto.

Para Casemiro (2020) o Imil através da bandeira de defesa da propriedade privada, da economia de mercado e da redefinição do Estado, uni intelectuais liberais e conservadores que atuam em diversos meios de comunicação da grande mídia brasileira como revistas *Veja*, *Isto é*, *Época*, *Exame*, *Revista Brasileira de Economia*, *Realidade*, *Forbes Brasil*, *Voto*. Entre os jornais: *Folha de São Paulo*, *Valor Econômico*, *Diário de São Paulo*, *O Globo*, *Jornal do Brasil*, *Gazeta Mercantil*, *O Dia*, *Jornal da Tarde*, *A Tribuna*, *Zero Hora*, *Hoje em Dia*, *Última Hora*, *Brasil Econômico*, *Digesto Econômico*, *Jornal Imprensa*, *Jornal da Cultura*, *Jornal do Comércio*, *Jornal da Orla*, *Jornal Brazilian Administration Review*. E em canais televisivos como na rede *Globo*, rede *Record* e rede *Bandeirantes* de televisão.

Além disso, para esse pesquisador brasileiro das *thinks tanks*, o Imil possui uma quantidade significativa de representantes intelectuais nas universidades brasileiras, públicas e privadas. Ele destaca que através do programa Imil na Sala de Aula o instituto promove encontros gratuitos entre seus especialistas e alunos dos cursos de graduação.

Apesar de assumir uma postura de defensor do liberalismo, liberdade individual e de mercado e princípios democráticos em seus artigos e publicações, o Instituto Millenium possui forte alinhamento ideológico com a organização ultraconservadora de extrema-direita *Farol da Democracia Representativa (FDR)* Casemiro (2020). Demonstrando assim, que grupos liberais e reacionários se aliam quando visam interesses comuns.

Por fim, para Casemiro (2020) para compreender o papel que o Imil desempenha no processo de produção de consenso na sociedade brasileira é necessário está ciente que se trata de uma organização que possui vários intelectuais que disseminam seus valores, liberais e conservadores reacionários, em diferentes espaços políticos e sociais, e muitas vezes o nome desse instituto nem ao menos aparece registrado nas ações que participa, direta ou indiretamente.

Dentre as ações que o Imil tem participado é a divulgação da defesa da escola livre ou escola sem partido que acusa as escolas e universidades, sobretudo públicas, de doutrinação ideológica e perseguição a professores de direita e conservadores.

Nesse ínterim, Casimiro (2020) destaca no campo educacional o avanço do movimento Escola Sem Partido, criado em 2004 pelo advogado Miguel Nagib e que ganhou maior destaque a partir de 2014 com a ascensão do reacionarismo antidemocrático. Conforme Brasil (2015) *apud* Santos e Santos (2020), os intelectuais orgânicos desse movimento defendem que as escolas e universidades públicas praticam doutrinação tanto política quanto ideológica, principalmente durante o governo do Partido dos Trabalhadores (PT).

Para os ideólogos do Escola Sem Partido, que propõe uma educação neutra e anti ideológica, cabe ao professor promover a transmissão de conteúdos de forma acrítica, sem nenhuma análise perante o contexto social. O docente que descumpre tal regra pode ser denunciado pelos estudantes (Santos; Santos, 2020). O que revela o caráter autoritário de tal proposta educacional, que ao contrário de neutra favorece a disseminação de valores e princípios conservadores reacionários.

A partir das lentes teóricas gramscianas sabemos que não existe uma educação neutra, todo e qualquer forma de educação é comprometida com alguma perspectiva ou visão de mundo. Em vista disso, nenhum indivíduo é imparcial - pode ser indiferente¹³- pois carrega consigo as marcas sócios-históricas das diferentes correntes filosóficas, ideológicas e políticas que alicerçam a conservação ou transformação de um dado modelo de sociabilidade humana.

Conforme Lima (2021), o neoconservadorismo brasileiro utiliza a educação como campo estratégico para difundir seus valores e ideais e a título de demonstração faz um mapeamento da atuação neoconservadora da educação nacional entre os anos 2002 e 2020. Para isso, analisa o seguinte corpus de pesquisa: o neoconservadorismo brasileiro na educação nas Iniciativas Parlamentares (2000 – 2019), Trechos e Contextos (PNE, BNCC, Reforma do Ensino Médio, Manifesto à Nação – Frente Parlamentar Evangélica) e o Programa Nacional de Escolas Cívicas-Militares (PECIM-2019).

Ainda que o supracitado autor não tenha feito uma análise do programa Escola Sem Partido, demonstra vários outros documentos oficiais que revelam a larga presença do conservadorismo na educação escolar brasileira que, para Apple (2003) *apud* Lima (2021), não começou com a chegada do bolsonarismo no poder, mas desde o projeto da modernização conservadora na educação.

Além da defesa do Projeto de Lei do Escola Sem Partido, o neofascismo brasileiro marca presença no espaço escolar por meio da ampliação da militarização das escolas e da Reforma

¹³ Antonio Gramsci em seu texto Indiferentes, escrito em 1917 e publicado no jornal *La Città Futura*, entende os indiferentes como aqueles que não tomam partido, isto é, não assumem uma posição e ação política diante da realidade histórica.

do Ensino Médio, imposta pelo governo de Michel Temer, que nega a formação ampla aos filhos da classe trabalhadora ao reduzir a carga horária das disciplinas tradicionais como Filosofia, História, Geografia, Sociologia, Biologia etc.

Ademais, para Cury, Reis e Zanardi (2018), a própria BNCC com a desculpa de que não é currículo, mas orientadora dos currículos, tem servido a interesses de grupos neoconservadores que negam o conhecimento historicamente construído pela humanidade sob o disfarce de não ideológica.

Além dessas organizações internacionais que exercem influência direta na educação brasileira e disseminam a ideologias neofascistas destacamos o Grupo Banco Mundial. Realizamos uma análise do capítulo “Gastar Mais ou Melhor? Eficiência e Equidade da Educação Pública” presente no documento “Um Ajuste Justo: Análise da eficiência e equidade do gasto público no Brasil” publicado em novembro de 2017, e percebemos estreitas relações desse documento com o avanço do neofascismo.

Mészáros (2011) assegura que o sistema do capital enfrenta uma crise que não é mais cíclica, mas estrutural. Tendo isso em foco consideramos que o documento elaborado pelo Banco Mundial é um manual burguês para amenizar essa dura instabilidade. Historicamente diante de crises como esta, prega-se o estado mínimo e a liberdade econômica máxima. Desse modo, reduz-se os gastos públicos e o setor privado assume o controle administrativo majoritário de todos os setores sociais com o aval do estado. Não é à toa que nesse documento se faz a defesa ferrenha das escolas e faculdades privadas – o documento as trata como Universidades¹⁴ – em detrimento das escolas e universidades públicas.

O Banco Mundial no capítulo “Gastar Mais ou Melhor? Eficiência e Equidade da Educação Pública” apresenta inúmeras difamações ao setor público educacional e defesas desmedidas do setor privado através de afirmações mentirosas, tais como: as instituições públicas gastam por aluno quase o que países que possuem o dobro do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil; alunos matriculados em universidades públicas custam mais caro duas ou três vezes mais que estudantes de universidades privadas e; escolas maiores, urbanas e privadas tendem a apresentarem resultados melhores de desempenho e eficiência.

Para Amaral (2017) todos esses estudos apresentados pelo BM são irresponsáveis, logo não demonstram a veracidade dos fatos. Primeiro o documento não faz a distinção entre gasto

¹⁴ a imensa maioria das instituições privadas não são universidades e o enunciado da questão as tratam como se assim o fossem. Um novo *erro conceitual* inadmissível num documento com as características deste (Amaral, 2017, p. 21).

por aluno e custo por aluno¹⁵. Para esse autor o Custo Médio por aluno nas Universidades Federais foi em 2015, de R\$ 13.875,57, um valor médio mensal de 1.156,30, similar às mensalidades cobradas pelas instituições privadas, que com exceção das comunitárias, confessionais e pouquíssimas particulares, realizam atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Além disso, sem considerar todas as peculiaridades de nosso país, o Banco Mundial culpabiliza os professores pela ineficiência no ensino e apresenta dados errôneos sobre nossas universidades e escolas públicas, demonstrando assim seu compromisso em gastar mais e melhor conforme os interesses do capital.

Para o Banco Mundial, portanto, a atual crise na educação não ocorre de maneira alguma devido à falta de recursos, pois já existe verbas suficientes e excedentes, mas, devido à má gestão desse dinheiro. O problema da crise na educação, então, não é a falta de dinheiro, pois há para além do necessário, o que precisa é um bom gerenciamento desse excesso pelas instituições públicas.

Ainda que o Banco Mundial tenha divulgado esse documento no final de 2017 entendemos que ele possui estreitas relações com a emenda constitucional 241, a PEC do Teto de Gastos públicos que congela os investimentos em educação, saúde, habitação, segurança etc. por 20 anos, aprovada em 2016 no governo de Michel Temer. Secularmente os interesses capitalistas são discutidos nos bastidores governamentais, então, a aprovação dessa emenda é apenas a efetivação de tais ambições.

Entendemos, ainda, que há uma relação evidente desse documento com o neofascismo brasileiro. Desde a eleição de Jair Messias Bolsonaro a disseminação de *Fake News* contra as Universidades Federais e professores dessas instituições tem sido recorrente nas diversas plataformas digitais. O próprio ex-ministro da educação Abraham Weintraub (2019-2020) acusou publicamente essas IES de praticarem balbúrdia e plantarem maconha. Somado a isso, fez vários cortes em seus orçamentos afetando inúmeras pesquisas. Ademais, ao longo de todo o capítulo que trata da educação, o Banco Mundial apresenta as universidades federais e estaduais como ineficientes, pensamento também defendido pelos intelectuais do bolsonarismo.

Nesse mesmo viés, a defesa do controle dos professores presente na página 130 do supracitado documento apresenta nuances do Projeto de Lei (PL) nº 867/2015, conhecido como o PL da Escola Sem Partido.

¹⁵Para calcularmos o Custo Médio com o Ensino, por Aluno, é preciso que retiremos dos recursos totais aplicados pelo tesouro, aqueles que se dirigem ao pagamento dos aposentados e pensionistas e os que financiam a pesquisa e a extensão. Para isto, é necessário que se estime o volume de recursos que se dirige para as atividades de pesquisa e extensão (Amaral, 2017, p. 5-6).

Também é possível aumentar a eficiência fazendo com que os professores dediquem mais tempo a atividades em sala de aula e reduzindo o absenteísmo [...]. Além disso, desvinculação entre desempenho, estabilidade e remuneração, e mecanismos frágeis de monitoramento e controle fazem com que professores tenham pouco incentivos a manter frequência adequada [...] (Banco Mundial, 2017, p. 130).

Pelo exposto, o Banco Mundial propõe o monitoramento de professores como uma das maneiras de aumentar a eficiência da educação pública. Considerado isso, temos visto nos últimos anos o aumento de mecanismos de controle de docentes tanto nas escolas, quanto nas universidades, como a obrigatoriedade de realização de relatórios diários de suas atividades pedagógicas. A defesa da Escola sem Partido foi uma estratégia encontrada no conservadorismo brasileiro para tentar minar as atividades de cunho marxista e antiliberal ou minimamente progressista e não a busca pela eficiência e qualidade como afirmam. Como ter uma educação eficiente e de qualidade com a redução de mecanismos necessários para isso?

Além do ESP, o movimento Docentes pela Liberdade (DPL), fundado em 13 de maio de 2019 e idealizado pelo professor Marcelo Hermes Lima da Universidade de Brasília (UnB), sob a égide da defesa de um estado mínimo em prol da soberania do liberalismo, visa unificar professores de universidades e escolas públicas e privadas do Brasil a fim de combater a hegemonia ideológica de esquerda e a perseguição a professores conservadores nos ambientes universitários. Esse grupo acredita que as universidades brasileiras estão contaminadas pelo comunismo e professores adeptos do conservadorismo e liberalismo são perseguidos pela maioria dos docentes de esquerda. Para eles, a qualidade do ensino nas universidades tem perdido espaço para a doutrinação.

Vale destacar que durante o governo de Bolsonaro essa organização política que se define como apartidária declarou apoio ao ex-presidente da República e esteve presente nas discussões das pautas educacionais do Ministério da Educação (MEC).

De volta ao documento do Banco Mundial em análise, na página 136, justifica-se que “os gastos públicos com o ensino superior beneficiam majoritariamente os estudantes das famílias mais ricas”. Portanto, o ensino superior gratuito pode estar contribuindo para perpetuar a desigualdade social no Brasil. No entanto, para Amaral (2017), os estudantes das universidades não pertencem às camadas mais ricas da sociedade, mas em sua maioria são oriundos das classes média e baixa e estudaram a maior parte de suas vidas em escolas públicas.

Nesse sentido, a defesa da cobrança de mensalidades nas Instituições públicas de Ensino Superior está presente em várias partes do documento. Lembremos que durante o governo

bolsonarista o deputado Kim Kataguiri, filiado no partido União Brasil e integrante do *think tank* Movimento Brasil Livre (MBL), apresentou a PEC 206/19 que instituiu cobrança de mensalidade nas universidades. Felizmente depois de muita resistência da sociedade civil, especialistas e movimentos sociais, foi arquivada.

O Banco Mundial propõe a cobrança de tarifas escolares como uma solução para aumentar a arrecadação de recursos pelas Universidades Federais sem carregar em excesso o orçamento. Em contrapartida, apresenta o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) e o Programa Universidade para Todos (PROUNI) como modelos a serem seguidos. A partir disso, constatamos que a Proposta de Emenda à Constituição apresentada pelo deputado do União Brasil está aliada a interesses internacionais de grupos empresariais que veem na educação um setor propício para grandes investimentos.

Logo o que o Banco Mundial almeja não é a redução dos gastos públicos com a educação, mas a transferência de verbas públicas para o setor privado, o que vem acontecendo no próprio FIES e PROUNI.

Além da educação institucional em modelo regular, a educação a distância, após regulamentada pelo Decreto Nº 9.057/2017¹⁶, tem sido vista por vários empresários como um excelente setor para investimento. Dentre os cursos oferecidos na modalidade EAD, a maioria são as licenciaturas, dentre estas está a Pedagogia – cursos frequentados por negros, jovens de menor renda, sobretudo estudantes trabalhadores, que conciliam trabalho durante o dia e estudos à noite (Gatti *et al* 2019).

Segundo Gatti *et al* (2019), a educação a distância tem possibilitado o acesso a muitos jovens ao ensino superior, mas oferta uma formação precária aos filhos da classe trabalhadora.

Marx (2017) afirma que a desvalorização relativa da força de trabalho decorre da redução dos custos de aprendizagem. Trabalhadores qualificados têm maiores investimentos em formação do que os não qualificados, logo recebe melhor remuneração. Mészáros (2011) acrescenta que dentro da sociabilidade do capital até mesmo a educação que prepara para ocupação de postos de trabalho precários, o subemprego e exército de reserva (o desemprego) é um negócio lucrativo. Nesse panorama, o discurso do empreendedorismo aparece como uma oportunidade de sucesso que a educação institucional não oferece.

Em suma, a defesa do Banco Mundial em relação aos setores privados da educação revela seu compromisso não com a qualidade da educação, mas com a produção de lucros. Na medida em que é oferecida uma educação com menor qualidade para a classe trabalhadora,

¹⁶ Decreto que estabelece as normas de oferta de cursos na modalidade a distância.

aumenta-se a desigualdade social, bem como ameniza a luta de classes. Diante do avanço do neofascismo, estratos sociais da classe trabalhadora que recebem uma educação precária não encontram caminhos para mobilização social. O que demonstra que a luta proletária no campo educacional escolar deve ser articulada com pautas sociais mais amplas, como organizações sindicais, movimento estudantil, associações de bairros etc.

Ademais, nesse processo de atrofiamento espiritual das massas, destacamos que a atual Reforma do Ensino Médio, sancionada sob a lei nº 13. 415/2017, tem apresentado sua contribuição na medida em que ampliou o tempo mínimo dos estudantes nas escolas de 800 horas para 1.000 horas anuais, mas destinou apenas 600 horas para as disciplinas tradicionais como História, Filosofia, Biologia, Língua Portuguesa, Geografia e Filosofia, deixando as 400 horas restantes para os itinerários formativos, estes impostos aos alunos conforme o que cada escola pode oferecer e lecionados por professores sem qualificação adequada.

Nesse contexto, (Schlesener, 2020, p. 85) enfatiza que “os países de periferia, agora denominados de economia emergente, são alvos da disputa geopolítica e pela hegemonia econômica mundial”. A participação de órgãos internacionais na elaboração de diretrizes educacionais de países da América Latina, África e Ásia como um dos meios para a reestruturação econômica é um projeto educativo. O que altera os objetivos educacionais desses países e penaliza as classes populares, “reduzindo-as ao horizonte ideológico que interessa aos poderes dominantes”.

Para essa mesma autora, o Banco Mundial que gere os fundos que são emprestados aos países periféricos, modifica os sistemas educacionais desses países na medida que estabelece as normas políticas que devem seguidas para quem tenham acesso a seus fundos. Desse modo, a ideologia neoliberal fundamenta as reformas educacionais do ensino público e determina tanto a formação profissional, quanto ideológica das classes trabalhadoras.

Uma formação que nega os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade aos filhos da classe trabalhadora. Perante isso, Antonio Gramsci, mesmo no cárcere defendia que todos, indistintamente, devem ter acesso a tudo de mais elevado produzido pelo espírito humano.

Em síntese, na medida em que os *thinks tanks*, o Banco Mundial e demais organismos internacionais comprometidos com a sociabilidade burguesa disseminam ideologias neofascistas no campo educacional, buscam conservar a sociabilidade do capital, a qual Gramsci (2004) considera hospedeira do fascismo. Para tanto, requerem o controle do passado, presente e do futuro por meio da guerra de posição, configurada no domínio ideológico das massas.

Todavia, para o revolucionário Gramsci a história é feita por homens e mulheres, logo nenhum poder é eterno, basta olharmos o que foi a Revolução Francesa e a Revolução Russa. Ciente disso, ele convoca a classe trabalhadora para que também construa suas táticas de luta para o enfrentamento e derrota do domínio burguês. A educação em seu sentido amplo sempre foi um caminho possível para esse revolucionário antifascista que nunca desistiu da unificação das massas, seja enquanto militante político ou prisioneiro no cárcere.

Por fim, a identificação de instituições responsáveis por disseminar o reacionarismo neofascista no espaço escolar é de suma importância para compreendermos as reverberações neofascistas na cotidianidade dos estudantes. A seguir caracterizaremos os aspectos do neofascismo e sua expressão no cotidiano de estudantes do 3º ano do Ensino Médio.

6. CAPÍTULO 03: A IDEOLOGIA NEOFASCISTA E SUA EXPRESSÃO NO COTIDIANO DE ESTUDANTES DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO

6.1 O COTIDIANO COMO PONTO DE PARTIDA E DE CHEGADA DO SER SOCIAL

Se nós representarmos a cotidianidade como um grande rio, pode-se dizer que dela se depreende, em formas superiores de recepção e reprodução da realidade, a ciência e a arte, se diferenciam, se constituem de acordo com suas finalidades específicas, alcançam sua forma pura nessa especificidade – que nasce das necessidades da vida social– para logo, em consequências de seus efeitos, de sua influência, na vida dos homens, desembocam de novo na corrente da vida cotidiana.

Georg Lukács

Para Lukács (1966) a práxis cotidiana ou a vida cotidiana é o ponto de partida e ao mesmo tempo o ponto de chegada de toda atividade humana. E como um rio, dela parte todas as formas superiores de reprodução da realidade (a arte, a ciência, a filosofia etc) que nascem das necessidades da vida social. E como um ciclo, todas essas formas de objetivação desaguam de novo na corrente da vida cotidiana que se enriquece constantemente com os resultados da elevação do espírito humano.

O presente texto tem como objetivo apresentar aspectos da ideologia neofascista e sua expressão no cotidiano de estudantes do 3º ano do Ensino Médio de uma escola da rede pública de ensino em União-PI. Ressaltamos, novamente, que trazemos essa categoria de Lukács por ser ele, a nosso juízo, o filósofo marxista que a define de forma mais completa, no sentido de apontar suas mediações e captar sua complexidade.

Importa frisar que, segundo o supracitado filósofo da ontologia, a cotidianidade é um campo pouco estudado filosoficamente por inúmeras razões, dentre as quais o fato de a vida cotidiana não possuir objeções tão fechadas como a ciência e a arte. Afinal, a realidade objetiva é caótica.

Essa ausência de estruturação e definição na realidade torna a cotidianidade uma categoria de difícil definição e por vezes menosprezada por muitos estudiosos. Percebendo sua relevância, Lukács (1966, p. 12) entende que as diferentes formas de reflexos nascem das necessidades da vida cotidiana, das buscas de respostas dos problemas da vida humana. Logo, “o comportamento cotidiano do homem é o começo e o fim ao mesmo tempo de toda atividade humana”.

Apesar da cotidianidade comumente ser compreendida como a imediatividade da vida

humana, Lukcás (1966) destaca que ela além de ser permeada de decisões fundamentadas em motivos de natureza espontânea e fugaz, possui fundamentos rígidos, embora muitas vezes estes sejam costumes e tradições. Nesse aspecto, o autor destaca que ela não é dominada pela alienação, pois cada ser é um ser social de escolhas entre as alternativas dadas. Porém, seu conteúdo e forma são amplamente influenciados pelas ideologias, das quais as objetivações a ela retornam (Lukcás, 2018).

Ainda segundo esse autor marxista a vida cotidiana não surgiu a partir do advento do capitalismo. Em outras formas de sociabilidade humana já existia a cotidianidade. Assim sendo, ela não desaparecerá com a expropriação e socialização dos meios de produção.

Como já aqui abordado, a cotidianidade é enriquecida com as elevações espirituais. Mas se a práxis cotidiana perde sua vinculação com o conhecimento e a ciência, e se estes não surgem das questões levantadas pela cotidianidade e nem a enriquecem, tem-se um grande problema: a cotidianidade perde seu traço essencial: de fonte e desembocadura do conhecimento na ação humana (Lukcás, 1966).

É na sociedade de classe que a cotidianidade perde seu papel de difusão do progresso e da satisfação de seus resultados à humanidade, dando origem ao empobrecimento espiritual e material dos indivíduos (Lukcás, 1966).

Concordamos com Lukcás (2018, p.374) quando afirma que “mesmo o mais significativo pensador, político, artista etc, vive pessoalmente uma vida cotidiana cujos problemas, através dos incidentes diários de seu cotidiano [...] jorram [...] sobre ele, tornam-se presentes e nele causam decisões, mesmo de espécie espiritual”. O que significa que nem tudo que é pensado, sentido, vivido pode ser apenas um efeito dos impulsos “de cima”, das formas de pensar e agir dos grupos dominantes.

Nesse seguimento, o crescimento da ciência sobre os mais amplos campos da vida não elimina e nem substitui de maneira alguma o pensamento cotidiano. Pelo contrário, o pensamento científico se difunde onde não existia. Isso explica o número menor, por exemplo, de pessoas que são anti vacinas. Mas, isso não significa a difusão massiva dos conhecimentos científicos. Diferente disso: as dialéticas dessas tendências contraditórias constituem o fundamento da constante reprodução do pensamento cotidiano (Lukcás, 1966).

Posto isso, compreendemos que cada indivíduo possui sua subjetividade, construída na sua cotidianidade. Conforme Gramsci (1999, p.94) “nossa própria personalidade é compósita”, pois nela encontramos elementos do gênero humano desde os tempos mais remotos à fase mais moderna e progressista. Por isso, somos sempre “homens-massa ou homens-coletivos”.

Assim, da cotidianidade parte todas as formas de objetivação humana desde a arte, a

ciência, a ideologia etc. e a ela retornam. Na atual sociabilidade do capital, em larga medida, as crenças, valores e formas de pensar de alguns grupos reverberam na cotidianidade de milhões de indivíduos, influenciando na construção de suas concepções de mundo.

Não negamos que cada indivíduo possui sua forma particular de pensar e agir. Todavia, a partir de Gramsci (1999), entendemos que todo grupo social que possui mesmo de maneira embrionária sua concepção de mundo, por razões de submissão e subordinação intelectual, acaba agregando de outro grupo social uma concepção que não é sua, a afirma verbalmente e acredita segui-la. Aqui trataremos especificamente da ideologia reacionária neofascista que busca consenso entre os diferentes estratos sociais.

Feito essa breve exposição, a seguir analisaremos as falas dos nossos participantes da pesquisa.

6.2 A IDEOLOGIA NEOFASCISTA NA COTIDIANIDADE DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO: O CAÓTICO ENTRE ESSÊNCIA E APARÊNCIA

Como já frisado em vários momentos neste trabalho, para entendermos as reverberações do neofascismo na cotidianidade de estudantes do Ensino Médio é imprescindível entender o que é o ser humano e como se constitui. De acordo com a perspectiva marxiana, como frisa Leontiev (1978), ninguém nasce humano, mas torna-se humano a partir das relações com os outros e com o mundo material. Desse modo, uma geração contribui no processo de humanização de indivíduos do seu tempo como também das próximas gerações. Por isso que para Vigostki (s/d) *apud* Sirgado (2000, p.46) “o homem é uma pessoa social. Um agregado de relações encarnadas num indivíduo”.

Nesse viés, para Gramsci (1999, p. 405), o ser humano deve ser concebido como um bloco histórico constituído tanto por elementos essencialmente subjetivos e individuais, quanto por elementos objetivos ou de massa, com os quais o indivíduo possui relação ativa. Para o filósofo italiano, transformar as relações exteriores significa fortalecer ou desenvolver a si mesmo. Mas é uma “ilusão e um erro supor que o ‘melhoramento’ ético seja puramente individual”, pois o que forma a individualidade é individual ou particular, no entanto, essa individualidade não se realiza e desenvolve sem uma atividade que transforma as relações externas, desde aquelas mais imediatas com a natureza e os demais seres humanos, as mais amplas que abrange todo o gênero humano.

Tendo isso em vista, para Gramsci (1999) o ser humano é essencialmente político porque na medida que pratica atividades para transformar e dirigir conscientemente os outros

também constitui a sua própria individualidade humana.

Nessa direção, as opiniões dos estudantes sobre aspectos da ideologia neofascista possui elementos que reverberam em suas cotidianidades, mas que também já estão presentes nelas e os forma enquanto seres humanos, em um movimento caótico entre objetividade e subjetividade, o qual constitui a cotidianidade.

Posto isso, destacamos que para exposição didática organizamos nosso universo de pesquisa em duas categorias estruturadas a partir das seguintes questões: **Quais estudantes se aproximam da essência do real? E quais estudantes ficam na mera aparência?**

Como já citado na nossa sessão metodológica utilizamos o grupo focal como instrumento de coleta de dados e um questionário socioeconômico. Na primeira sessão do grupo focal, realizada no dia 19 de junho, estabelecemos os seguintes objetivos: identificar as reverberações de aspectos da ideologia neofascista como anticomunismo, defesa de um passado mítico, propaganda, distorção dos fatos e conservadorismo e idolatria ao nazismo na cotidianidade de estudantes do 3º ano do Ensino Médio.

Para tanto, foram discutidas as seguintes frases: “vamos unir o Brasil pela vontade de nos afastarmos de vez do socialismo [...]”; “o que seria do Brasil sem as obras do governo militar? Não seria nada. Seria uma republiquela. É uma luta da verdade contra a mentira, da história contra a estória, do bem contra o mal”; “vamos fuzilar a petralhada aqui no Acre”; “no meu caso particular, pelo meu histórico de atleta caso fosse contaminado pelo vírus (Covid-19), nada precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria quando muito acometido por uma gripezinha ou resfriadinho [...]” e “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.

De acordo com a literatura fascista, a propaganda que dissemina informações difamatórias e intimidações contra grupos opositores é um dos elementos da ideologia neofascista. Nesse sentido, entendemos que a frase “**Vamos fuzilar a petralhada aqui no Acre**” configura-se como uma tática do neofascismo bolsonarista contra partidos e organizações de esquerda como Partido dos Trabalhadores (PT), Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) etc.

Em relação a essa frase selecionada no jogo de baralho todos os estudantes concordaram que ela é muito forte e agressiva e que Bolsonaro deveria suavizá-la. Asap, Prudêncio, Sininho e Ariel acreditam que foi mal interpretada e não significa matar alguém, mas acabar com a corrupção do governo do PT. Além disso, justificaram o uso dessa expressão “fuzilar” pelo fato de Bolsonaro ser um ex-militar, como afirma Ariel (2023, s.p): “como Bolsonaro era militar [...] usa termo mais agressivos [...] fuzilar eu não concordo. Mas acho que ele se referia a acabar com a corrupção, essas coisas eu concordo”.

Esse pensamento dos estudantes que justificam as ações agressivas de Bolsonaro, por ele ter sido capitão do exército, demonstra que já está presente no imaginário cotidiano desses alunos o perfil de agressividade de quem fez ou faz parte de alguma esfera da segurança pública no Brasil. Isso não é por conta da farda ou da arma que possuem, mas do comportamento de nossa polícia que, segundo uma matéria do jornal CartaCapital para a imprensa internacional, é uma das que mais matam no mundo. Foram cerca de 6100 mortes registradas em 2021, uma média de 17 por dia, sem contar as subnotificações.

Nesse contexto, chama-nos atenção a fala de Sininho (2023, s.p) quando nos diz que a frase foi mal interpretada e que não foi dita com o objetivo de matar alguém.

[...] eu acredito que é uma frase que a pessoa pode interpretar de várias maneiras [...] É uma frase muito forte [...], mas foi uma frase que foi mal interpretada. Mas também acredito que não é uma frase que deve ser dita para pessoas [...]. Mas acredito que não tenha sido dita com a intenção de ofender, de realmente matar alguém”.

Pelo exposto, quando essa participante afirma que isso não é algo que deve ser dito para as pessoas notou agressividade nessa frase de Bolsonaro, o que nos leva a crê que não é uma pessoa que defende a agressividade verbal no seu cotidiano. Nesse ponto, destacamos que nem todos os adeptos do bolsonarismo tinham identificação particular com a pessoa de Bolsonaro. Por isso que Paris (1976), quando trata da origem do fascismo destaca que as causas objetivas (contradições socioeconômicas) se juntaram às subjetivas (dilemas sexuais e amorosos de homens e mulheres).

Isso nos reporta à frase mais impactante do filme *Ele está de volta*: “Você nunca se perguntou porque as pessoas me seguem? Porque no fundo elas são como eu”. Essa frase tem sido amplamente utilizada por pesquisadores e debatedores do fascismo para afirmar que todos os seguidores de líderes autoritários possuem uma identificação particular com eles, por serem iguais a eles.

A partir de Gramsci (1999), entendemos que a personalidade humana é composta por diferentes marcas sócio históricas, mas cada indivíduo constitui sua individualidade. O que significa que nem toda pessoa que simpatiza com o neofascismo brasileiro é favorável à tortura e à violência. Similar ao período de entre guerras que tantos fatores objetivos quanto subjetivos levaram italianos a apoiarem Mussolini, bem como alemães a apoiarem Hitler, no Brasil milhões de brasileiros seguiram Bolsonaro.

Dito isso, na contramão dos colegas, Lisa, Bocarral e Coringa entendem que a expressão em análise revela sim o desejo de matar ou intimidar pessoas de opiniões opostas. Como afirma

Coringa (2023, s.p): “fuzilar dá para entender que quer matar a pessoa. Petralhada [...] a pessoa vai se sentir ameaçada, ofendida, não vai sentir vontade de votar”.

Esses três estudantes, portanto, percebem que Bolsonaro intimida eleitores e integrantes do Partido dos Trabalhadores, levando-os a se sentiriam ameaçados ao declarar oposição por meio do voto. Sobre essa questão, destacamos que para Stanley (2018) a declaração pública de ódio a partidos dissidentes é uma das características do fascismo.

Consequência disso no Brasil dos últimos anos foi o fato de eleitores de Lula temerem vestirem alguma roupa ou adereço que identificassem sua opção de voto nas eleições de 2022 para Presidência da República. Vale frisar que durante esse período eleitoral houve vários assassinatos ocorridos por motivações políticas. Conforme o jornal *Uol* o Brasil teve 26 assassinatos por intolerância política em 2022.

O caso mais conhecido dessa disseminação de ódio foi o assassinato do guarda municipal Marcelo Arruda pelo agente penal Jorge Guarinho em sua festa de aniversário cujo tema era Luiz Inácio Lula da Silva, no Paraná, no dia 10 de julho de 2022.

Não somente quem declarava oposição de voto a Bolsonaro nos últimos anos sentiu-se sob ameaça, mas também quem defendia o aborto, vacinação antiCovid-19, democracia e preservação do meio ambiente. Esta última levou à morte do jornalista inglês Dom Phillips e seu amigo indigenista Bruno Araújo Pereira, na Amazônia. A perseguição aos defensores do meio ambiente era tão incisiva que Bolsonaro demitiu Ricardo Galvão do cargo de diretor do Inpe (Instituto de Pesquisas Espaciais) por ter revelado o aumento da destruição das florestas brasileiras durante sua gestão.

De volta ao grupo focal, quando retirada do baralho a frase dita por Bolsonaro que configura a distorção dos fatos, a saber: **“no meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus nada precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria quando muito acometido por uma gripezinha ou resfriadinho [...]”**, Lisa, Prudêncio, Bocarral e Coringa enfatizaram que Bolsonaro fez piada com uma doença que estava matando milhares de pessoas, atitude incompatível com o cargo de Presidente da República.

Para Lisa essa frase era insensata, porque ser atleta não significa ser imune a doença, que por sinal era letal. Ademais, Coringa (2023, s.p) afirma: “[...] tinha várias pessoas morrendo e ele veio falar isso [...]. Ele falou isso porque [...] tem condições, tem como se tratar, não pensou nos pobres que não tem condições. Tinha várias pessoas precisando de oxigênio”.

Pelo apresentado, esses dois estudantes que revelaram no questionário socioeconômico que utilizavam as redes sociais como *Watts App*, *Instagram* e *Facebook*, estavam acompanhando o debate nas redes sobre a Covid-19. A fala de Lisa revela embasamento

científico e de Coringa, conhecimento sobre a desigualdade social no nosso país e sucateamento do sistema público de saúde, demonstrando assim saber da realidade para além da aparência.

É importante destacar que, de acordo com o governo do estado Piauí, até o dia 21 de novembro de 2022 União contava com 74 óbitos em decorrência da covid-19. No Brasil, 707.286 mortes até 17 de novembro de 2023, segundo o Ministério da Saúde. Aqueles supracitados estudantes não estavam alheios a isso.

Por outro lado, Asap, Ariel e Sininho asseguraram que a supracitada frase não era propriamente de Bolsonaro, mas utilizada pelo chefe da república fundamentada na opinião do médico Drauzio Varella. Sendo assim, foi retirada de contexto na nossa pesquisa, como mostra a fala de Sininho (2023, s.p):

“[...] Ele estava falando o que era do médico. Então, a gente tem não só que pegar uma parte do que ele falou, mas ver o tudo aquilo que aconteceu para que ele pudesse falar aquilo. Ele realmente poderia ter usado palavras diferentes, ter se expressado de forma melhor para que aquilo não pesasse em cima de pessoas que estavam perdendo pessoas especiais”.

Pelo visto, para a participante Sininho, Asap e Ariel aquela frase era de Drauzio Varella. Porém, Sininho também admite que a maneira como Bolsonaro tratou a Covid-19, como uma pequena gripe ofendeu pessoas que estavam perdendo entes queridos para a doença. Além disso, afirma que ficaria muito revoltada na época se tivesse perdido alguém da família.

Mas será que se Sininho tivesse perdido familiares para Covid-19 teria posicionamentos diferentes em relação a Bolsonaro? É uma resposta difícil de ser dada, pois são vários os fatores que levaram milhões de brasileiros a apoiarem o bolsonarismo. Pelo questionário recebido, nossa participante afirma pertencer à religião evangélica. Como já vimos, com base em Baranoswki (2014), Reich (1933) e Stanley (2018), adeptos de religiões que pregam o conservadorismo foram a grande parte da massa de apoio a Mussolini e Hitler em um contexto de intensa crise econômica, política e social.

Nesse panorama Costa (2020) enfatiza que a Frente Parlamentar Evangélica (FPE) foi uma das principais bases de apoio a Bolsonaro. No entanto, para o autor é importante destacar que ela não é composta em sua totalidade por evangélicos, mas por integrantes de diferentes partidos e denominações religiosas. Por isso, apesar do voto evangélico e do apoio da Bancada Evangélica terem contribuído significativamente para a eleição de Bolsonaro em 2018, a vitória do candidato do PL foi possível devido a uma entonação conservadora do público católico e de outras religiões.

Posto isso, para Asap (2023, s.p) o Bolsonaro antes da pandemia exercia um bom

governo, mas depois dessa catástrofe social muitas coisas mudaram. A “covid veio muito para atrapalhar o governo dele. Se não fosse a covid ele teria sido reeleito”. Esse posicionamento demonstra outra característica do fascismo, como trata Stanley (2018), que é a criação de inimigos imaginários. Se até antes da pandemia, bolsonaristas já tratavam os partidos de esquerda como seus fiéis inimigos, com o advento da pandemia o vírus passou a ser visto como uma criação do inimigo comunista, no caso a China.

Lembremos que a acusação à China como criadora e disseminadora do vírus da Covid-19 partiu de Donald Trump, ex-presidente dos Estados Unidos e aliado de Bolsonaro. O que demonstra a subserviência do neofascismo brasileiro aos interesses do capital estrangeiro.

De fato, as polêmicas e negação de Bolsonaro sobre a existência da Covid-19 e sua letalidade levou-o a perder muitos eleitores, mas não foi a principal causa da sua derrota nas urnas em 30 de outubro de 2022. Apesar de não eleito recebeu 58.206.354 votos, totalizando 49,10%. Uma votação que demonstra a força do neofascismo bolsonarista na sociedade brasileira.

Acreditamos que a frente ampla formada por vários partidos foi o que impediu a continuação do neofascismo no comando da Presidência da República. Uma tática que assim como a defesa da Social Democracia pós Segunda Guerra Mundial não eliminou o fascismo, conforme Trotsky (2019), também não extinguirá o neofascismo do nosso século.

Partido para a discussão da frase **“Vamos unir o Brasil pela vontade de nos afastarmos de vez do socialismo”** que caracteriza, a partir de Stanley (2018), outro aspecto da ideologia neofascista, o anticomunismo, por unanimidade os estudantes disseram que não sabiam o que é socialismo. Em decorrência disso a mediadora fez uma breve explicação da temática para não influenciar no resultado do debate.

Nesse momento foi possível perceber que Asap, Sininho e Ariel demonstraram posicionamentos que defendiam Bolsonaro mesmo afirmando que desconheciam o tema. É o que revela a fala de Sininho (2023, s.p): “acredito que não tinha visto essa frase antes [...] Mas acredito que seria um pouco difícil de manter direitos iguais para todos [...] eu não sei o motivo por que ele falou isso ou o que levou ele a falar isso”. Asap (2023, s.p) revela: “eu não concordo com direitos iguais, porque nem todos também são direitos bons. E muitas deles também são mais voltados para violência [...]”.

Concernente aos estudantes Lisa, Bocarral, Prudêncio e Coringa mesmo afirmando que desconheciam o socialismo, acreditam que seria algo bom. Para eles o Brasil é um país capitalista e não socialista. Para Bocarral (2023, s.p) “talvez tendo direitos iguais o Brasil diminuísse essa questão do criminalismo”. Coringa (2023, s.p) entende que “[...] se fosse todo

o mundo socialista, o Brasil não passaria por tantas dificuldades e todo mundo se ajudava, e ninguém precisava [...] alguns não precisavam roubar para poder sobreviver [...]. O Brasil seria mais unido”.

Todavia, Prudêncio (2023, s.p) adverte: “mas é uma coisa a se pensar, a se estudar, não é coisa assim de último momento [...] assim de chegar e fazer. Tem que pensar, tem que reunir pessoas do governo para poder falar sobre [...]”. Além disso, relaciona com a Venezuela. Isso revela que mesmo esse estudante afirmando que não compreende o socialismo, em algum local viu alguma relação desse sistema social com a Venezuela.

Nesse sentido, destacamos a partir de Baranowsky (2014), Casemiro (2020), Reich (1933), Stanley (2018), Togliatti (1978) e Zetkin (2019) que o anticomunismo ou antissocialismo, sobretudo a repulsa ao marxismo, é uma característica presente em todos os governos reacionários anti classe trabalhadora, como foi na Itália e Alemanha de entreguerras. No governo neofascista de Bolsonaro o ataque às pautas trabalhistas e direitos conquistados pela classe trabalhadora fez parte de todo seu projeto de poder.

Nesse ponto, Mészáros (2004) destaca que para os defensores do sistema do capital vivemos a era do fim da ideologia. Sob uma ideologia oculta negam a existência da ideologia em suas pautas econômicas, políticas e sociais. Isso se intensificou a partir das duas grandes guerras mundiais. Inclusive muitos afirmam que após esse advento histórico o marxismo chegou ao ápice de sua crise.

Todavia, para Mészáros (2004, p. 111), o marxismo é inseparável do desenvolvimento do movimento da classe trabalhadora. Assim, o problema não é a inadequação do marxismo “às necessidades da luta socialista [...] mas, ao contrário, a maneira inescrupulosa pela qual os partidos em questão dele se afastam”. Sendo assim, foi esse uso incoerente da teoria marxista feito por alguns líderes políticos como Stalin na União Soviética que levou muitos intelectuais a negarem a vivacidade e importância dessa teoria para emancipação da classe trabalhadora.

Destacamos que a descrença na teoria revolucionária marxista aconteceu tanto de forma desintencional por alguns intelectuais como George Orwell, devido ao próprio contexto de pós-guerra de uso indevido do pensamento marxista, quanto de maneira provocada por grandes órgãos internacionais como a Agência Central de Inteligência (CIA) que patrocinou a produção cultural (filmes, documentários, séries etc) e intelectual na contramão da perspectiva marxista.

Nessa linha, o Partido dos Trabalhadores, apesar de contemplar em seu projeto de governo pautas trabalhistas, não é essencialmente um partido revolucionário fundamentado na teoria marxista, mas um partido social-democrata que em nenhum momento se afastou das ideias do liberalismo econômico. No entanto, membros da extrema-direita o consideram

comunista. Vale também frisar que o anticomunismo no Brasil se deve à tentativa de grupos neoconservadores eliminar a existência de vários grupos de intelectuais que estudam essa teoria revolucionária e qualquer outra que se enquadre como progressista.

Posto isso, nossos participantes da pesquisa Asap, Sininho e Ariel demonstram-se mais distante da compreensão da totalidade do que é o anticomunismo na ideologia neofascista brasileira. Lisa, Bocarral, Prudêncio e Coringa ainda que na aparência aproximam-se do real quando entendem que no Brasil não existe comunismo. Embora seja necessário frisar que em nossa compreensão sem conhecimentos sócios históricos aprofundados de um determinado contexto seja difícil distanciar-se da mera aparência.

Já a respeito da frase **“Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”**,¹⁷ que caracteriza outro elemento da ideologia reacionária neofascista no Brasil, conservadorismo e idolatria ao nazismo, todos os estudantes concordaram que Deus está acima de todos, por ser o criador do ser humano e de todas as coisas.

Prudêncio, Bocarral, Lisa, Sininho, Ariel, Prudêncio e Bocarral compreendem que Bolsonaro queria tornar o Brasil um país independente, soberano. Na contramão da opinião dos colegas, Coringa (2023, s.p) afirma concordar que Deus está acima de todos, mas não acredita que Bolsonaro se importava com o Brasil, pois “se ele se importasse mesmo com o Brasil, com as pessoas, [...] não falaria aquelas frases. [...] eu concordo só com essa segunda aqui: “Deus acima de todos” [...] Pelo menos ele acredita em Deus”.

Pelo visto, a crença em Deus está presente na fala de todos os estudantes, até mesmo dos que são contrários de maneira majoritária aos posicionamentos de Bolsonaro. Baranowki (2014), Reich (1933) e Stanley (2018), dentre outros pesquisadores do fascismo, afirmam que o elemento religioso, especialmente das religiões cristãs que pregavam a conservação da sociedade patriarcal, era marcante entre as bases de massa do fascismo italiano e da Alemanha nazista.

É sabido que muitos alemães consideravam Hitler como um enviado por Deus. Eberle (2010, p. 158) traz o relato de uma carta da senhora Fiebig enviada a Hitler na qual ela agradece ao destino e pede ao “Todo-Poderoso” que ele mantenha seu *führer* saudável. Ademais, promete educar seus nove filhos conforme os desejos de Hitler para servir à pátria.

No Brasil, Bolsonaro copiou o *slogan* de Hitler, *Deutschland über alles*, que em português significa Alemanha acima de tudo. O qual levou várias pessoas a verem-no como nacionalista, outros como um representante divino. E uma parcela significativa, a exaltar o

¹⁷ *Slogan* do governo de Jair Bolsonaro entre 2018-2022.

nazismo alemão, o que é crime segundo a lei brasileira 7.716/1989¹⁸.

Frisamos que nenhum dos nossos participantes defenderam o nazismo, apesar de todos defenderem que Deus está acima de todos, independentemente de qualquer diferença ideológica entre eles.

Destacado isso, Gramsci (2024) nos revela que quando Mussolini assumiu o controle do estado todas as instituições passaram para o lado do fascismo, desde a magistratura à igreja. O que foi o Tratado de Latrão, senão um acordo entre o fascismo e a igreja católica? No dia 11 de fevereiro de 1929 Mussolini e o cardeal Pietro Gasparri assinaram esse acordo que deu origem ao estado Vaticano e melhorou a imagem do governo fascista, pondo fim ao conflito entre Estado e igreja.

No questionário recebido dos estudantes, todos afirmaram seguir alguma religião. Sininho, Coringa, Ariel e Bocarral disseram ser cristãos evangélicos. Já Lisa, Prudêncio e Asap são católicos. Identificamos, portanto, que o bolsonarismo tinha adeptos nas mais diversas religiões, não sendo uma exclusividade das denominações evangélicas.

Concluída as discussões sobre as falas dos estudantes a respeito do *slogan* do ex-presidente da república, embaralhamos as cartas e foi sorteada a seguinte fala de Bolsonaro: **“O que seria do Brasil sem as obras do governo militar? Não seria nada, seria uma republiquela! É uma luta na verdade contra a mentira da história contra a estória, do bem contra o mal”**, a qual traz elementos para entendemos outro aspecto da ideologia neofascista: a defesa de um passado mítico e suas reverberações na cotidianidade do 3º ano do Ensino Médio.

De maneira semelhante àquela frase que Bolsonaro afirma a necessidade de livrar o Brasil do Socialismo, os participantes da nossa pesquisa não tinham amplo conhecimento sócio histórico sobre o que foi a Ditadura Militar no Brasil. Novamente perguntaram o que foi esse acontecimento histórico. A pesquisadora mediadora para evitar constrangimentos redirecionou o debate trazendo mais elementos sobre essa fala de Bolsonaro.

Devido à ausência de amplo conhecimento sobre a Ditadura Militar, durante a maior parte do tempo fizeram relação com a força militar e sua importância para a segurança nacional. Prudêncio, Bocarral e Coringa afirmaram que sem a força militar o Brasil já teria sido invadido. Do mesmo modo revela Coringa (2023, s,p): “se não fosse o governo militar, as guerras, os armamentos, essas coisas [...] acho que já tinham era invadido o Brasil”.

Lisa (2023, s.p) enfatiza que se Bolsonaro tivesse o controle sobre as forças armadas

¹⁸ Define os crimes resultantes de raça ou de cor.

não usaria de forma correta “porque ele é doido, tacaria bomba nos países na hora que se zangar”. Além disso, destaca que a Ditadura Militar não foi algo bom. Nesse ponto, Bocarral e Prudêncio reafirmam que são contra a Ditadura Militar, pois nela houve muita opressão.

Asap (2023, s.p) se posiciona contra a Ditadura Militar, mas concorda “com a força militar, porque eu acho que seria muito melhor o Brasil. O Brasil tem muito essas coisas de furto [...] mortes, acho que isso serviria muito bem”. Nesse momento, Lisa, Bocarral e Prudêncio advertem que na atualidade a ditadura militar no Brasil não seria apenas para alguns, mas para todos.

Sininho (2023, s.p) assegura que é contra a Ditadura Militar, mas entende que “sem o governo militar seria totalmente diferente e, realmente acredito que não seria nada o Brasil, porque a gente precisa de segurança [...] de ter coisas possíveis, caso algo de ruim aconteça no Brasil”. Enquanto Ariel afirma que concorda com o governo militar. Mas com a ditadura, não.

Pelo apresentado, Asap, Coringa, Ariel e Bocarral apresentam um conhecimento da mera aparência do que é um governo militar na medida que afirmam que a força militar garante meramente a segurança nacional. Já Lisa, Bocarral e Prudêncio conseguem ir para além da aparência quando reconhecem a importância da força militar para a segurança das fronteiras de uma nação, mas entendem que no Brasil sob controle do Bolsonaro seria usada para instalar uma ditadura e possivelmente provocar guerras contra outros países.

Nesse contexto, a fala de Asap nos traz um elemento que nos ajuda a compreender a defesa de muitos brasileiros da instalação de um governo militar no Brasil. Assim como esse partícipe de nossa pesquisa, milhões de pessoas pelo Brasil à fora acreditam que governos militares diminuiriam a criminalidade e resolveriam muitos problemas do nosso país, desde a corrupção à segurança pública.

No entanto, o exército e demais forças policiais brasileiras durante o governo Bolsonaro mostraram para o mundo seu falso moralismo e que são muito mais corruptas do que quem acusam ser. O que foi o famoso caso do desvio das joias ¹⁹e outros presentes de alto valor, recebidas por chefes de nações estrangeiras, senão corrupção e uso da função pública em

¹⁹ Joias preciosas avaliadas em 16,5 milhões foram dadas em 2021 pelo governo de Mohammed bin Salman da Arábia Saudita à Michele Bolsonaro quando ainda era primeira-dama, mas não foram comunicadas à Receita Federal e nem registradas como Patrimônio da União como manda a legislação que determina que itens como medalhas, perfumes, bebidas e camisas são presentes pessoais, já joias e outros objetos de uso dados a chefes de governo são patrimônios da União. Além das joias dadas à Michele outro conjunto de joias chegaram a Bolsonaro sem registro nos órgãos oficiais como revela a reportagem da BBC News disponível em: [\(725\) O que está sendo investigado pela PF no caso das joias sauditas - YouTube](#).

benefício pessoal.

Soma-se a isso a tentativa de obstrução das eleições no dia 30 de outubro de 2022, a invasão da casa dos três poderes no dia 08 de janeiro de 2023, o uso da Agência Brasileira de Inteligência (ABIN) para monitorar políticos, policiais, jornalistas e juízes, dentre inúmeras irregularidades realizadas por integrantes das forças de segurança pública brasileira.

Conforme um dossiê feito pelo Sindicato Nacional dos docentes do Ensino Superior (ANDES), publicado em 2021, cerca de 100% das funções públicas foram ocupadas por militares, revelando assim o porquê do anseio dos militares brasileiros em assumir o controle total do estado. A esse respeito podemos inferir que a intenção não era acabar com os problemas sociais como criminalidade, corrupção e pobreza do nosso país, uma vez que ao longo do governo não foram elaboradas nenhuma política pública visando essa finalidade, mas o que houve foi a ampliação do sucateamento das instituições públicas por meio do desvio de recursos destinados a elas, escândalos que muitas vezes contou com a participação direta de militares e integrantes do governo.

Podemos citar além do já citado caso das joias e uso indevido da ABIN, o desvio de verba do Fundo de Desenvolvimento da Educação (FNDE) liderado por Milton Ribeiro e Bolsonaro, que contava com a participação de pastores evangélicos e prefeitos²⁰.

Posto isso, quando perguntado aos nossos integrantes da pesquisa se estavam cursando a disciplina de história revelaram que tinham apenas uma aula por semana e que a professora responsável faltava muito. Quando perguntamos qual era a didática utilizada nas aulas nos contaram que a professora apenas pedia que copiassem atividades do quadro e do livro.

Nesse panorama, ratificamos que tanto a reforma do ensino médio, quanto o Projeto de Lei da Escola Sem Partido estão alinhados com o avanço do neofascismo. A primeira na medida que diminui a carga horária de uma disciplina essencial para a compreensão de contextos históricos fundamentais para o entendimento do presente. O segundo quando reforça o ideal do docente apático e indiferente ao contexto sociopolítico. Estudantes do 3º ano do Ensino Médio sem o mínimo de conhecimentos sobre acontecimentos históricos revela o descaso da apropriação do saber científico na educação pública, mas também a indiferença dos professores em relação à realidade ou até mesmo enraizamento do neofascismo na própria formação de professores, um assunto que exige posteriores estudos.

²⁰ O escândalo do MEC envolvendo o ex-ministro da educação foi um dos maiores casos de corrupção ocorridos durante o governo de Bolsonaro como revela uma reportagem do jornal ISTOÉO bolsolão do MEC virou o maior escândalo de corrupção do governo Bolsonaro - ISTOÉ Independente (istoe.com.br)

Terminada a sessão do grupo focal sobre as reverberações de aspectos da ideologia neofascista como o anticomunismo, defesa de um passado mítico, propaganda, distorção dos fatos e conservadorismo e idolatria ao nazismo na cotidianidade de alunos do Ensino Médio, apresentaremos a seguir as reverberações da vitimização, considerada por Stanley (2018) como outra característica do fascismo. Para Stanley (2018), através da vitimização fascistas, atacam grupos marginalizados ao longo dos séculos como mulheres, negros, indígenas, LGBTQIA+ etc.

Para compreendermos essa questão, no dia 07 de julho trabalhamos as falas mais marcantes proferidas por Jair Messias Bolsonaro ao longo da sua carreira política, a saber: “jamais iria estuprar você, porque você não merece”; “a educação é técnica; a universidade é para poucos; “direitos humanos é para bandidos”; “as leis no meu entender existem para proteger a maioria, as minorias têm que se adequar” e; “Eu fui em um quilombo [...] o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Acho que nem para procriadores servem mais. Mais de 1 bilhão de reais por ano gastado com eles”.

A primeira frase sorteada no baralho nesse terceiro dia de pesquisa de campo foi **“Jamais iria estuprar você, porque você não merece”**.²¹ Com exceção de Sininho que não pôde participar desse encontro, todos os demais estudantes se posicionam que nenhuma mulher merece ser estuprada.

Nesse contexto, para Coringa, Bolsonaro estava “desmerecendo a mulher”. Prudêncio entende que a frase tem duplo sentido: “[...] É por que ela não tinha uma face estrutural, tipo assim: de pessoa atraente ou porque ela não merece [...] é uma pessoa do bem que não merece passar por isso”.

Asap afirma que se Bolsonaro tivesse usado outra palavra “teria concordado com o fato dela ter [...] acho que ela conseguiu provocar ele por ela ser uma mulher [...] os direitos é mais pelas mulheres”, e conclui que não concorda com a frase. Já Lisa e Ariel condenaram com essa fala de Bolsonaro. Mas ambas se sentiram desconfortáveis durante esse debate, acreditamos que por serem mulheres.

Assim, Bocarral, Lisa, Ariel e Coringa de imediato veem que Bolsonaro através dessa frase fez ataques não somente à deputada Maria do Rosário (PT-RS), mas também a todas as mulheres ao sugerir que perfil de mulher deve ou não ser estuprada. Veemente afirmam que mulher nenhuma deve ser estuprada.

²¹ Essa fala foi dita por Bolsonaro quando ele ainda era deputado como mostra a reportagem do jornal ISTOÉ disponível em: [“Não estupro porque você não merece”, diz Bolsonaro a Maria do Rosário \(youtube.com\)](https://www.istoé.com.br/noticias/nacional/2018/07/07/nao-estupro-porque-voc%C3%AAo-n%C3%A3o-merece-diz-bolsonaro-a-maria-do-rosario-youtube-com/).

Asap e Prudêncio nos levam a pensar que na sociedade brasileira ainda é questionável se deve estuprar uma mulher ou não. Quando isso acontece a culpa é dela. Essa forma de pensar, infelizmente, está presente no cotidiano de milhões de pessoas. Sabe-se que a luta pelos direitos da mulher é histórica, mas a conquista da liberdade em ser, falar e andar como quiser sem ser culpabilizada e injuriada ainda é pauta nas lutas recentes, ainda não plenamente efetivada. As respostas desses dois estudantes nos faz entender que é preciso avançarmos muito nesse debate, com urgência.

De acordo com a edição de 2023 do Anuário Brasileiro de Segurança Pública no ano de 2022, o Brasil teve o maior número de registros de estupro e estupro de vulnerável dos últimos anos: 74.930 vítimas. Em comparação ao ano de 2021 as taxas cresceram 8,2% e chegou a 36,9 casos para cada grupo de 100 mil habitantes. Esses números correspondem aos casos notificados às autoridades policiais, o que significa que representam apenas uma fração da violência sexual sofrida por mulheres e homens, meninos e meninas de todas as faixas etárias.

Destacado essa pesquisa, o advento do neofascismo bolsonarista trouxe à tona uma maneira de pensar sobre a mulher que por vezes havíamos acreditado que tínhamos superado. Afinal, um representante político que apresenta a figura feminina de maneira pejorativa e coloca o estupro como questão de merecimento, só mostra que a construção histórica da mulher submissa ao homem e objeto de uso está mais que viva entre nós.

Vivemos em uma sociedade patriarcal com leis elaboradas e votadas de forma majoritária por homens, orientadas por costumes e tradições ditadas por religiões cujos deuses em sua maioria são homens. Não é por acaso que quando a figura da mulher é deturpada e vilipendiada por chefes de governo e ditos representantes do povo, tem de imediato milhões de adeptos.

Feita essa breve consideração, quando passamos a discutir a frase **“Direitos humanos é para bandidos”** ASAP, Ariel e Coringa revelaram acreditar que os direitos humanos favorecem mais quem transgride a legalidade do que os cidadãos comuns. Já para Bocarral o direito humano privilegia quem tem maior poder aquisitivo.

Prudêncio indaga: “direitos humanos é para bandido, mas direitos para o bem ou para o mal? Porque tem direitos humanos que ajuda no alimento básico, é. [...] na alimentação, saúde. Enquanto lisa não soube opinar porque, segundo ela, nunca ter visto aquela frase.

Nossos participantes da pesquisa, portanto, nos revelam que os direitos humanos são importantes porque garantem alimento e saúde a quem não tem condição custear. Todavia, também acreditam que beneficiam quem transgride a lei e quem tem poder político e econômico. Uma interpretação que a partir das lentes marxistas demonstram a vista para além

da aparência do fenômeno, na medida em que suas próprias cotidianidades demonstram que caso um dia venham a transgredir as leis burguesas, possivelmente não serão julgados com a mesma mão branda como alguns poucos, os filhos da burguesia.

É imprescindível destacar que quando tratamos da legalidade, entendemos a partir de Gramsci (2004) que esta tem dupla face: a substancial, a interna, e a formal, externa. A primeira se constitui quando uma medida se torna uma ofensiva contra a propriedade privada e aos lucros que dela se originam, esta é imediatamente jogada no campo da ilegalidade. Foi o que aconteceu com o direito do voto e das organizações políticas da classe trabalhadora durante o fascismo na Itália.

A segunda é o pilar da ideologia liberal-democrática e reduz-se ao exercício do voto, uma conquista que leva muitos a acreditarem, inclusive alguns marxistas, ser o caminho ideal para o alcance do progresso social da humanidade e a emancipação da classe operária. Confundindo assim essas duas faces da legalidade burguesa que em contextos de crises demonstra ser uma só, que existe somente enquanto conserva os interesses da classe patronal (Gramsci, 2004).

Dito isso, destacamos que a Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada pela resolução da Assembleia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948, em seu artigo primeiro afirma que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. Mas sabemos que na sociabilidade do capital é uma ingenuidade defender isso como uma verdade. É impossível ter iguais em direitos e dignidade em uma sociedade desigual.

Nossos participantes da pesquisa já desconfiavam disso, pois suas próprias cotidianidades demonstram que a garantia do direito humano varia muito conforme a classe social em que cada pessoa se encontra. No entanto, não negam a relevância da luta pelos direitos humanos visto que se refere à garantia de direitos básicos.

Frisamos aqui que não fazemos um ataque à Declaração Universal dos Direitos Humanos, mas que reconhecemos seus limites e contradições na sociabilidade do capital dividida em classes: proletariado que vende sua força de trabalho e capitalistas que detém os meios de produção e compra como mercadoria a forma de sobrevivência dos primeiros.

Concernente à frase **“as leis no meu entender existem para proteger a maioria, as minoria tem que se adequar”** Lisa, Asap, Prudêncio e Bocarral entendem que as leis devem existir para todos. Nesse ponto, destacamos a fala de Bocarral : “acho que deveria ser pra todo mundo, independente de gênero, cor, raça, tradição, até porque todo mundo vive no Brasil, todo mundo vive pela mesma constituição, [...] seria mais certo seguir as leis, independente de

minoria ou maioria”.

Para esses quatro estudantes, portanto, as leis existem para todos independentemente de gênero, cor ou etnia. Todavia, frisamos que quando discutida a frase “bandido bom é bandido morto” esses estudantes vão para além da aparência e percebem que as leis no Brasil favorecem quem tem maior poder socioeconômico. Mas, quando Bolsonaro faz esse ataque diretamente aos grupos historicamente marginalizados, chamados de minorias, esses mesmos estudantes não percebem a real intenção do ex-presidente, ficando assim na mera aparência do fenômeno.

Em contrapartida, Coringa afirma que “o direito tem que ser pra todos, independente do que a pessoa for ou quiser ser. Acho aqui que ele se referiu mais a parte dos ricos – a maioria, e a minoria com os pobres”. Diferentemente daqueles quatro alunos, Coringa ultrapassa a aparência e enxerga o público a quem Bolsonaro se referia, ainda não explicita quem compõem o grupo considerado como minorias, que sabemos que é maioria.

Ariel não quis se posicionar sobre a frase em debate. Assim justificou esse seu silêncio dizendo “acho que ela não tem muito o que falar, porque a religião dela é ...”. Deixando assim subtendido que a religião de sua colega tem um posicionamento a respeito. Para não constranger nossa participante preservamos seu direito de silêncio.

É válido dizer que Ariel afirmou no questionário socioeconômico ser adepta da religião evangélica, principal base de apoio do conservadorismo cristão de Bolsonaro que em nome de Deus e da família patriarcal prega a cura gay, a submissão da mulher ao homem e a extinção de todos os direitos desses grupos conquistados via legalidade burguesa.

Contornado esse suspense, partimos para a próxima frase “**A educação é técnica, a universidade é para poucos**” dita pelo ex-ministro da educação, Milton Ribeiro.²² O primeiro estudante a se posicionar, Prundêncio afirma que pela lógica a universidade é para poucos porque existe bastante dificuldade de quem tem pouco poder socioeconômico em frequentá-las, “então o que ele disse foi [...] pessoas que lutam, que batalham a educação é técnica [...] eles enfrentam muitas dificuldades para poder chegar na faculdade e o rico com dinheiro e poder consegue mais fácil entrar na universidade.”

Bocarral acrescenta que “a universidade é para poucos porque quem tem menos condição [...] poder e dinheiro se torna uma coisa mais difícil por ter que passar no ENEM, não é como quem tem dinheiro que pode pagar a universidade e tudo”.

²² Fala dita por Milton Ribeiro no dia 09 de agosto de 2021 em uma entrevista dada ao programa Sem Censura da TV Brasil, na qual o ex-ministro da educação defende a criação de mais Institutos Federais para a formação de mão de obra imediata para os filhos da classe trabalhadora, disponível em: [Ministro da Educação, Milton Ribeiro, é o convidado do Sem Censura \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...).

Assim, ambos concordam que Milton Ribeiro não falou com mal intenção e nem para ofender alguém, mas apenas expressava um ponto de vista de que deve oferecer educação técnica para quem não tem como se manter em uma universidade.

Lisa afirma que “a universidade é para poucos mesmo”, sobretudo para pessoas de baixa renda que têm dificuldade de pagar faculdades particulares que cobram mensalidades muito caras. E acrescenta que enquanto ministro da educação Milton Ribeiro deveria criar mais oportunidades para quem tem dificuldade de acesso.

Asap entende que não está fácil ter acesso à Universidade tanto para ricos, quanto para pobres, mas para estes está mais difícil. Demonstrando assim, ainda que aparentemente, saber que estamos em um contexto de profunda crise, esta que produz conforme Meszáros (2011) desempregados de colarinho branco, pois não é suficiente ter alta qualificação para garantir empregabilidade. Uma das razões que acreditamos ter levado a classe média e burguesia brasileira a apoiarem o neofascismo bolsonarista.

Nessa direção, Ariel também afirma que quem tem dinheiro para pagar faculdade tem mais facilidade de frequentá-las do que quem não tem. Coringa acrescenta a dificuldade dos estudantes pobres em permanecer no Ensino Superior “quando passa [...] as vezes tem que pagar ônibus, essas coisas pra ir pra faculdade. As vezes tem alguém que não tem um lugar que more perto, [...] tem que ficar indo todo dia [...] para os ricos não [...] é mais fácil”.

Desse maneira, para todos os nossos participantes, dos quais dois afirmaram ter renda familiar menor que um salário mínimo e cinco, menor que dois salários, o ex-ministro da Educação não disse aquilo como uma forma de ataque a alguns grupos, mas com base na realidade brasileira, na qual estudantes das classes subalternas têm dificuldades em frequentar o ensino superior, ao contrário dos filhos da burguesia que possuem dinheiro e tempo livre para os estudos.

Lembremos que durante o governo de Bolsonaro houve progressivamente quedas nos números de inscrição de estudantes no ENEM. Somente em 2022 teve uma diminuição de 77,4% em relação ao ano anterior, o que significa 2,8 milhões de inscritos a menos. Isso ocorreu tanto devido à pandemia, quanto ao veto de Milton Ribeiro à gratuidade para a realização da prova para estudantes faltosos em 2021 (Cartacapital, 2021). O que o ex-ministro da educação nomeou como uma correção ou disciplina a esses alunos, revelando seu viés autoritário e anti classe trabalhadora, um verdadeiro representante da elite conservadora brasileira.

Gramsci (2021, p. 54-7) afirma em um texto intitulado Homens ou Máquinas, escrito em 1916, que a escola média e superior, mantidas pelos recursos do tesouro nacional, só podiam ser frequentadas pelos filhos da burguesia que possuíam condições econômicas ideais para a

“tranquilidade dos estudos”. Enquanto os filhos do proletariado eram obrigados a se tornarem “com as devidas exceções, um meio homem”, isto é, sem a formação ampla que um indivíduo precisa ter para que não sejam apenas “operários-máquinas, em vez de operários-homens”.

Para o filósofo italiano, o proletariado é excluído das escolas de cultura média e superior devido às próprias condições da sociedade capitalista que determina a especialização entre os seres humanos, cabendo àqueles a ingressarem nas escolas técnicas e profissionalizantes. Em alguns contextos até mesmo esse tipo de escola são um privilégio, na medida que são cobradas altas taxas de matrículas. O que aconteceu com as escolas técnicas instituídas pelo ministro Casati, como revela Gramsci (2021).

Ademais, Gramsci ao longo das suas obras, sobretudo no caderno 12, enfatiza que cada classe possui seus intelectuais orgânicos. Na sociedade capitalista essa formação em larga medida é determinada pela classe que detém o poder hegemônico ideológico e de produção. O que justifica a dualidade da educação institucional: uma que forma os filhos da burguesia para cargos de direção e outra, quando oferecida, para os filhos da classe trabalhadora para manutenção de sua condição de subalternidade.

As falas dos nossos participantes da pesquisa que revelam que consentem com a afirmativa de Milton Ribeiro que a universidade é para alguns poucos e a educação profissionalizante deve ser procurada pela maioria da população, composta pela classe trabalhadora, e que o ex-ministro apenas dizia “a verdade” demonstra que esses alunos já internalizaram os valores que regem o modelo da sociabilidade vigente. Assim, o que vivem em suas cotidianidades, de ausência de condições ideais para ingressarem em uma universidade está presente em suas compreensões de mundo.

Além disso, quando dizem que quem tem maior renda socioeconômica consegue pagar uma faculdade, a partir de Mészáros (2016) entendemos que está inculcada nas suas cotidianidades que a educação também pode ser comprada. No entanto, Lisa afirma que o ministro ao fazer aquelas afirmações deveria criar mais oportunidades para o ingresso nas universidades para quem não tem condições de frequentá-las. Isso nos faz entender que essa participante consegue ver para além da aparência fenomênica do objeto e imaginar uma solução para o problema, mesmo que dentro dos limites da sociabilidade do capital.

Nesse ponto, mesmo com todas as suas contradições e limitações destacamos que a Lei de Cotas (Lei nº 12.711/2012) tem sido uma grande oportunidade para que jovens negros e filhos das classes subalternas tenham a oportunidade de ingressar em universidades públicas. Medida que foi durante o governo de Jair Bolsonaro constantemente ameaçada de extinção.

Por fim, ressaltamos que a compreensão de que deve ser oferecida uma educação técnica

para a classe trabalhadora já está presente nas cotidianidades de nossos participantes da pesquisa. O ex-ministro da educação cumpria seu papel de chefe reacionário, afinal menos estudantes com formação ampla e crítica, mais propício para a manutenção de seu projeto de poder.

Referente a frase **“Eu fui ao quilombo, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas, não fazem nada, eu acho que nem para procriadores sevem mais. Mais de um (1) milhão de reais por ano é gastado com eles”**, nossos participantes da pesquisa como Asap, Prudêncio e Ariel ficaram questionando para o que era utilizado esse dinheiro, logo deveria ser explicado. Para Lisa e Bocarral esse investimento é feito para a garantia de direitos básicos dos povos quilombolas como alimentação e saúde.

Quando perguntado aos estudantes se percebem racismo por trás dessa fala de Bolsonaro, Lisa, Bocarral e Coringa afirmam que sim, por ser agressiva. Já para Ariel e Asap, não. Prudêncio não quis responder.

Muitos intelectuais da literatura como Bolinaga (2007) e Konder (2009) não consideram o racismo como um elemento do fascismo clássico, mas o antissemitismo. No Brasil, um país colonizado por supremacistas brancos europeus por mais de 300 anos é inegável que o racismo é estrutural no nosso país. O neofascismo bolsonarista deu aval para que milhões de brasileiros expressassem seu ódio à pessoas pretas sem nenhum temor ou constrangimento.

Em síntese, a ideologia neofascista tem reverberado de inúmeras maneiras na cotidianidade de estudantes do Ensino Médio. Alguns estudantes têm uma compreensão que ultrapassam a aparência desse fenômeno. Outros apenas reproduzem os discursos que impulsionam o avanço de movimentos reacionários no nosso país.

Assim, tanto elementos objetivos como a negação dos fatos, a perseguição de organizações e partidos dissidentes, o racismo, a destruição do meio ambiente em prol da produção de mais valor etc. tem reverberado na cotidianidade de estudantes do 3º ano do Ensino Médio. Isso tem influenciado na construção de suas subjetividades, que por sinal, devido às próprias marcas sócio-históricas possuem resquícios da ideologia reacionária neofascista. Demonstrando assim, que a cotidianidade é ponto de partida e de chegada de toda ideologia.

Por fim, esperamos que este trabalho contribua para a compreensão do avanço da extrema-direita neofascista no Brasil e no mundo para além de uma disputa apenas no campo da economia, mas também como a busca da afirmação de valores de uma sociedade patriarcal que rejeita até mesmo as ideias da democracia burguesa. Diferentemente do contexto de entre guerras, o atual cenário apresenta-se desafiador na medida em que a classe trabalhadora encontra-se desagregada e é obrigada a aderir às pautas liberais que lhe oferecem botes salva-

vidas, temporários e ao mesmo tempo mortíferos.

7. CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

Em síntese, ao longo deste trabalho buscamos apresentar algumas reverberações do neofascismo na cotidianidade de estudantes do Ensino Médio, tais como o anticomunismo, defesa de um passado mítico, propaganda, distorção dos fatos, conservadorismo e idolatria ao nazismo e vitimização. A partir das lentes marxistas, em especial dos filósofos Karl Marx, Georg Lukács e Antonio Gramsci demonstramos que a vida cotidiana desses estudantes é perpassada por uma série de ideologias dissidentes.

No primeiro capítulo foi possível demonstrar o que foi fascismo clássico e suas relações com o neofascismo brasileiro. Vimos que o fascismo de entreguerras não foi um movimento especificamente italiano, mas uma reação de todo o sistema capitalista para barrar a revolução da classe trabalhadora que naquele contexto tinha como horizonte a Revolução Russa de 1917. Bem como o fascismo da década de 20 o neofascismo no Brasil não é um movimento isolado, pois se apresentou, e ainda persiste, de maneira mais evidente durante o governo de Bolsonaro, mas também tem surgido entre grupos de extrema-direita em diversos países da Europa e da América.

Consideramos o governo de Bolsonaro (2019-2022) como neofascista pelo fato de trazer à tona muitos elementos do fascismo liderado por Mussolini, quanto do Nazismo de Hitler. A disseminação de ódio a organizações da classe trabalhadora e grupos da oposição, a existência de organizações paramilitares, o anticomunismo e a propaganda mentirosa são alguns dos elementos que configuravam o fascismo do século passado e que ressurgiram no século XXI. Todavia, o uso da internet para veiculação de *Fake News* tem sido um elemento inovador do neofascismo do nosso século.

Confessamos que apesar de amplos estudos ainda não é fácil definir o que foi o fascismo, com o neofascismo não é diferente. É pertinente a dúvida por que alguns governos autoritários são denominados fascistas e outros não. E nesse sentido que Leandro Konder em sua obra “Introdução ao Fascismo” nos alerta que a literatura fascista é uma imensa Selva de Papel cheia de contradições e disputas ideológicas, filosóficas e políticas. O que requer muito cuidado na análise de cada contexto histórico onde ressurge elementos que configuraram o fascismo do século XX.

Tendo como alicerce a teoria marxista entendemos que tanto o fascismo, quanto o neofascismo são uma reação da grande burguesia para manter seu *status quo*, o que significa que não se restringe a um mero partido de esquerda ou direita, mas possui uma ideologia mista.

Como vimos em tempos de crise liberais, conservadores e até mesmo membros de partidos de esquerda se unem em busca de interesses comuns. Isso aconteceu na Itália e Alemanha. No Brasil (2022-2024) não ocorreu de maneira oposta.

Nessa direção, Antonio Gramsci nos inspira a construir uma nova hegemonia sob o domínio da classe trabalhadora adversa ao fascismo e qualquer outra forma de totalitarismo. Um ideal que será possível não unicamente por meio da educação, mas em conjunto com outras frentes de lutas como movimentos sociais e sindicatos. Somente assim formaremos o exército proletário.

Já no segundo capítulo, demonstramos que organizações como *think tanks* como Instituto Von Mises Brasil, Instituto Liberal e Instituto Millenium têm disseminado a ideologia reacionária neofascista em diversos espaços sociais, dentre os quais a educação institucional escolar.

Ademais, O Banco Mundial através de suas orientações educacionais para países que o Fundo Monetário Internacional financia tem apresentado estreita relação com o neofascismo na medida que apresenta dados fraudulentos sobre as universidades e escolas públicas e de docentes dessas instituições, demonstrando seu alinhamento com o Projeto da Escola sem Partido. Em contrapartida, defende o setor privado como o grande solucionador dos problemas da educação brasileira.

Sabe-se que as universidades e escolas públicas ainda são um dos principais espaços de formação da classe trabalhadora e luta antifascista. A reforma do Ensino Médio, a Base Nacional Comum Curricular nada mais são do que diretrizes que representam interesses de grupos liberais e conservadores que buscam ampliar o controle ideológico na medida que já têm o econômico.

Ainda nesse capítulo demonstramos que muitos dos supracitados *think tanks* como *Instituto Millenium*, constituído por grupos liberais e neoconservadores têm participado do debate sobre a educação do nosso país através da elaboração de fóruns, congressos e *papers*, mas muitas vezes não deixam seus nomes registrados, o que dificulta pesquisadores a dizer exatamente como e onde esses grupos atuam na educação brasileira. Ademais, se apresentam como representantes da sociedade civil, anti-ideológicos e apartidários.

No entanto, foi possível identificar que o *Instituto Millenium* tem participado assiduamente do debate sobre a educação pública do Brasil através da divulgação dos seus *papers* na internet que tratam de diferentes assuntos que envolvem a educação, inclusive a defesa da educação domiciliar, da escola sem partido e transferência dos recursos da educação pública para o setor privado.

Pelo visto, liberais e conservadores andam lado a lado quando o alvo é a manutenção do sistema vigente e a garantia cada vez mais crescente do enriquecimento de uma minoria às custas do sufocamento de uma maioria empobrecida.

No último capítulo abordamos as reverberações de tudo isso na cotidianidade de estudantes do Ensino Médio. Foi possível identificar que na cotidianidade caótica há uma correlação de forças como denomina Gramsci, na qual membros da classe trabalhadora tendem a aderir tanto pautas revolucionárias, como também ser cooptados por grupos reacionários anti-proletariado.

Através da pesquisa de campo realizada por meio do grupo focal os estudantes que participaram da nossa pesquisa demonstraram ora se aproximar da essência do real, ora da mera aparência. Afinal, estudantes de uma escola pública que não têm acesso aos conhecimentos historicamente construídos pela humanidade, necessários para a análise ampla da realidade, é dificilmente se aproximarão da totalidade do real.

Por fim, das pesquisas até então realizadas percebemos que muitas tratam o neofascismo brasileiro à luz da conservação da democracia liberal, sem levar em conta que esta como já considerava Antonio Gramsci é determinada pela legalidade burguesa, sendo assim oscila conforme os interesses daqueles visam manter seus *status quo*.

Apontamos que falta muito a ser estudando sobre as reverberações do neofascismo na cotidianidade de estudantes do Ensino Médio. Nosso trabalho se demonstra inovador no âmbito acadêmico.

Para concluir, esperamos que esta pesquisa possa contribuir para a compreensão do neofascismo tendo como horizonte a luta revolucionária, sobretudo que possa somar na defesa da resistência da classe trabalhadora contra o fascismo que de tempos em tempos apresenta-se como uma nova máscara.

8. REFERÊNCIAS

AMARAL, Nelson Cardoso. **Uma análise do documento “Um Ajuste Justo: análise da eficiência e equidade do gasto público no Brasil”**. Goiás: UFG, 2017.

ATWOOD, Margaret. **O conto da Aia**. Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.
BOLINAGA, Iñigo. **Breve Historia del Fascismo**. Madri: Nowtilus, 2007.

ANDES. **Dossiê: militarização do governo bolsonaro e intervenção nas instituições federais de ensino**. Disponível em: [ANDES-SN Cartilha Militarização - PREVIEW.indd](#). Acesso em: 23 de Nov. de 2023.

ANUÁRIO BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA /FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. São Paulo: FBSP, 2023. Disponível em: [anuario-2023.pdf \(forumseguranca.org.br\)](#). Acesso em: 28 de Nov. de 2023.

ANDRADE, Ana Olívia Costa de. **Sentidos de respeito e honestidade em tempos de bolsonarismo: uma pesquisa com jovens numa escola pública paraibana**. Disponível: [Repositório Institucional da UFPB: Sentidos de respeito e honestidade em tempos de bolsonarismo: uma pesquisa com jovens numa escola pública paraibana](#). Acesso em: 18 de Jan. de 2023.

BUENO, Bárbara Ferreira. **Escolas públicas militarizadas: uma análise na perspectiva dos direitos humanos**. Disponível em: [Escolas públicas militarizadas: uma análise na perspectiva dos direitos humanos \(ufg.br\)](#). Acesso em: 18 de Jan. de 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Presidência da República. **Lei Nº 7.716, de 5 de Janeiro de 1989**. Disponível em: [L7716 \(planalto.gov.br\)](#). Acesso em: 20 de Nov. de 2023.

BRANDÃO, Raquel Araújo Monteiro. **Escola sem partido e o ataque à liberdade de ensino: a expressão do pensamento reacionário da extrema direita na educação**. Disponível em: [Repositório Institucional UFC: Escola sem partido e o ataque à liberdade de ensino: a expressão do pensamento reacionário da extrema direita na educação](#). Acesso em: 18 de Jan. de 2023.

BANCO MUNDIAL. **Gastar mais e melhor: eficiência e equidade na educação brasileira**. In: BANCO MUNDIAL. **Um ajuste justo – análise da eficiência e equidade do gasto público no Brasil**. Volume I. Novembro de 2017, p. 121-138. Disponível em: <http://documents.worldbank.org/curated/en/884871511196609355/pdf/121480-REVISED-PORTUGUESE-Brazil-Public-Expenditure-Review-Overview-Portuguese-Final-revised.pdf>. Acesso em 12 fev. 2019.

BRASIL, Ministério de Educação e Cultura. Lei nº 13. 415, de 16 de fevereiro de 2017. Altera as Leis nº 9. 394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educacional nacional, e 11. 994, de 20 de junho de 2017, que regulamenta o Fundo de Manuntenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da

Educação, a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, aprovada pelo Decreto-Lei nº 5. 452, de 1º de maio de 1943, e o Decreto-Lei nº 236, de 28 de fevereiro de 1967; revoga a Lei nº 11. 161, de 5 de agosto de 2005; e institui a Política de Formento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/lei/113415.htm. Acesso em: 27 jun. 2023.

BOITO, Armando, Junior. Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo. **Crítica Marxista**, n.50, p.111-119, 2020. Disponível em:

https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie2020_05_26_14_12_19.pdf. Acesso em: 25 de Set. de 2021.

BOLINAGA, Iñigo. **Breve História del Fascismo**. Madrid: Nowtilus, 2007.

BARANOWSKI, Shelley. **Império e o colonialismo alemão de Bismarck a Hitler**.

Tradução de Fernanda Brito Bincoletto. São Paulo: EDIPRO, 2024.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Disponível em:

<https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

CATUCI, Norberto Niclotti. **Embates discursivos entre o Governo Federal, a BNCC e os marcos legais da educação nacional: uma abordagem dialógica**. Disponível em: Repositório PUCRS: Embates discursivos entre o Governo Federal, a BNCC e os marcos legais da educação nacional: uma abordagem dialógica. Acesso em: 18 de Jan. de 2023.

CARVALHO, Edmilson. **A produção dialética do conhecimento**. Maceió: Coletivo Veredas, 2017. p. 19-112.

CAVALCANTE, Sávio. Classe média e ameaça neofascista no Brasil de Bolsonaro. **Crítica Marxista**, n.50, p.121-130, 2020. Disponível em:

https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie2020_05_26_14_14_34.pdf. Acesso em: 26 de Set. de 2020.

CASEMIRO, Flávio, Henrique. Calheiros. **A Tragédia e a Farsa: a ascensão das deusas no Brasil contemporâneo**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, Fundação Rosa Luxemburgo, 2020.

CARTACAPITAL. ‘Polícia brasileira é uma das que mais matam no mundo’, diz imprensa internacional após operação em favela do Rio.

Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/policia-brasileira-e-uma-das-que-mais-matam-no-mundo-diz-imprensa-internacional-apos-operacao-em-favela-do-rio/>. Acesso em: 16 de Nov. de 2023.

CARTACAPITAL. Enem tem queda de 77% de inscrições de estudantes pobres. Disponível em: Enem tem queda de 77% de inscrições de estudantes pobres – Educação – CartaCapital. Acesso em 27 de Nov. de 2023.

COSTA, Reginaldo. **O manifesto à nação: o projeto neofascista da Frente Parlamentar Evangélica para o Brasil**. In: (NEO)FASCISMOS E EDUCAÇÃO: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil. Rio de Janeiro: mórula editorial, 2020.

CORONAVÍRUS PIAUÍ. Disponível em: [Coronavírus - Governo do Piauí \(coronavirus.pi.gov.br\)](http://coronavirus.pi.gov.br). Acesso em: 18 de Nov. de 2023.

CORONAVÍRUS BRASIL. Disponível em: [Coronavírus Brasil \(saude.gov.br\)](http://saude.gov.br). Acesso em: 18 de Nov. de 2023.

CURY, Carlos Roberto Jamil; REIS, Magali; ZANARDI, Teodoro Adriano Costa. **Base Nacional Comum Curricular: dilemas e perspectivas**. São Paulo: Cortez, 2018.

DORIA, Pedro. **Fascismo à brasileira** – como o integralismo, maior movimento de extrema-direita da história do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo. São Paulo: Planeta, 2020.

DPL- Docentes pela Liberdade. Disponível em: [DPL - Docentes Pela Liberdade - EverybodyWiki Bios & Wiki](https://everybodywiki.com/wiki/DPL_-_Docentes_Pela_Liberdade_-_EverybodyWiki_Bios_%26_Wiki). Acesso em: 03 de Jan. de 2023.

DUGGAN, Christopher. **Giolitti, a primeira Guerra Mundial e a ascensão do fascismo**. In: História concisa da Itália. São Paulo: Edipro, 2016.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**: em conexão com as pesquisas de Lewis. São Paulo: Boitempo, 2019.

EBERLE, Henrik. **Cartas para Hitler**. Tradução Cláudia Abeling e Renata Dias Mundt. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

ELE ESTÁ DE VOLTA. Direção de David Wnendt. Alemanha: Constantin Film, 2016. 1 DVD (116 min.).

FERREIRA, N. S. de A. **As pesquisas denominadas "estado da arte"**. Educação & Sociedade. Campinas: 2002, v. 23, n. 79, p. 257-272. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002000300013>. Acesso em: 15 out. 2022.

FRESU, Gianni. **Nas Trincheiras do Ocidente: Lições sobre fascismo e antifascismo**. PontaGrosa: Ed. UEPG, 2017.

FRESU, Gianni.. Gramsci e o Fascismo. **Revista Práxis e Hegemonia popular**, ano 4, n. 4, p. 9-20, jan./jul., 2019. Disponível em: <http://igsbrasil.org/praxis/edicao-4/gramsci-e-o-fascismo/>. Acesso em: 17 de Agosto de 2020.

GRÖHS, Karla Isabel da Costa. **O ensino domiciliar: um movimento de relações socioeducativas com a crise da escola?** Disponível em: [TEDE: O ensino domiciliar: um movimento de relações socioeducativas com a crise da escola? \(unioeste.br\)](http://teede.unioeste.br). Acesso em 18 de Jan. de 2023.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETTO, Elba Siqueira de Sá; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de; ALMEIDA, Patrícia Cristina Albieri de. **Professores do Brasil: novos cenários de formação**. Brasília: UNESCO, 2019.

GATTI, Bernardete Angelina. **Construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília, DF: Plano, 2002.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

GENTILE, Emílio. **La via italiana al totalitarismo: Partido y estado en el régimen fascista**. Tradução de Luciano Padilla. Buenos Aires : Siglo XXI Editores Argentina, 2005.

GRAMSCI, Antonio. **Caderno 10 (1932-1935) A filosofia de Benedetto Croce**. In: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**, volume 2: os intelectuais, o princípio educativo. Tradução Carlos Nelson Coutinho. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

GRAMSCI, Antonio. **Os dois fascismos**. Campinas, SP: Cadernos Cemarx, nº 13,2020. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/14746/9727>. Acesso em: 31 de maio de 2023.

GRAMSCI, Antonio. **Homens ou Máquinas?: escritos de 1916 a 1920**. Seleção de artigos e apresentação de Gianni Fresu; Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Rita Coitinho. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

GRAMSCI, Antonio. **Odeio os indiferentes: escritos de 1917**. Seleção, tradução e aparato crítico Daniela Mussi, Alvaro Bianchi. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

GRAMSCI, Antonio. **Escritos Escolhidos (1915-1920)**. Traduzido por Anita Helena Schlesener e Ana Paula Schlesener. Marília: Lutas Anticapital, 2022.

GRAMSCI, Antonio. **Escritos políticos (1921 -1926)**. Organização e tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Cardeno 13 (1932-1934): Breves notas sobre a política de Maquiavel**. In: Cadernos do Cárcere. Edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho. 5ª ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2012.

GRAMSCI, Antonio. **Caderno 11 (1932-1933): Introdução ao estudo da filosofia**. In: Cadernos do Cárcere: Volume 1. Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GRAMSCI, Antonio. **Caderno 25 (1934): Às margens da história (História dos grupos sociais subalternos)**. In: Cardenos do Cárcere. Volume 5: O Resurgimento. Notas sobre a história da Itália. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. 4ª edição. Rio de Janeiro:

Civilização Brasileira, 2015.

GRAMSCI, Antonio. Caderno 10 (1932-1935) A filosofia de Benedetto Croce. In: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. São Paulo:Atlas, 2002.

INÉDITO- Novos dados sobre o aborto no Brasil. **O assunto**. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/4e9z0yprF4VVj9HVDmj8Bw?si=Pf_9M1e6Qx2zusedeFUquQ. Acesso em: 05 de Jun de 2023.

KONDER, Leandro. **Introdução ao Fascismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

KORYBKO, Andrew. **Guerras Híbridas: das revoluções coloridas aos golpes**. 1.ed. São Paulo: Expressao Popular, 2018.

LIMA, Henriques, Adrian, Evelyn. **Educação, conservadorismos e religião** : mapeamento e análise do avanço neoconservador na educação brasileira. Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2021.

LESSA, Sérgio. **O estudo e o momento histórico**. In: O revolucionário e o estudo: por que não estudamos? São Paulo: Instituto Lukács, 2014.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.

Página: 261-284.

LIMA, Marteano Ferreira de; JIMENEZ, Susana Vasconcelos. O complexo da educação em lukács: uma análise à luz das categorias trabalho e reprodução social. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 02, p. 73-94, 2011.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. A entrevista. In. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. 2 reimpr. São Paulo: EPU, 2014. p. 38-44.

LUKÁCS, Georg. **A Reprodução**. In: LUKÁCS, Georg. Para uma ontologia do ser social. Maceió: Coletivos Veredas, 2018.

LUKÁCS, Georg. **O ideal e a ideologia**. In: LUKÁCS, Georg. Para uma ontologia do ser social. Maceió: Coletivos Veredas, 2018.

LUKÁCS, Georg. Estética 1: **La peculiaridad de lo estético**. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1966.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe**. Tradução de Lívio Xavier. 4 ed. São Paulo: Edipro, 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital** : rumo a uma teoria da transição. Tradução Paulo Cesar Castanheira, Sérgio Lessa. 1.ed. revista. São Paulo : Boitempo, 2011.

MÉSZÁROS, Istvan. Aspectos Estéticos. In: MÉSZÁROS, Istvan. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2006. p. 173-193.

MÉSZÁROS, István. **O poder da ideologia**. Tradução Paulo Cesar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MACHADO, Gilson Batista. **Políticas públicas educacionais do governo federal nos anos de 2019 e 2020**: uma análise dos fundamentos ideológicos. Disponível em: [Repositório Institucional - Universidade Federal de Uberlândia: Políticas públicas educacionais do governo federal nos anos de 2019 e 2020: uma análise dos fundamentos ideológicos \(ufu.br\)](#). Acesso em: 18 de Jan. de 2023.

MORAIS, Roque. Uma Tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela Análise Textual Discursiva. **Ciência e Educação**, v. 9, p. 191 -211.2003.

MAGALHÃES, A. M. S; SANTOS. P. P; SANTOS, M.E.M. **Por uma breve análise do contexto histórico fascista italiano**. In: III COLÓQUIO INTERNACIONAL ANTONIO GRAMSCI (IGS-BRASIL) Filosofia da práxis e tradutibilidade: legado de Gramsci na América Latina, 2022, Goiânia. **Anais**.

MINISTRO DA EDUCAÇÃO, Milton Ribeiro, é o convidado do sem censura. 1 Vídeo (58: 18 s.) Disponível em: [Ministro da Educação, Milton Ribeiro, é o convidado do Sem Censura - YouTube](#). Acesso em: 26 de Dez. de 2023.

NETTO, Paulo Júnior. **Introdução ao estudo do método de Marx**. 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

ORWELL, George. **O que é fascismo e outros ensaios**. Companhia das Letras, 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: [Declaração Universal dos Direitos Humanos \(unicef.org\)](#). Acesso em: 23 de Nov. de 2023.

PARIS, Robert. **As origens do Fascismo**. Tradução: Elisabete Perez. Editora Perspectiva, 1976.

PARTIDO AfD, de extrema direita, elege primeiro prefeito na Alemanha. Disponível em: [Partido AfD, de extrema direita, elege primeiro | Internacional \(brasildefato.com.br\)](#). Acesso em: 04 de Jan. de 2023.

PINTO, Álvaro, Vieira. **Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

POLITZER, Georges et al. **Princípios fundamentais de filosofia**. São Paulo: Hemus, 1970.

RESENDE, Paulo Dias Leite. **O contramovimento pela despublicização**: o Escola sem Partido e os impactos da nova direita sobre a política pública de educação. Disponível em: [Repositório Institucional da UFMG: O contramovimento pela despublicização : o Escola sem Partido e os impactos da nova direita sobre a política pública de educação](#). Acesso em: 18 de Jan. de 2023.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de Massas do Fascismo**. Tradução: Maria da Graça M. Macedo. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1933.

ROCHA, Everardo. **O que é Mito?** São Paulo: Brasiliense, 1999.

SCHLESENER, Anita. **Observações sobre o projeto geopolítico mundial de concentração do capital e seus desdobramentos na educação**. In: (NEO)FASCISMOS E EDUCAÇÃO: reflexões críticas sobre o avanço conservador no brasil. Rio de Janeiro: mórula editorial, 2020.

SILVA, Thayane Ellen Machado da. **Restauração conservadora na educação**: um estudo sobre o projeto das escolas cívico-militares no Brasil. Disponível em: [TEDE: Restauração conservadora na educação: um estudo sobre o projeto das escolas cívico-militares no Brasil \(unioeste.br\)](#). Acesso em: 18 de Jan. de 2023.

SANTOS, Leonardo Lima. **Ascensão de Bolsonaro ao governo**: um estudo de caso de uma cidade do interior da Bahia. Disponível: Universidade Federal da Bahia: Ascensão de Bolsonaro ao governo: um estudo de caso de uma cidade do interior da Bahia ([ufba.br](#)). Acesso em: 18 de Jan. de 2023.

SANTOS, Edmilson Pereira dos. **A educação na pauta ultraliberal**: uma análise crítica dos discursos sobre educação produzidos e divulgados pelo Instituto Ludwig von Mises Brasil na esfera pública digital brasileira. Disponível em: FPCEUP - A educação na pauta ultraliberal: uma análise crítica dos discursos sobre educação produzidos e divulgados pelo Instituto Ludwig von Mises Brasil na esfera pública digital brasileira. Acesso em: 18 de Jan. de 2023.

SILVA, Alessandra Cândida da. **A escola sem partido e o discurso conservador no cenário da educação brasileira**. Disponível em: [Metadados do item: A escola sem partido e o discurso conservador no cenário da educação brasileira \(ibict.br\)](#). Acesso em: 18 de Jan. de 2023.

SANTOS, Maria Escolástica de Moura; AMORIM, Maria Gorete Rodrigues de; SANTOS, Ranielly da Silva dos. Neoliberalismo e Educação na atuação dos Think Tanks. **Revista Linguagem, Educação e Sociedade - LES**, v. 27, n. 53 2023.

SANTOS, Edmilson, Pereira. **A educação na pauta ultraliberal: Uma análise crítica dos discursos sobre educação produzidos e divulgados pelo Instituto Ludwig von Mises Brasil na esfera pública digital brasileira**. Mestrado em Ciências da Educação. U. Porto, 2021.

SZNAJDER, Mario. Fascismo e Intolerância. In: CARNEIRO, Maria Lúcia Tucci; CROCI, Federico. **Tempos de fascismos: ideologias, Intolerância, Imaginário**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2010.

SANTOS, D; GONSALVES, R. M. P; ARAÚJO, A. C.B; TEMÓTEO, W. L. Por uma leitura antológica do cotidiano: contribuições iniciais. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 13, n. 30, 2005.

SANTOS, Maria Escolática. M. ; SANTOS, Pedro Pereira. Escola sem partido neoliberalismo e conservadorismo de mãos dadas. **Rev. FAEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 29, n. 58, p. 32-47, abr./jun. 2020.

SEMERARO, G. (2020). **Das “armas e religião” nos cadernos do cárcere de Antonio Gramsci**. *Germinal: Marxismo E educação Em Debate*, 11(3), 181–191. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/gmed.v11i3.36408>. Acesso em: 27 de Dez. de 2023.

STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo: a política do nós e eles**. Tradução de Alexand, Bruno Brasil:L&PM,2018.

SAVIANI, Demerval. Como avançar? Desafios teóricos e políticos da Pedagogia Histórico-Crítica hoje. In. PASQUALINI, J. C.; TEIXEIRA L. J.; AGUDO, M. de M. (Orgs.) **Pedagogia Histórico-crítica: legado e perspectivas**. Uberlândia-MG: Navegando publicações, 2018. pág-235-256.

SIRGADO, Angel, Pino. O social e o cultural na obra de Lev. S. Vigotski. **Educação e Sociedade**, 71, p. 45-78, 2000.

SEPULVEDA, José, Antonio; SEPULVEDA, Yuri; SEPULVEDA, Denise. **Neofascismo e educação em um contexto de fundamentalismo religioso cristão**. In: (NEO)FASCISMOS E EDUCAÇÃO: reflexões críticas sobre o avanço conservador no brasil. Rio de Janeiro: mórula editorial, 2020.

TOMMASELLI, Guilherme Costa Garcia. **Escola Sem Partido: Indícios de uma Educação Autoritária**. Disponível em: [Escola Sem Partido: indícios de uma educação autoritária \(unesp.br\)](https://unesp.br). Acesso em: 18 de Jan. de 2023.

TEIXEIRA, Tatiana. **Os Thiks Tanks e sua influência na política externa dos EUA**. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

TOGLIATTI, Plamiro. **Lições sobre o fascismo**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1978.

TROTSKY, Leon. **A luta contra o fascismo: revolução e contrarrevolução**. Traduzido por Mario Pedrosa (1933) e Rafael Padial (2019) . São Paulo: Sundermann, 2019.

UOL. Brasil tem 26 assassinatos por intolerância política em 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2022/07/18/mortes-por-intolerancia-politica-no-brasil-ja-superam-as-de-4-eleicoes-nacionais.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 16 de Nov. de 2023.

VAISMAN, Ester. A ideologia e sua determinação ontológica. **Verimotio revista on-line**, n. 12, ano VI, out./2010.

APÊNDICE

APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO SÒCIO-ECONÔMICO

1. Idade: _____ anos
2. Sexo: () masculino () feminino
3. Onde você mora? () zona rural () zona urbana
4. Qual o número de pessoas que moram com você? () 1 () 2 () 3 () mais de 3
5. Seus pais possuem algum emprego remunerado? _____
6. Qual a carga horária semanal deste emprego? _____
7. Qual o nível salarial da sua família? _____
8. Quantos livros seus pais compram para você ler anualmente? _____
9. Você usa alguma rede social (Facebook, Instagram, etc.)? Si sim, Qual? _____
10. Você é adepto de alguma religião? Si Sim, Qual? _____
11. Você já vota?

APÊNDICE 2 - ROTEIRO DO GRUPO FOCAL

1ª SESSÃO DO GRUPO FOCAL		
Objetivos	Atividades	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentar a pesquisa, seus objetivos, os procedimentos metodológicos e a escolha dos integrantes do grupo focal; • Divulgar as formas de registro das discussões, bem como a garantia do anonimato dos envolvidos e preenchimento do termo de consentimento livre e esclarecido; • Solicitar que todos os envolvidos participem das discussões 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da pesquisa e da moderadora • Entrega de documentos • Confeção de crachás com os nomes fictícios dos estudantes 	<ul style="list-style-type: none"> • Papel A4 • Pincéis • Cartolinas • Tesouras

2ª SESSÃO DO GRUPO FOCAL

Objetivos	Atividades	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> Identificar as reverberações das seguintes características neofascistas no cotidiano dos estudantes: anticomunismo, defesa de um passado mítico, propaganda, distorção dos fatos e conservadorismo. Refletir sobre frases emitidas por integrantes do ex governo federal brasileiro 	<ul style="list-style-type: none"> Apresentação das seguintes frases: “vamos unir o Brasil pela vontade de nos afastarmos de vez do socialismo [...]”; “o que seria do Brasil sem as obras do governo militar? Não seria nada. Seria uma republiquela. É uma luta da verdade contra a mentira, da história contra a estória, do bem contra o mal”; “vamos fuzilar a petralhada aqui no Acre”; “no meu caso particular, pelo meu histórico de atleta caso fosse contaminado pelo vírus (Covid-19), nada precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria quando muito acometido por uma gripizinha ou 	<ul style="list-style-type: none"> Cartazes Celulares para gravação das falas

resfriadinho [...]” e;
o último slogan do
ex presidente da
República (2019-
2022) “Brasil acima
de tudo, Deus acima
de todos”.

3ª SESSÃO DO GRUPO FOCAL

Objetivos	Atividades	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> • Identificar as reverberações da vitimização neofascista no cotidiano dos estudantes • Refletir sobre frases emitidas por integrantes do ex governo federal brasileiro 	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação das seguintes frases:): “jamais iria estuprar você, porque você não merece”; “a educação é técnica; a universidade é para poucos; “direitos humanos é para bandidos”;; “as leis no meu entender existem para proteger a maioria, as minorias têm que se adequar”; “Eu fui num quilombo [...] o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Acho que nem 	<ul style="list-style-type: none"> • Cartazes • Celulares para gravação das falas

para procriadores
servem mais. Mais
de 1 bilhão de reais
por ano gastado com
eles”.
